

REVISTA

DA SEMANA

N. 19 12-5-65 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

**SOMBRA E ÁGUA FRESCA
(MINERAL) EM CAXAMBU
O LIXO TAMBÉM FAZ MILIONÁRIOS**



A stylized, high-contrast black and white illustration. At the top left, a flute is shown. Below it, a trumpet is depicted. To the right, a violin is shown. Musical notes and staff lines are scattered around the instruments. The background is a dark, textured grey. The title 'Música para a Juventude' is written in a large, bold, sans-serif font, tilted upwards to the right. Below the title, the author's name 'José Siqueira' is written in a smaller, similar font.

Música para a Juventude

José Siqueira

JOSÉ SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Dispondo de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiverem a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★
Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal :
Cr\$ 250.00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, José Maria Rodrigues, Sérgio Andrade, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

Freud — O Homem que Acabou	4/6
Festival de Sombra e Água Mineral Fresca	16/23
Potências Militares em Luta Pela Lua	24/26
O Monstro de Olhos Verdes Fascina a Platéia	31/34
O Lixo Também Pode Fazer Milionários	58/61

◆ SEÇÕES

Grand Monde	7
Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (A. F. Schmidt)	11
TV na Revista	27
Astrológica	28
Pelas Esquinas da Noite	30
Literatura	35
Flash Paulista	38/39
Música	42
Por Esse Mundo de Deus	46/47
Revista há 50 Anos	49
Conversa de Mulher	54/55
Itinerário do Brasil	57
Último Flash (Dia das Mães)	62

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

◆ LITERATURA

Dia das Mães (Eneida)	3
O Avô Arkhip e Lenka (M. Gorki)	12/13
Cintia (Breno Accioly)	50/51

◆ VARIEDADES

Elizabeth de Áustria	15
Horas de Desespêro	36/37
O Que é um Católico?	44/45

◆ CAPA

Tônia Carrero e Paulo Autran, em «Othelo», de Shakespeare.



DIA DAS MÃES

◆ O comércio se agita, jornais, sindicatos e particulares se agitam também para eleger a Mãe do ano ou para os preparativos do dia 13 de maio, escolhido para o Dia das Mães. Não creio que seja necessário um dia especial para se comemorar aquelas que nos puseram no mundo e tiveram, além das dores ou dos medos de nossos nascimentos, os trabalhos e cuidados que toda infância requer, se bem que, infelizmente, muitas crianças nada recebiam de suas mães. Antes acho que todos os dias são propícios para amarmos apaixonadamente nossa mãe o que não impede que — não querendo ser nem parecer espírito de porco ou oposicionista sistemática — eu saúde, em 13 de maio, todas as mães do mundo: pretas, brancas, amarelas, cafusas e mulatas, principalmente aquelas que usam o título com abnegação, galhardia, dedicação e orgulho.

◆ As vitrinas exibem agora especiais decorações; o cartaz este ano foi realmente bonito, com um menino e uma menina alegres carregando embrulhos e dando um Viva a Mamãe! Vejo tudo isso com uma certa alegria se bem que lembre: minha mãe morreu sem ter um dia especial para ser comemorada, ela que foi a mais desvelada, lúcida e compreensiva das mães. Talvez se viva fôsse — e poderia estar ainda aí velhinha hoje, ela que partiu com os cabelos tão negros — reprovasse esse meu pensamento e dissesse justamente o que repito sempre: todos os dias são propícios para se comemorar uma boa mãe. Uma boa mãe; eis a dificuldade na escolha da melhor para simbolizar o dia 13 de maio. Qual será a boa mãe, neste momento? aquela que trabalha como uma doida para dar aos filhos instrução e conforto se bem que privando-os do maior deles, ou seja, de sua companhia constante e tão necessária? Aquela que fica em casa para criá-los e educá-los privando-os de uma vida melhor, já que o salário paterno muitas vezes não chega para alimentá-los, sequer? Qual será a boa mãe? aquela que aceita os filhos como são, apenas guiando-os, ou as que lutam para fazê-los à sua imagem e semelhança? São alguns raciocínios inspirando teses sobre esse problema que de início parece tão simples, mas que na realidade é muitíssimo complicado.

◆ Vejo os cartazes e as vitrines, ouço a voz de meu filho homenzeando perguntando o que vou querer de presente e leio, com um certo nó na garganta, o apelo para que seja eleita a mãe do ano a sofridora Izabel Amalia Monteiro, (todos conhecem sua história tão dolorosa) e vejo que um colégio se negou a receber uma meninazinha, apenas porque era filha de um casal desquitado. A mesma tristeza tive outro dia quando me coloquei ao lado dos que defenderam o garotinho de cor que um colégio expulsou porque era preto. Triste e dolorosa a vida de nossas crianças. Sofrem inclusive, não pelos seus erros que nem erros são, restringidos à liquidação de bonecas ou objetos, a usar e abusar de uma desenfadada alegria, empregando-a em todas suas ações, mas que jamais podem obstar que se separem um pai de uma mãe, que jamais poderão optar, pelo coração, se ficam com o pai ou seguem pela vida agora com a mãe. Triste, dolorosa a vida das crianças num país sem divórcio onde se sucedem os desquites, ficando as crianças de um para o outro lado, num terrível, doloroso jogo de empurra que só traz prejuízos às suas formações. Triste a vida das crianças que nasceram escurinhas num país onde o negro teve tão importante papel na sua formação étnica e social. Triste um país em que se negam às crianças direito à escola, como se negam parques de diversões, jardins, etc., a elas, as vítimas das casas sem quintal, prisioneiras desses monstros chamados arranha-céus.

Comemoro neste 13 de maio todas as mães do mundo, não porque todas possam usar o título com orgulho, mas porque nelas estamos comemorando as crianças — os filhos — esses que conseguiram amar suas mães por um motivo de amor e não apenas por obrigação social. Para mim e porque até hoje amo profundamente minha mãe, reafirmo que todos os dias são poucos e curtos para amarmos aquelas que merecem como uma glória o título de Mães.

A propósito do centenário de



FREUD EM SEU GABINETE EM VIENA — Sabemos hoje que as razões que levaram Freud a descobrir a Psicanálise se encontravam na necessidade de melhor conhecer-se a si mesmo, e de superar as dificuldades mentais que tanto o atormentaram em seus anos juvenis.

FREUD

O HOMEM QUE ACABOU COM O FALSO PUDOR

PORQUE OS SONHOS E O SEXO ESTÃO PRESENTES NAS TEORIAS DA PSICANÁLISE ★ SUPERADAS, HOJE, ESSAS TEORIAS? ★ APESAR DE TUDO, UMA DÍVIDA DA HUMANIDADE

PARA COM O PESQUISADOR DAS CAUSAS EMOCIONAIS DO HOMEM ★ COM A PALAVRA O DR. WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA

NA semana que se encerrou a 6 de maio, grandes comemorações foram realizadas em todo o mundo para homenagear a passagem do centenário do nascimento de Sigmund Freud, genial psicólogo que, na última década do século passado, sacudiu o mundo científico com as suas surpreendentes descobertas acerca do homem e dos seus mais secretos mistérios.

No Rio, a Sociedade Brasileira de Psicoterapia, que congrega os mais destacados especialistas, promoveu um congresso com a participação de psicanalistas e psicoterapeutas de vá-

rios Estados, inaugurando-se, solenemente, com a presença do Ministro da Saúde, prof. dr. Maurício de Medeiros.

Ao ensejo desse simpósio comemorativo, tivemos oportunidade de ouvir o dr. Walderedo Ismael de Oliveira, conceituado especialista patricio e que, além de livre-docente de Psiquiatria da Universidade do Brasil, é também membro da Associação Psicanalítica Internacional, e foi o organizador do programa de comemorações.

— Comemoramos o centenário de Freud trabalhando. Na verdade o nosso conclave consti-

tuiu o primeiro congresso de Psicoterapia que se reúne no Brasil. A dívida da humanidade para com Freud é muito grande. Quase sempre limitamo-nos a considerá-lo como o «descobridor da psicanálise», e pouca gente se apercebe da extensão de sua obra, das aplicações que suas descobertas tiveram na medicina, das perspectivas que as suas idéias e hipóteses abriram para outros ramos científicos: a Sociologia, a Antropologia, a História das Religiões, das Artes, etc. Em qualquer setor em que se mova o indivíduo, sobre ele o influxo ou recebe os benefícios dos descobrimentos freudianos.

«E isso por uma razão muito simples — acen-tua — Freud abordou o ser humano na sua es-sência mais íntima, nas suas raízes mais secre-tas. A sua lente de investigador voltou-se para a mente do homem perscrutou as suas obs-curas origens, tentando descobrir os fundamen-tos modestos daquilo de que se orgulha tanto o homem — o seu espírito.

NOSSOS IMPULSOS PRIMITIVOS

Discorrendo sobre a genialidade de Freud e a grandeza de nos revelar as humildes origens da mente humana, prossegue o dr. Walderedo:

— Graças a ele, sabemos hoje que tudo o que possuímos de mais diferenciado e hierar-quizado, todas as características que nos con-ferem um lugar proeminente na escala dos sé-res, têm as suas bases em instintos biológicos primários, e nada mais representa do que uma renovada façanha, em que o homem sobrepõe os valores culturais e morais por ele criados, às forças instintivas que trabalham permanen-temente seu mundo interior. Por isso, todo in-divíduo, se aperceba ou não, está em contacto e sobre as influências do que constituiu toda uma vida de incansável trabalho a Sigmund Freud — seu inconsciente.

«As atividades do ser humano; suas inclina-ções ou preferências; seus interesses e ideais na vida; seu comportamento ou o rendimento do seu trabalho; suas fantasias religiosas ou seus ideais filosóficos entim, todas as suas for-mas de expressão e manifestação diante do mundo ou em relação a seus semelhantes, são maneiras de traduzir e expressar impulsos mu-ito primitivos, de que geralmente ele não chega nunca a conhecer a verdadeira natureza. Pois o mérito de Freud foi descer a essas profundi-dades e revelar os impulsos básicos que dão energia à pessoa humana: os agressivos e os de natureza erótica.

O QUE É PSICANÁLISE

Acentuando que ainda há muita confusão em torno da definição da «Psicanálise» — continua o ilustre médico:

— Em geral, as pessoas chamam de «Psica-nálise» um método terapêutico para tratamento das enfermidades mentais. Na realidade, esta é uma aceção correta; mas não comporta a totalidade do conceito. O método de tratamento psicanalítico constitui uma aplicação da Psi-canálise à Psiquiatria, e se originou nos traba-lhos fundamentais de Freud, acerca das pessoas histéricas. Mas a Psicanálise implica conceito

mais amplo: E' a ciência criada por Sigmund Freud e seus discípulos, e que tem por objeto o estudo da personalidade humana, normal ou anormal, em seus aspectos **inconsciente** e **consciente**.

«E' empregada em três acepções diferentes; pode referir-se à investigação dos fatos e deter-minantes da conduta humana que escapam à observação dos pensamentos e intenções cons-cientes, investigação realizada pela própria introspecção (foi o caso de Freud) ou através do estudo de outra pessoa; designa, também, uma técnica especial de tratamento das psico-neuroses, perversões e psicoses — e finalmente pode se referir ao sistema ou escola psicológica, criada por Freud, a qual resultou num corpo de doutrinas, das especulações e abstrações acêr-ca do material fornecido pela experiência em-pírica.

AS RAZÕES DE FREUD

Depois de esclarecer que nenhuma descober-ta é casual, e todo cientista só pode descobrir aquilo que está procurando — continua o dr. Walderedo:

— A razão aparente que levou Freud à des-coberta da «Psicanálise» e o motivo imediato parecem ter sido uma mudança brusca que aconteceu no curso de sua vida. E' sabido que ele não revelava grandes pendores pela medi-cina clínica. A necessidade de trocar a pesquisa histológica ou a patologia cerebral por uma ati-vidade que permitisse sua subsistência e seu anseio pelo casamento, levaram Freud para o campo abandonado e sem recursos terapêuti-cos que era o das histerias e demais neuroses. Não é, todavia, uma razão suficiente, mas aquê-le momento foi crucial na vida de Freud — e aqui vale relatar curioso episódio que E. Jones nos refere em «The Life and Work of Sig. Freud»: «Consultando Nothnagel, seu amigo e renomado professor em Viena, sobre seus propósitos de casamento, dêle Freud ouviu uma resposta pessimista; se pretendia casar-se, o melhor se-ria viver numa cidade de província, caso con-trário, Nothnagel poderia recomendá-lo para instalar-se em Madri ou Buenos Aires».

— «Qual teria sido — pergunta o dr. Walde-redo — o destino de Freud, e que caminho científico teria ele empreendido, caso se trans-ferisse para o nosso continente?»

INFLUÊNCIA DA PSICANÁLISE NA MEDICINA

Explicando que o setor específico para apli-cação da terapêutica psicanalítica era a psi-



Sigmund Freud

(1856 - 1939)

◆ Nascido em Freiberg, na Áustria (ho-je, Pribor, Tchecoslováquia), Sigmund Freud, de origem judia, coloca-se entre os maiores gênios que a humanidade conheceu em toda sua longa história. Des-de os jovens anos, apresentou inclinação e curiosidade por todos os estudos que se relacionassem com a essência e os mistérios da vida humana. A originalida-de e profundidade de suas pesquisas so-bre as técnicas histológicas constituíam prenúncios para as fundamentais desco-bertas que fez. Entrando em íntima cola-boração com um clínico vienense, Josef Breuer, este lhe relatou experiência ex-traordinária a respeito da histeria: a de-saparição dos sintomas através de novo método, que consistia em fazer o pacien-te lembrar, durante o sono hipnótico, as circunstâncias em que se originaram os sintomas e exprimir as emoções que os acompanhavam. Lançada a centelha, partiu Freud para Paris, em 1895, a fim de estudar com o grande Charcot na oca-sião assombrando o mundo com suas concepções acêrca do mesmo assunto. Voltou a Viena, abandonando a técnica do tratamento hipnótico e desenvolveu os primeiros passos do novo método, que denominou de «psicanalítico», usado pela primeira vez em 1896. A partir desse mo-mento se inicia o desenvolvimento da nova ciência que hoje conhecemos como a «Psicanálise». As descobertas de Freud foram tão numerosas e tão importantes suas contribuições para a psicologia, que mal se pode enumerá-las numa síntese biográfica. Fundamentais foram: a) o inconsciente e a sua influência sobre a vida consciente; b) o fato de que a men-te humana não é uma unidade, senão que está constituída por várias «cama-das»; c) o importante conceito do que ele denomina a «repressão»; d) o conceito da transferência afetiva; e) a natureza do reprimido, sexualidade infantil, noção de conflito; etc.

A sua obra é extensa. Marcaram época — «Estudos sobre a histeria», «Interpreta-ção dos sonhos», «Psicopatologia da vida cotidiana», «Uma teoria sexual», «Psicolo-gia das massas», «O mal estar da cultura» e o seu último livro — «Moisés».



AOS 82 ANOS, pouco antes de falecer, vemos Freud, em companhia de sua esposa e filho, de passagem por Paris, a caminho de Londres. Freud abandonou a Áustria, tentando fugir aos nazistas.

FREUD



OS FAMOSOS «SETE ANEIS» — Freud, numa fotografia histórica, em companhia de seus primeiros seguidores: Rank, Abraham, Eitingon, Jones, Ferencsi e Sachs. A extraordinária força do seu gênio transformou as dificuldades que o preocupavam em criações grandiosas.

quiatria, mas que a sua influência estendeu-se muito mais, prossegue:

— A importância dos fatores emocionais na vida do indivíduo, das descobertas de Freud com respeito ao inconsciente, foram encontrando aplicações nos diferentes ramos da medicina. A tal ponto que hoje na patogenia das mais diversas afecções não se pode deixar de levar em conta a vida e os conflitos emocionais do paciente. Hoje em dia um clínico que trata de um caso de asma, de úlcera gástrica, de urticária, de hipertensão, etc. sabe que não poderá proporcionar uma cura radical sem que modifique também as condições psicológicas que o levaram a enfermar. O fundamental não é resolver o sintoma, mas cuidar da totalidade do indivíduo, inclusive daquelas condições emocionais.

«Até bem pouco tempo, a medicina estava acorrentada às tendências organicistas e aos princípios da localização da enfermidade, que representava a herança legada por Morgagni e Virchow e sua concepção da patologia celular. Quando Freud se iniciava, a medicina era ciência de laboratório e o médico era apenas o «engenheiro do corpo», como o definiu Alexander.

EVOLUIU A PSICANALISE DEPOIS DE FREUD?

Depois de lembrar que toda ciência está em constante evolução, cita o dr. Walderedo, como exemplo, a própria obra de Freud:

— Muito poucos cientistas tiveram como ele a coragem de reconhecer as objeções que se poderiam levantar contra suas hipóteses, como aconteceu com sua «teoria dos instintos». Entretanto, as hipóteses fundamentais continuam de pé, e pouco se alterou depois dele. Os novos desenvolvimentos se processaram mais no sentido de aprofundar conceitos ou alargar princípios já esboçados. É o caso da chamada «Escola Inglesa de Psicanálise», — para muitos, as descobertas de Melanie Klein não são freu-

dianas. Mas a verdade é que elas foram feitas com o método psicanalítico de Freud e esclareceram problemas da vida mental infantil nas fases mais rudimentares do seu desenvolvimento.

«Poder-se-ia dizer — resumo — que as técnicas modernas de análise estão para a técnica original de Freud, como o microscópio eletrônico está para o microscópio comum».

POR QUE OS SONHOS E O SEXO?

Explica o dr. Walderedo que, como todo cientista que trabalha com objetividade, Freud não procurou dar mais importância a este ou àquele aspecto da vida emocional do homem — e frisa:

— Sem dúvida, as primeiras revelações de Freud com respeito à participação de impulsos sexuais na gênese das neuroses, desencadearam contra ele uma feroz oposição e uma sistemática campanha de descrédito. Inclusive foi a razão principal de seu rompimento com Breuer, a quem o prendiam laços de afeição. Mas, na verdade o falso pudor da sociedade da época e de muitos médicos de então, em nada abalaram as descobertas freudianas. Ao contrário, permitiram uma compreensão melhor dos preconceitos e tabus sexuais dominantes, e a realidade do mundo de hoje mostra que Freud tinha razão quando revelou a potencialidade destrutiva que cada homem leva dentro de si...

Mostrando que Freud considerava o sonho como a «estrada real para o descobrimento do inconsciente», mas que não é esta a única via de acesso, afirma que todo psicanalista sabe que o **reprimido** tem ricos e variados meios de expressão, continua:

— O que acontece é que a publicação do livro de Freud «A Interpretação dos Sonhos» constitui realmente um violento impacto na psicologia da época. Nela se encontra o mais rico material a respeito de sua própria análise pessoal e toda uma literatura sobre os fenômenos oníricos.

FREUD E O DIVAN

Fazendo referência a que a generalidade das pessoas supõe que um tratamento é **psicanalítico** porque o paciente se recosta no divan, explica:

— O divan é uma sobrevivência da época da hipnose catártica, e como sabemos Freud trabalhou primeiramente com o hipnotismo. Mas o divan oferece também comodidade para o paciente, e muitos deles se sentem mais à vontade, e menos tensos, quando recostados. Todavia, o tratamento não depende de se usar ou não o divan. Para ser «psicanalítico», um tratamento exige os seguintes requisitos: o conceito de inconsciente e de repressão, uso da interpretação para vencer as resistências, e a análise das atitudes e sentimentos do paciente para com o médico. Se ao lado disso há neutralidade e não intervencionismo por parte do médico, o seu tratamento é **psicanalítico**.

DE VIENA PARA LONDRES

Finalizando, informa-nos o dr. Walderedo que, embora em Viena exista a primeira sociedade psicanalítica que se fundou, e que teve origem na «Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras», que reunia em casa de Freud um restrito grupo de seus seguidores, como Adler, Kahane, Reitler e Stekel, atualmente, os centros mais importantes de estudo e trabalho psicanalítico se encontram na Inglaterra, em algumas cidades norte-americanas e Buenos Aires.

— O próprio Freud teve que abandonar a cidade onde viveu quase toda a sua vida ante a brutal invasão nazista, como fizeram, aliás, antes dele centenas de outros estudiosos que não encontravam no novo regime condições para nenhum trabalho científico, a não ser ao preço de transações. Os poucos que ficaram, sem dúvida, não puderam acompanhar o desenvolvimento que atingiu a psicanálise, e que resultou do trabalho livre e autêntico dos analistas que se radicaram no mundo livre.



GRAND Monde

escreve Jeff Thomas

Grand Monde internacional



LEONORA AMAR NÃO FILMARÁ «TYPEC» COM GREGORY PECK.

Jeanette Edris vai casar. O seu casamento está marcado para junho próximo com o milionário Winthrop Rockefeller. ★ Comenta-se em Hollywood que o famoso campeão de «baseball» Joe Di Maggio (ex-marido de Marilyn Monroe) teria sido convidado para viver na tela o papel de Connie Mack. Como vocês sabem Connie (já falecido) foi um grande jogador de «baseball».

◆ Leonora Amar não filmará ao lado de Gregory Peck — Minha famosa coleção de Hollywood Louella Parsons noticiou há bem poucos dias em sua coluna que nossa conhecida beldade Leonora Amar havia sido convidada pelo produtor John Huston para filmar ao lado de Gregory Peck, nas ilhas dos Mares do Sul a película Typec. E que apesar de ter trabalhado em vários filmes no México jamais fez um para estúdio americano. Sobre o assunto já ouvi Leonora Amar, que se encontra atualmente no Rio, hospedada no Copa. Disse-me o seguinte: «Realmente recebi o convite, mas já respondi declinando, porque meu esposo (Miguel Aleman, ex-presidente do México) não permite que eu faça mais filmes. «Quanto à segunda, não é verdade que eu não tenha feito filme para estúdio americano. Aliás, me surpreendeu muito a colunista Louella ter noticiado isso truncado».

Victorio Ramanelli e Carmem Salem foi o par mais constante numa recente noite de gala no «Golden-Room». Carmem estava uma beleza, com um bonito vestido vermelho. — Como anunciei para vocês o cronista Roberto Vasconcelos vai realmente casar-se com a senhorita Sônia Câmara Cruz. Para isso Roberto já se encontra em New York, onde pretende voltar somente no próximo ano. Deixará a crônica social? É o que me perguntaram. — Na noite de gala do «Après-Midi» no Copa Baby Vignoli estava (sem par) sôzinha... Até quando, Baby? Aliás, aconselho você a «snobar» determinadas pessoas... — Fui informado de que determinado casal muito conhecido do «society» separaram-se (somente agora) em caráter definitivo. — A senhorita Prescilda Pinotti vai realmente abandonar o «ballet». Aliás, Prescilda está nada mais

nada menos do que tomando um categórico conselho meu dado há cinco meses atrás. Já deve ter novo «hobby»! — Lilian Souza Campos reatou seu namôro com o jovem Helvécio Fernandes que é ainda um debutante «play-boy». — O assunto de Gilda Joppert da Silva é o paulista Mauricio Duque. Namôro agora, noivado logo mais. Não é, Gilda? — Tenho visto com muita frequência o senhor Ricardinho Fazanello em companhia de uma jovem (não muito) loura, que ainda não identifiquei. Será que é o novo «love» da mais «snob» figura do

Pequenos Flashes

MOVIMENTADO jantar-dançante vai acontecer dia 8 na Hípica. Muita gente já reservou mesa para esse acontecimento que marcará a abertura da «saison» na Hípica. O senhor Agenor Ferreira Guimarães (Diretor Social) encontra-se na supermovimentação. «Bola-na-Rêde», Agenor. ★ O deputado Luiz Carlos Pujol, de São Paulo, quando está no Rio, faz pouso tôdas as noites no Sacha's, e sempre bem acompanhado. ★ A escritora Lúcia Fagundes Teles «mudou de idade» com champanhotas, livros e tudo. ★ O sr. Harry Stone ofereceu um movimentado e elegante «cock-tail». Os convites, segundo Mister Harry, foram feitos pelo Embaixador Dunn. Diplomacia, diplomacia... convites à parte. ★ Fernando Aguianga é a elegância mais petropolitana que circula aos sábados no Bife de Ouro. ★ A convite da Carlos Brawd foi assistir a «Madmoiselle» no Teatro do Copa, numa interpretação dos «Artistas Unidos». O trabalho está magnífico e vale a pena ser visto. ★ Murilinho de Almeida (muito Piaf) fazendo charme e cantando nas mesas no Sacha's. ★ Esta coluna está preparando, com a direção da Hípica e a senhora Fernanda Pires da Silva, o «Baile do «Scharlston», para o próximo dia 24. Será uma «soirée-snob» de «black-tie» com a participação de vinte moças do «society» (com seus pares), que comparecerão devidamente a caráter para dançar o «Scharlston». ★ Jane Morgan está fazendo sucesso (casa cheia) no «Mid-Night». ★ O «public-relations» Oscar Ornstein é mesmo dos diabos, pois o homem só joga «bola-na-rêde». ★ A festa das Rosas está chegando rápido. Fui informado de que a dêste ano será a última. ★ O Bar do Hotel Plaza deverá ser inaugurado ainda esta semana com pista de danças e um movimentado «show» com os «galãs» amadores do Plaza e ainda a participação de Bagunça. ★ Estêve no Rio para tratar de «business» o meu amigo Roberto Suplicy, de São Paulo, com quem tive o prazer de almoçar na piscina do Copa. Ostras e tudo. ★ Sábado passado o Embaixador de Hollywood, Mister Harry Stone e o Senhor Luiz Severiano Ribeiro, receberam o «society» carioca no Cine Palácio para a «avant-première» do filme «Summertime». ★ Foi muito vulgar a última recepção dada pelo Embaixador do Japão, ★ O «Scotch» e o «Le Bistré» funcionando muito bem com uma frequência elegante. ★ Dia 12 o Lagoinha vai reiniciar seus jantares-dançante. Nesta data o senhor Raul Cobra Filho muda de idade. ★ Na semana que passou esta coluna promoveu um «cock-tail» no Clube Comercial em homenagem à crônica social. No próximo número focalizarei o assunto. ★ O sr. Francisco Eduardo de Paula Machado reuniu, em sua residência na rua São Clemente, a imprensa carioca para fazer a comunicação da candidatura do Dr. Mário de Azevedo Ribeiro à reeleição para a presidência do Jôquei Clube Brasileiro.



SR. FRANCISCO EDUARDO DE PAULA MACHADO: ELEIÇÕES NO JÔQUEI CLUBE BRASILEIRO

Gossips

«café-society»? — Osvaldo Vidigal ficou noivo em São Paulo. Mas até o momento o nome da referida noiva ainda não está catalogado nas colunas sociais.

— Foi ao fim um dos meus últimos «loves», porque já parecia durar (dois meses) século. Estou muito «miffed».

P.S.: Estou chegando de São Paulo: Grande Prêmio, chapéu «gelot», paletó-escamado, gossips, colunistas, etc., etc., etc... Aguardem reportagem.

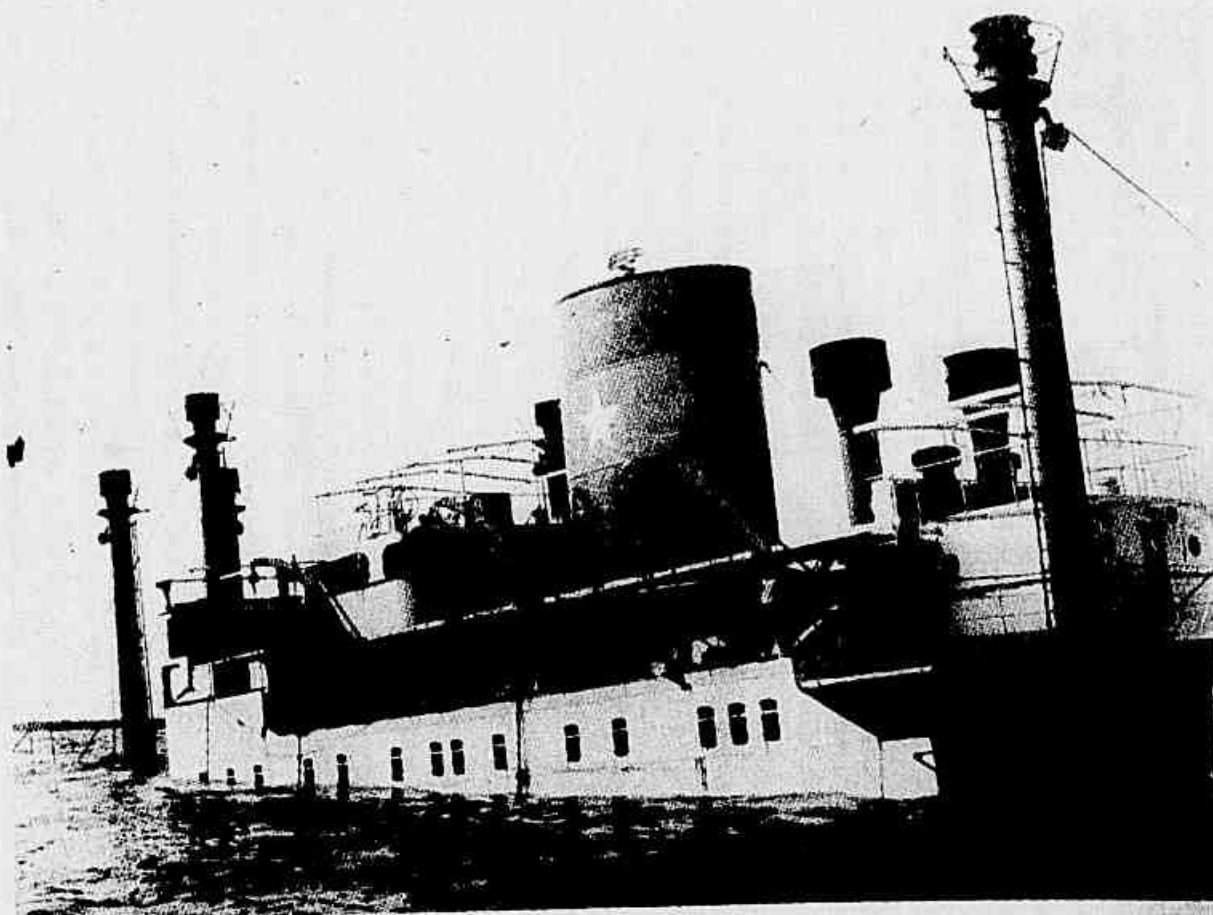


LILIAN DE SOUZA CAMPOS REATOU SEU ROMANCE.

SEMANA EM REVISTA



♦ **A PRAGA QUE PEGOU** — Esses soldados estão executando, no grande Estádio Municipal de Praga, na Tchecoslováquia, o Hino Nacional Brasileiro, pouco antes do encontro ali travado entre a seleção nacional e a tcheca, encontro que, como sabemos, terminou com um empate de 1 a 1. Porém, para nós, que aqui ficamos do outro lado do Atlântico, de ouvido colado ao rádio, as notas do Hino Nacional mais parecem as de alguma marcha fúnebre, a de Chopin, por exemplo, ou quem sabe a de Beethoven, ainda mais fúnebre. Principalmente após a derrota do selecionado diante do esquadrão italiano — derrota feia, de zero, inofismável, capaz de desmoralizar qualquer seleção. Dizem que os meninos estranharam o calor que reinava em Milão, depois de tantos dias de excursão por países frios...



♦ **O ALTAIR EM MAUS LENÇÓIS** — O navio holandês «Altair», comandado pelo capitão Krop, tendo por oficiais Jan Lucas, Willem van Heere, J.F.S. Van der Plas e Dirk Barnveldt, à altura da cidade de Vitória, no Espírito Santo, foi de encontro a um penedo, fazendo água. É que o comandante, não conhecendo o português, não pôde saber pelo «Aviso aos Navegantes», que tinha havido alteração nos sinais indicativos da perigosa pedra à flor d'água. Depois de consumado o fato, obstinou-se por vários dias o comandante Krop a abandonar seu navio, certamente lembrado de que «o oceano é o único sepulcro digno de um marinheiro bávaro...» Depois, raciocinando melhor, resolveu abandonar sua torre de comando, após ter-se certificado de que a culpa pelo acidente não era, afinal de contas, sua, mas simplesmente do destino.

INTERNACIONAIS

EKATERINA FURSTEVA, que desde há algum tempo faz parte do «Presidium» (o mais alto órgão de direção do sistema soviético de governo), é a primeira mulher a assumir um cargo de tal importância na União Soviética.

REALIZOU-SE HÁ pouco na Alemanha um inquérito subordinado à pergunta: «O que pensa você da mulher alemã?». Em mil depoentes, vinte por cento responderam: «São feias e egoístas»; vinte por cento: «Histéricas»; quatorze: «Fúteis, vazias»; dez: «Materialistas»; trinta e quatro por cento abstiveram-se de comentar, mui sãbiamente, e só dois por cento retrucaram: «Bonitas, interessantes»...

SOFIA LOREN e Marilyn Monroe terão oportunidade de se conhecerem, examinando-se as medidas respectivamente, muito em breve. É que ambas rodarão filmes em Cannes, dentro de alguns meses. Já não há lugares, nos hotéis, para presenciar a disputa.

EM PARIS, um homem roubou uma valise de bom tamanho, que estava sobre um balcão, na «Gare du Nord». Foi para casa mais do que depressa, a ver o que tinha conseguido com seu «trabalhinho». Qual não foi sua surpresa quando, ao abrir a valise, dela saltou uma serpente de dois metros, que logo se embarafustou por debaixo de um móvel, causando ao homenzinho imenso terror! Depois, soube-se que a valise pertencia a uma domadora de cobras, que, recém-chegada a Paris, pretendia exhibir-se num circo local...

NAS FILIPINAS, o Parlamento aprovou uma lei, regulando que o beijo só pode ser entre nacionais do país. Motivo da lei: a chegada a Manila, por entre grandes manifestações das meninas, do ator Marlon Brando...

EM LONDRES apareceram recentemente dois Sóis, no céu. O fato despertou a curiosidade dos londrinos, sendo que os comunistas logo atribuíram o fenômeno à visita de Malenkov e dos demais dirigentes soviéticos...

UM QUEIJO em formato de cubo, tendo um metro e dez de lado, e pesando mil e duzentos quilos, foi há pouco preparado na Suécia, com o leite de 1.500 vacas. Tratava-se de comemorar o 250º aniversário de fundação de uma leiteria de Rorboden.

O HINO NACIONAL malaio será composto brevemente, é o que anuncia o Primeiro Ministro Tengku Abdul Rahman, o qual, aliás, oferece um prêmio de cem mil cruzeiros ao compositor que se classificar em primeiro lugar em concurso recém-instituído.

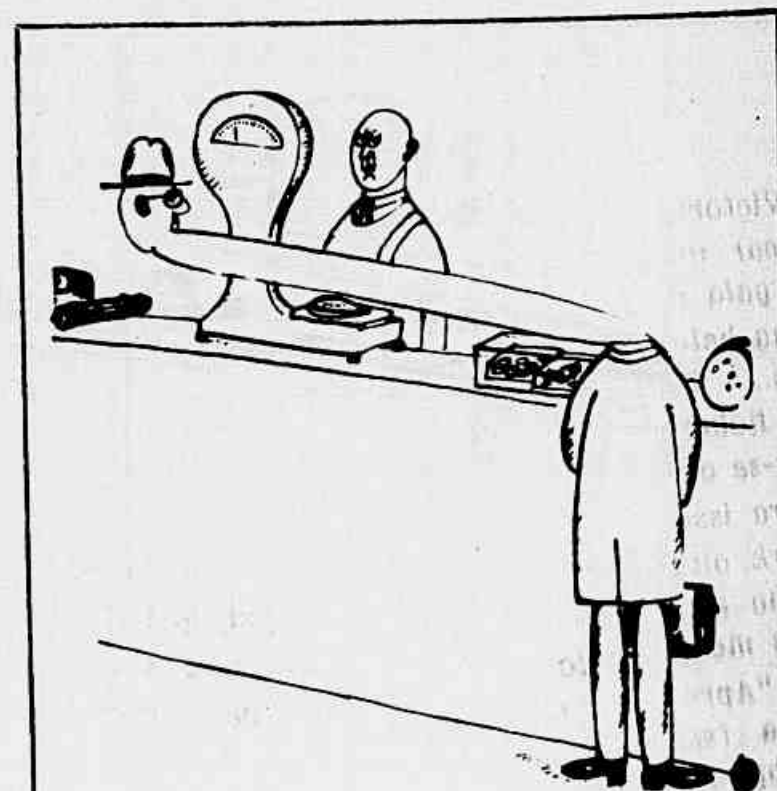
FOI VENDIDO o maior cassino do mundo, o célebre «Harolds», de Reno, paraíso norte-americano do jogo e do divórcio. Seu preço foi de 14 milhões de dólares. Fica situado em Nevada — o único Estado americano em que os jogos de azar são permitidos. Mas como são permitidos!

EM 1900, PARA cada 250 operários, empregavam os norte-americanos um engenheiro; em 1950, para cada 60 havia um engenheiro. Agora, essa cifra baixou para 15 operários. Nunca, em todo o mundo, em todas as épocas, estiveram tão valorizados os engenheiros como hoje, na América do Norte.

A COLEÇÃO de moedas do ex-rei Vitória Emanuel III da Itália é talvez a mais importante do mundo. Compreende 115 mil peças de todas as épocas. O velho ex-soberano começou a juntar moedas aos 7 anos.

GOL DO «MENGO»: ALBERTO

PARA TODO mundo que se encontrava no Estádio de Vitória, há uma semana atrás, quem fez o primeiro gol do Flamengo, contra o Rio Branco local, foi o atacante Joel. Menos para o presidente do clube capichaba. Para ele, somente, foi o fotógrafo cá de casa, Alberto Ferreira. Segundo o paredro, o clarão do «flash» de Alberto prejudicou o quíper local, que ofuscado pela luz, deixou penetrar uma bola que, de outra maneira, teria detido facilmente. Não adiantaram nada as explicações do Alberto, que teve de sair de detrás do gol do Rio Branco, indo postar-se ao lado do do Flamengo, onde ficou, mofando, até ao término da peleja...



Nando (Settimo Giorno)

DE SETE EM SETE

● *Olho grande em cima do maioral da noite, com o incêndio do "Night and Day", onde Carlos Machado apresentava Sílvio Caldas e dois "shows" bacaníssimos. Mete uns barbadinhos, velho. É o geito! — Olho grande em cima da princesa Grace Kelly e do marido. Os rapazes que daqui partiram convencidos de serem recebidos como gente "bem", ficaram atrás da cerca. Por castigo, tome pau no casal! Isso não se faz, jovens! Malandro não estrila... — Olho grande em cima do casal Mascarenhas. Só porque a moça resolveu voltar para casa e o professor lhe abriu os braços, lá vem a turma gozar na surdina... Já não existe nem o direito de uma reconciliação, meninos? Deixem papai e mamãe afinar o acordeon e toca em frente... — Olho grande, finalmente, em cima dos promotores das Semaninhas do Cinema Brasileiro. P'ra quê! Os convidados gostaram de Caxambu, alguns marcaram o seu lote de terra mesmo sem dar a prestação inicial, e o simpático Domingos Vassalo Caruso, velho batuta entre os exibidores independentes, mostrou que ainda está em forma. Enquanto outros, dos "trusts", viraram borocochô há muito tempo, com a grana e tudo... — Estão limpando a cidade e o lixo vai dar muito dinheiro. Mas até dar, tratemos de fazer a faxina diariamente. Não, apenas, quando o nariz não suporta mais a fedentina. — Na praça madame Sonja Henie à busca do marido número sete. Algum candidato a um "brôto" quarentão cheio dos dólares? Se há, que entre na pista antes que o gelo fique derretido. — E o Dia do Papai virá agora, depois que o da Mamãe já fez vender muito presente. Pior é que o dinheiro para o presente do papai sai do bolso dele mesmo... (Eu, hein?) — Falam na Argentina, mas o seu governo deu uma em cheio, abolindo a Constituição peronista e repondo a antiga, a verdadeira, que era feita sob medida para os portenhos. — A propósito: já voltou a ter "baby-bife" em "La Cabaña", muchachada? — E fiquemos por aqui, que o tempo é belo, maio está no papo e a Maria Dela Costa no Municipal, com a "Rosa Tatuada" que o Raymundo traduziu num intervalo de serviço, para matar o tempo.*

ARTUR SANTOS "ABAFOU A BANCA"

♦ ARTUR SANTOS, na última Assembléia Geral do Banco do Brasil, «abafou a banca», como se diz na gíria. O deputado José Bonifácio, acionista do Banco, levantou, em termos violentos, o caso dos seguros da Carteira Industrial daquele estabelecimento, certamente deslembado de que até poucos dias, Artur Santos fôra o seu diretor. Mas o paranaense não teve dúvidas: superando o protocolo, avançou no microfone e pôs tudo em pratos limpos, em termos claros, pouco bancários, porém de certo modo bem parlamentares. Uma salva de palmas cobriu a exposição de Artur Santos. E o deputado de Barbacena, afinal, se fez as boas com o ex-senador do Paraná, que foi felicitado inclusive pelo Presidente Sebastião Paes de Almeida.



NACIONAIS

FUGIU A CADELINHA que Olegário Mariano trouxera de Portugal. Atende pelo nome de Boneca, morava em Copacabana, na residência do poeta, e é portuguesa, com certeza. O vate anda inconsolável, e Uísque — o outro cachorro da casa — idem. Está aí no que dá trocar as cigarras pelos cães.

TODOS CONHECEM o Padre Góes, da igreja de S. Judas Tadeu, o padre que recebeu também a faixa de Tricampeão pelo Flamengo, há pouco. Pois bem: o comentarista José Araújo, indignado com o que denominou erroneamente de profanação do sacerdócio, escreveu uma carta ao Papa, anexando a fotografia do padre enfaixado. Explicação: o Araújo é vascaíno...

O «SCRATCHZINHO» brasileiro apanhou feio, de 3 a 0, em Milão. É que — segundo os explicadores oficiais — a seleção estranhou o calor milanês, após o frio de Praga...

MARIO JARDIM, o tal que fez o samba com Ibrahim Sued, indignado por ter sido acusado de plágio: «Sou acusado de um crime de que também foram acusados Zola, Daudet e Sardeu. A companhia não podia ser melhor! Ora se podia...

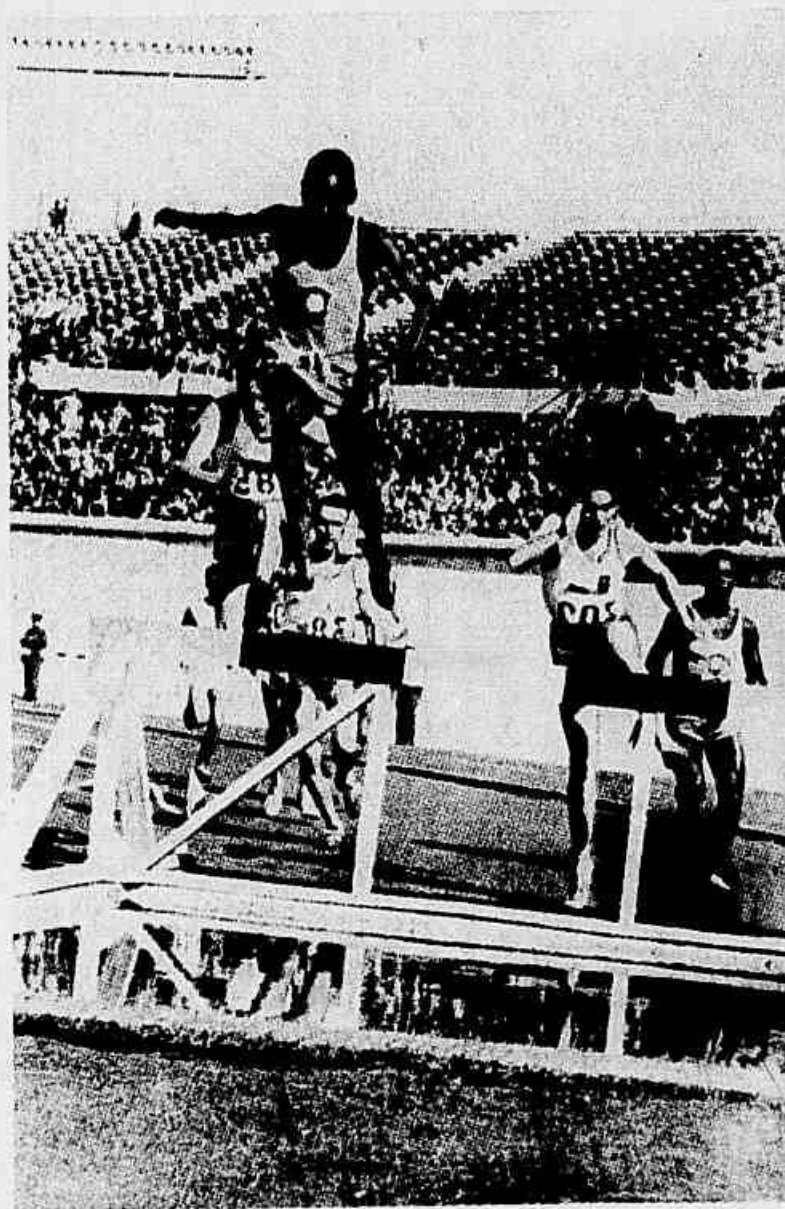
DEZ MIL BOIS, três mil e setecentos porcos, cento e quinze mil galinhas e quatro mil e quinhentos patos foram devorados pelos cariocas, só no mês de março do corrente ano.

EM SÃO PAULO, uma senhora protestante ganhou cento e vinte mil cruzeiros respondendo, na televisão, a perguntas difíceis sobre a Bíblia. A mais fácil dessas perguntas: Como se chamavam o pai, o avô, o bisavô e o tetra-avô de Cristo?

ESTER DE ABREU confirmou afinal que seu noivado com o coronel Dulcídio terminou, da maneira mais melancólica possível. Entre o fado e a farda, venceu o primeiro.

INDIO DO BRASIL, esse vereador que tem fornecido matéria a tantas piadas, algumas inverídicas, endereçou um requerimento que foi julgado ilegível por toda a imprensa. Retrucou, todo importante: «Não tenho culpa de que ninguém entenda o meu estilo».

ALIOMAR BALEEIRO, deputado udenista, saiu-se com essa frase muito boa: «Lott é o Janot Pacheco da política nacional. Quando não há nuvens, ele se encarrega de fabricar uma tempestade.»



♦ BRASIL, CAMPEÃO DE ATLETISMO — No último Campeonato Sul-Americano de Atletismo, realizado em Santiago do Chile, os brasileiros se sagraram mais uma vez Campeões, após reñhida disputa com a Argentina — disputa que apenas se decidiu depois da última prova. Em segundo lugar classificou-se a Argentina, nossa maior rival em questão de Atletismo. As fotos mostram um momento de realização da prova de 3.000 metros com barreiras (Steeplechase), aparecendo em primeiro plano o atleta brasileiro Sebastião Mendes, e o arremessador de peso Alcides Dambrois, campeão de sua especialidade, no momento de vencer com grande categoria aos demais concorrentes. Mais um Bicampeonato conquistado para o Brasil.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando peso e dor de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

DETETIVE

♦ Se V. S. mantém dúvidas quanto à conduta de alguém, procure investigar particularmente. Sigilo absoluto. Tel. 46-5963, das 22.30h. às 10 h. da manhã.

Esporte Ilustrado

A MAIS COMPLETA REVISTA ESPORTIVA DO BRASIL

TODAS AS QUARTAS-FEIRAS
PREÇO CR\$ 5,00

Aprenda facilmente HARMÔNICA

Pelo método do prof. A. SCHMOLL, prático, teórico, recreativo. Adaptação para harmônica do célebre método de piano do mesmo autor, adotado nos principais conservatórios de mais de 50 países, inclusive o Brasil. O mais eficiente auxiliar do professor. A venda nas boas casas de música em todo o Brasil, ou diretamente com os distribuidores, pelo serviço de reembolso postal. MÉTODOS, ESTUDOS, MÚSICAS, LIVROS TÉCNICOS, DIDÁTICOS, EDUCAÇÃO SEXUAL etc. Revendedores da Edição Saleciana «LES». A Pedido enviamos listas.

Pedidos a «P R A T O» Distribuidora Littero Musical Ltda.
Caixa Postal 1037 — Rua Sud Mennucci 234 — S. Paulo

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1—Frankfurt é a cidade de:

- Lenau?
- Goethe?
- Schiller?

2—E' marca de um famoso vinho:

- Asbach Uralt?
- Napoleon?
- Pommery Ponsardin?

3—Escreveu importante obra sobre o Estilo Barroco:

- Elie Faure?
- Wölfflin?
- Gustav Gluck?

4—Aachen, eis como se denomina a velha cidade de:

- Aix-la-hapelle?
- Lugdunim?
- Ulissiponam?

5—Qual desses escritores brasileiros foi indicado para o Prêmio Nobel:

- Manuel Bandeira?
- Coelho Neto?
- Olavo Bilac?

6—Como se chamava, originalmente, a ópera «Rigoletto»:

- «Il Re se Diverte»?
- «La Maledizione»?
- «Triboulet»?

7—«Le Barbier de Séville» é de Beaumarchais; quais os primeiros nomes de seu autor:

- Jean Pierre?
- Pierre Augustin?
- Pierre Joseph?

8—Qual desses pintores esteve no Brasil:

- Manet?
- Gauguin?
- Post?

9—O tator «Rh» lembra que espécie de símio:

- Rhinoceros?
- Rhesus?
- Rhenus?

10—Glubb Pacha é de nacionalidade:

- inglesa?
- australiana?
- irlandesa?

11—O'Higgins é herói nacional:

- do Chile?
- da Colômbia?
- do Equador?

12—As Ilhas Galápagos pertencem:

- ao Chile?
- à Colômbia?
- ao Equador?

13—Qual dessas três nações não tem direitos sobre a Antártida:

- Argentina?
- Chile?
- Uruguai?

14—O rei inglês que outorgou a Magna Carta era da família dos:

- Stuarts?
- Plantagenets?
- Tudors?

15—«Tis a consumption until the ends of times...» — frase de:

- Hamlet?
- Volpone?
- Tragedy of Doctor Faust?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — Goethe; 2 — Asbach Uralt; 3 — Wölfflin; 4 — Aix-la-Chapelle; 5 — Coelho Neto; 6 — «La Maledizione»; 7 — Pierre Augustin; 8 — Todos eles estiveram; 9 — Rhesus; 10 — Inglesa; 11 — do Chile; 12 — ao Equador; 13 — o Uruguai; 14 — Plantagenets; 15 — Hamlet.

**A FIGURA
EM FOCO**



A. F. S.

Minha glória ninguém tira
Sou o poeta dos cinquenta.
Eu canto o verso na lira
E o dólar mesmo a oitenta...



LENKA foi ficando para trás, tremendo de medo, de um medo que gelou subitamente o sangue em todas as suas veias. Aproximou-se de um sítio rodeado de espessa folhagem, e sem perder de vista a larga figura do cossaco que os guiava, estendeu a mão, meteu entre a folhagem o embrulho e ficou neste a vista por um momento. Ao cair, desmanchou-se, e ante os olhos de Lenka apareceu o lenço azul, bordado de flores que lhe recordou instantaneamente a criança que não parara de chorar. Apareceu de novo ante ele aquela criança cheia de vida, e a sua imagem fê-lo esquecer por completo, como por arte de magia, a impressão do cossaco, a de seu avô e a de tudo quanto o rodeava... O eco dos seus soluços cessou de novo e bem amargamente em seus ouvidos, e ante si, viu cair, e emudecer a terra, lágrimas ardentes que ocultaram a seus olhos o mundo inteiro, e que encheram o seu peito de frio intenso e glacial. Neste estado de ânimo se encontrava quando atrás de seu avô entrou, num casarão, onde depressa ouviu um ruído surdo que não pôde ou não quis compreender de que procedia, e como através de um véu viu voltar sobre uma grande mesa tudo quanto continha o bernal do velho. Depois, muitas cabeças cobertas com altos gorros, inclinaram-se sobre a mesa. Uma vez aquelas cabeças pareciam sombrias e taciturnas, outras balanceavam-se através do véu que envolvia, a sua razão e surgiram ameaçadoras, terríveis... Subitamente o avô começou a murmurar, com voz enrouquecida, palavras que não se podiam entender...

— Não há razão para assim proceder comigo!... Sou inocente, Deus bem o sabe, — exclamou o ancião com voz penetrante.

Lenka começou a chorar. Então, aproximaram-se também dele. Fizeram-no sentar num banco e examinaram, um por um, os farrapos que cobriam o seu corpo.

Depressa tudo parou. O choro que comprimia a sua respiração, deteve-se na garganta de Lenka. Os soluços, mal reprimidos do avô, cessaram também, e o barulho de vozes irritadas terminou como por encanto.

— Mente Dalilovna, mente a mulher diabólica! — gritou um.

E aquela voz sombria e irritada feriu os ouvidos de Lenka.

— Talvez o tenham ocultado nalguma parte, — exclamaram vários em voz mais forte ainda, e novas e ferozes exclamações encheram o espaço.

Pareceu a Lenka que todos aqueles ruídos o agrediam nas fontes e que ia perder a razão. De repente sofreu a espantosa sensação de cair a uma grande fossa negra aberta a seus pés, escuro abismo sem fundo... Quando recobrou os sentidos, notou que a sua cabeça descansava nos joelhos de seu avô, e viu o

pareceu um punhal, porque uma garôta perdeu um lenço, nós é que temos a culpa! Somos mendigos, por isso havemos de ser ladrão!... Meu Deus, meu Deus! Por que nos castigas assim?

A voz fraca do avô feriu lastimosamente os ouvidos de Lenka. Este sentiu arder em si uma lançada, tão ardente, que o impeliu a separar-se um pouco de seu avô. Retrocedeu um passo e, fitando o semblante do velho Arkhip, pareceu-lhe distinguir as rugas que o sulcavam, sujas, mentirosas e pequenas serpentes fascinadoras... Estremeceu e estendeu o olhar. Achavam-se nos arredores da vila, sentados à densa sombra projetada pelos torcidos ramos de um álamo.

A noite caíra completamente.

Começava a elevar-se a lua, que, ao derramar os seus débeis raios prateados pelo espaço imenso da estepe, fazia-o aparecer reduzido, mais estreito, mais triste...

Muito longe, e confundidas nos limites do horizonte com os confins do céu distinguiram-se luzes violáceas que ascendiam sulcando o éter, ocultando a instantes a lua e arrojando asas de espessas sombras sobre a terra.

Aquelas sombras aglomeravam-se umas sobre as outras, precipitavam-se contra o solo, rodavam por ele e evaporavam-se repentinamente... Ouviam-se vozes, da parte da vila, e aqui e ali surgiam luzes, luzes que pareciam dirigir os seus olhares às estrélas, aquelas outras luzes fosforescentes e prateadas que brilhavam no céu.

— Vamos, meu querido. E' preciso que desapareçamos — disse o avô.

— Esperemos um pouco! — retorquiu Lenka.

Lenka tinha um grande amor à estepe. Nas suas diárias caminhadas por ela, gostava de olhar sempre para a frente, para o sítio em que a abóbada do céu se apoiava na imensa extensão da planura... E ali forjava a idéia de ver grandes e maravilhosas cidades, povoadas de criaturas tão bondosas e caritativas, que não havia nunca necessidade de lhes pedir pão, porque elas, de vontade própria, o davam a quem precisasse... E quando a estepe, cada vez mais larga, se desenvolvia ante os seus olhos e deixava ver a vila ordinária, cuja edificação e cujos habitantes em nada se diferenciavam dos que até então tinha visto, atacava-o a tristeza e considerava-se ofendido por aquela burla.

No dia seguinte, porém, a estepe, larga e livre, estendia-se de novo ante ele, e de novo imaginava que lá em baixo, longe, havia outras cidades e outras criaturas diferentes e melhores...

Oitava pensativo para além, onde as nuvens emergiam do horizonte, nuvens que poderiam tomar-se por fumo expelido pelas milhares de chaminés da cidade ideal que tanto ansiava ver...

A sua meditação foi interrompida pela surda tosse do avô.

Lenka olhou-o com piedade. O velho aspirava com dificuldade o ar. Tinha o rosto banhado em

— Lenka, meu querido Lenka, olha... — disse o velho com voz alegre e torcido ainda pelo acesso de tosse, estendeu ao seu neto alguma coisa de regular tamanho e que brilhava muito.

— E' prata!... é prata!... isso vale cinqüenta rublos, — disse.

As suas mãos e os seus lábios tremiam de sordida avareza e ao mesmo tempo de dor.

Lenka tremeu e recusou a mão que o velho lhe estendia.

— Guarda-o depressa, avô, esconde-o, — disse-lhe Lenka em tom suplicante, olhando à sua roda com receio.

— Que é isso, meu tolinho? Por ventura tens medo, meu filho?... Dirigi pela janela uma olhada rápida... vi que estava ali pendurado pela parte de dentro... apanhei-o... ocultei no meu peito... depois fui ao mato. Quando deixamos a vila, fiz como que apanhava o gorro que me tinha caído, e deitei-lhe a mão!... Que béstas que são estas criaturas!... E também apanhei o lenço... Olha!

E tirando-o de entre os seus farrapos, sacudia-o para que Lenka o visse.

A venda caiu dos olhos do rapaz: em sua imaginação desenvolveu-se uma cena dolorosa e terrível. Ele e seu avô caminhavam, agora, rapidamente, pelas ruas da vila, evitando os olhares dos transeuntes. Caminham com receio, e afigura-se a Lenka que todos têm o direito de lhes bater, de os insultar, de lhes cuspir na cara... As casas e as árvores acham-se envoltas em véu de nuvens e balançam-se sacudidas pelo vento. Soam vozes no ar.

Lenka não vê o fim do seu penoso caminho, nem a saída da cidade, nem os campos que a rodeiam. Permanecem ocultos pela apertada massa de edifícios vacilantes, que ora se aproximam deles como se quisessem esmagar, ora se afastam, de uma maneira especial por meio dos escuros vazios das janelas.

De repente, numa destas, retumba uma voz argentina que grita:

— Ladrões! Ladrões!... Gatunos!...

Dirige Lenka um olhar furtivo àquela direção, e vê na janela a mesma criança que vira horas antes chorando e que com tanto empenho ele quis defender e amparar... Ela compreende o seu pensamento e deita-lhe desprezadamente a língua de fora, ao mesmo tempo que os seus olhos azuis lhe lançam olhares também de desprezo, olhares agudos que se cravam no seu corpo como navalhas.

Esta cena reproduz-se na imaginação de Lenka, mas desaparece momentaneamente. Olhava seu avô, sorrindo com amargura.

O velho continuava falando. Falava ainda. Não se interrompia senão para tossir. Agitava as mãos. Sorria alegremente e enxugava o suor copioso que corria pelas rugas de seu rosto.

Densa e recortada nuvem cobriu a lua, e Lenka, por isso, não pôde ver mais o rosto do avô... Mas recordou a imagem da criança que chorava, colocou-a junto à daquele velho, e comparou, em sua mente, com a outra... aquele pobre velho, vacilante, ávido, andrajoso, com

O AVÔ ARKHIP E LENKA

Conto de MÁXIMO GORKI

(Continuação do número anterior)

Desenho de RAMÓN

rosto deste, inclinado sobre ele, mais doloroso, mais enrugado que nunca. De seus olhos fatigados, que pestanejavam convulsivamente, desprendiam-se lágrimas que caíam sobre ele e o molhavam...

— Estás melhor, meu filho? Vamo-nos daqui, vamos... Esses malditos expulsaram-nos!

Lenka levantou a cabeça que estava apoiada nos joelhos do velho e sentou-se ao lado deste. Imaginava ter alguma coisa muito pesada na cabeça, e temia que aquele peso o fizesse cair de costas. Apoiou-a em ambas as mãos e começou a gemer surdamente.

— Dói-te a cabeça, meu filho? Atormentaram-nos bem, estas béstas ferozes!... Porque desa-

lgrimas. Iluminado pela lua e coberto de estranhas sombras que caíam sobre os seus andrajos, sobre a sua cabeça, sobre as suas so-brancelhas e sobre a sua barba, aquele rosto contraído, com os grandes olhos abertos e brilhando em êxtase não compreendido, estava horrível e inspirava compaixão. Lenka experimentou, ao vê-lo, sensação tão singular e tão estranha, que foi forçado a afastar-se dele cada vez mais.

— Bom: fiquemos aqui — murmurou.

E sorrindo de uma maneira indecifrável, procurou qualquer coisa no seu peito. Lenka virou-se um pouco, e os seus olhos fixaram-se de novo no afastado horizonte.

a criança a quem tinha roubado, aquela criança, sã, fresca, linda...

O contraste deu-lhe o resultado seguinte: seu avô parecia-lhe um ser completamente inútil e quase tão mau, quase tão perverso como o Kochché do conto russo — criatura que encarna a fealdade e a avareza. Como era possível aquilo?... Por que lhe teria causado tanto aborrecimento?

O avô continuava, dizendo:

— Se eu pudesse reunir cem rublos, morreria tranquilo.

Houve alguma coisa, naquele instante, que se sublevoou no interior de Lenka, que repentinamente disse:

dis-
elo
mo
uito.
ten-

de
or.
elho

dis-
suo

ens
tha-
pe-
no
dei-
orro
Que
bém

so-

sua
osa
ora,
os
eio,
de
na
vól-
das

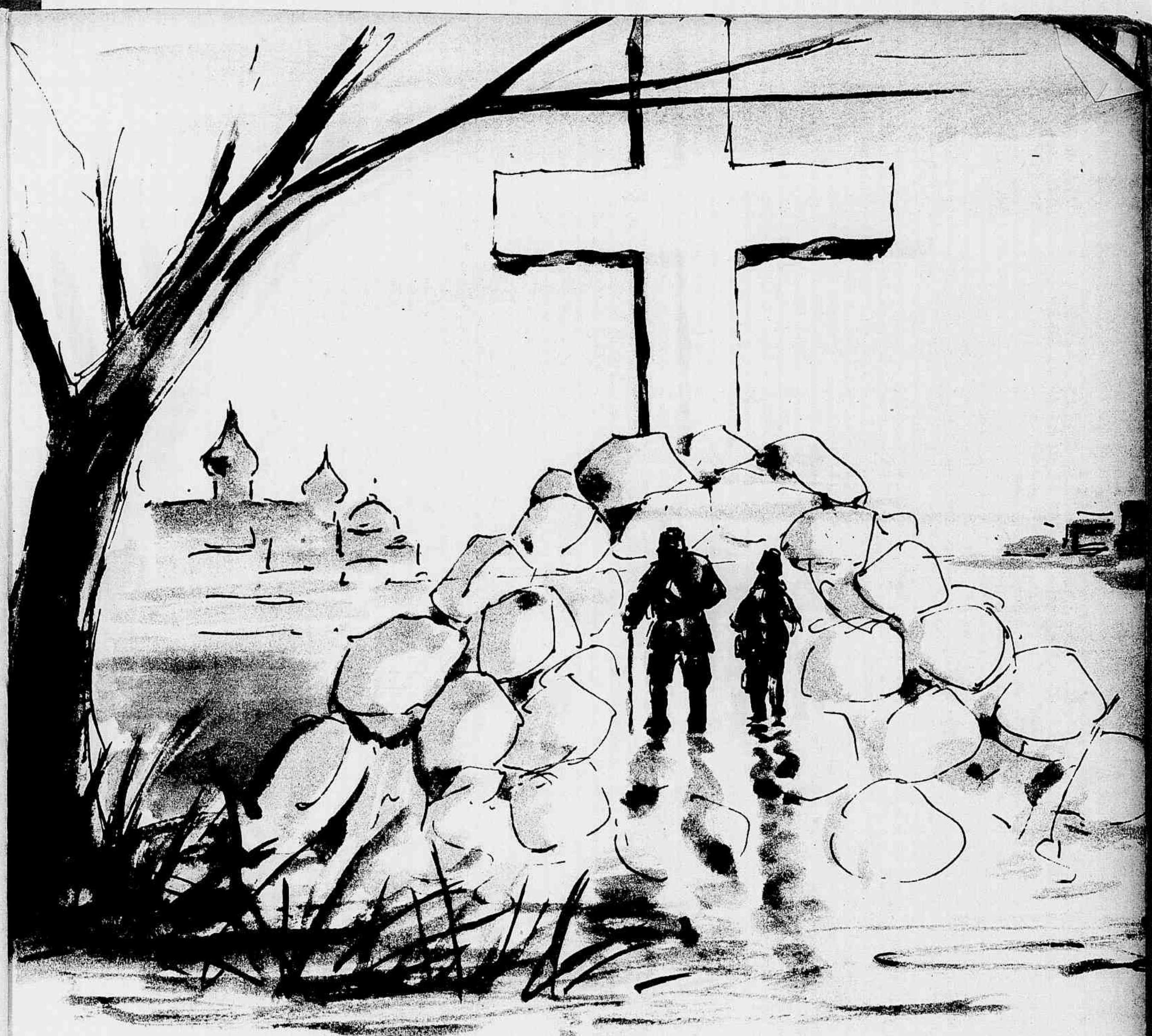
nho,
que
ada
pro-
ora
neio

voz

ção,
ho-
nho
nde
ente
eus
des-
seu

en-
ava

nda.
ava
suor
o.
i, e
do
que
i, e
quê-
com



— Cala-te! Se tu morresses... se tu morres-
ses... sempre o mesmo!... Mas tu não morres,
não; tu roubas — e levantando-se trêmulo,
acrescentou: — És um velho ladrão!... Uff! E
cerrando o punho, em murro, agitou-o ante a
face do assustado velho... Tornou a sentar-se,
dizendo entre dentes: — Roubaste uma crian-
ça... Que bonito isso é!... És velho e rou-
bas... Não obterás perdão no outro mundo!

Subitaneamente ondulou toda a estepe, envolta
em silêncio, deslumbradora luz que parecia
ampliar os horizontes.

As trevas vacilaram e desapareceram por um
instante. Surdo trovão retumbou nos espaços e
rodou pela estepe, comovendo o céu, onde cru-
zaram com rápido vôo asas de nuvens densas
que envolveram a lua.

Produziu-se a escuridão.

Muito longe brilhou um relâmpago silencioso
e ameaçador, e o trovão retumbou pela segun-
da vez. Imediatamente impôs o silêncio que
parecia jamais acabar.

Lenka persignou-se. O avô permaneceu sen-
tado, imóvel e silencioso como se fosse um
vergonhão no tronco do qual se arrastava.

— Avô!... murmurou Lenka, que tinha ouvido
outra vez a impotente voz do trovão. — Vamos
para a vila.

O céu agitou-se novamente, iluminado por
azulada chama, e estalou um trovão formidá-
vel. Parecia que milhares de barras de ferro
tinham caído sobre a terra, chocando-se en-
tre si.

— Avô! — gritou Lenka.

E o seu grito, coberto pela voz do trovão que
ainda retumbava, soou como uma campainha
quebrada.

— Que tens, meu netinho?... Sentes medo?
— disse-lhe Arkhip com voz surda e sem mo-
ver-se.

Havia naquelas palavras ao mesmo tempo
doçura e tristeza e ironia. Pareceu a Lenka
que tinham sido pronunciadas por um estran-
ho.

Começaram a cair gotas de água e o ruído
que faziam soou como aviso misterioso, cochi-
chado ao ouvido.

Longe, o ruído aumentava misteriosamente,
semelhava a rolagem de uma pedra sobre
sobre a terra seca.

Junto ao avô e ao neto, cada gota de chuva
sobre a terra levantava um som sem precedentes.

— Não penses em ir para a vila. Que o raio
me afogue!... Que o raio me abraze!... Que
importe se não sou mais que um cão velho e
um ladrão? — exclamou o avô, sufocado pela
cólera. — Asseguro-te que não irei... Vai tu
só... A vila é ali, vai... Não quero que con-
tines aqui... Vai-te... vai... vai... vai, —
exclamava com lúgubre voz.

— Avô... Perdoa-me; — suplicou Lenka apro-
ximando-se de Arkhip.

— Ah!... Não, não irei... não te perdoa-
rei... Durante sete anos tenho cuidado de ti...
Acaso tenho eu necessidade de alguma coisa?
Eu morro... sim, sim. Estou morrendo...
e chamas-me ladrão!... Mas... para quem rou-
bo eu?... Para ti, unicamente para ti... Toma,
toma, aí tens. Tenho juntado, tenho trabalha-
do, tenho roubado, em benefício teu, sempre
em teu benefício... Deus vê tudo, Deus sabe
tudo... Ele sabe que tenho roubado e casti-
gado-me. Não perdoará a um cão velho, como
eu, o pecado do roubo. Já me castigou, porém.
Meu Deus! Já me castigaste, sim, já me cas-
tigaste cruelmente... Deste-me a morte pela
morte deste animal... Foste justo Salvador!...
E eu vou a teu juízo... tem piedade da minha
alma... Oh! Oh!...

(Cont. na página 56)



ELIZABETH DE ÁUSTRIA

A IMPERATRIZ REVOLTADA

De ROBERT VERNON

Ilustração de LLAMPAYAS

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone

— Água, água! clama a condessa, atemorizada.

PASSAGEIROS de todos os tipos e idades cercam essa dama desconhecida que acaba de tombar ao solo. Em vão busca-se um médico a bordo. Encontra-se uma enfermeira, Dardele, que se acerca da enferma. Contrariado, aproxima-se também o comandante do barco. Seu naviozinho não pode mais deter-se, é preciso que parta dentro do horário. Assim, ele dá o sinal. As máquinas começam a virar, lentamente. Afasta-se do cais o barco, enquanto a condessa protesta em vão. O comandante oferece à doente uma cabine especial. Estendem-na sobre um banco, inanimada. Dardelle, habilmente, afrouxa o corpete, corta os botões do espartilho, e subitamente abrem-se os olhos grandes e belos de Elizabeth.

— Vossa Majestade está melhor? interroga, ansiosamente, a condessa.

— O que foi que aconteceu? murmurou Elizabeth entre dentes, com voz incerta que parece sair de um sonho.

Os olhos fiéis da condessa Sztaray se encontram com os de Elizabeth. As lágrimas são retidas a tempo. Custosamente.

— Vossa Majestade sentiu-se mal, porém já está melhor, não é verdade?

A pergunta não obtém resposta. As pálpebras da Imperatriz de novo tombam sobre seu olhar mortiço, pesadas como chumbo. Os lábios, sobre os quais pouco antes bailava um sorriso ligeiro, apertam-se e empalidecem.

Febilmente, a condessa rasga a camisa de Elizabeth, e olha, estarecida, para a larga ferida, em forma de V, que se desenha, nítida, sobre o seio esquerdo, de onde sai, sem cessar, um grosso fio de sangue.

— Meu Deus, olhai, senhora, diz a condessa para a enfermeira atônita. Ela foi assassinada! Eu imploro, fazei que o navio aporte imediatamente, chamai o comandante!

De má vontade, comparece o comandante.

— Pelo amor de Deus, clama a condessa, acudi-nos! Essa senhora é a Imperatriz de Áustria. Tem uma ferida grave no peito, e não posso deixar que morra, sem médico e sem padre, a bordo de um navio. Aportai a Bellevue, quero levá-la à casa do barão de Rothschild!

A indiferença do comandante cede lugar à mais febril atividade. A marcha do navio é acelerada, e em breve a Imperatriz está em Geneve, onde será melhor tratada do que em Bellevue. Um sussurro contínuo escapa de seus lábios. Um triste cortejo avança lentamente, em direção ao Hotel Beau Rivage, levando, sob uma liteira improvisada, o corpo quase sem vida.

O grande pássaro palpitante ainda vive. Seu coração atingido, ainda palpita, penosamente. Um último átimo de vida perpassa por seu rosto. Elizabeth abre, pela última vez, seus grandes olhos, que fitam as árvores, as montanhas, últimas visões vibrantes e longínquas de um mundo que já não é o seu. Sem pronunciar palavra, lentamente, ela cerra os olhos. Elizabeth,

a dolorosa, a Imperatriz de Áustria, repousa. Já cuidam de prepará-la para a Grande Viagem de que ninguém conheceu jamais a volta. Tranquilidade, compreensão, silêncio e paz a esperam do Outro Lado. Por muito tempo ela desejou essa hora grave. Quantas vezes não suspirou por esse país desconhecido e desprezado? Agora, atravessou suas fronteiras; paga-se de sua vida dolorosa e cheia de desencanto.

As lágrimas de sua dama de honor ainda não estão secas, e já o assassino de Elizabeth acaba de ser detido. No rosto de Lucheni, só o orgulho transparece. Ele mesmo se apresentou aos policiais, seu interrogatório é fácil. Declara ele, sem resistência, e com um certo entusiasmo:

— Nunca fiz parte de qualquer sociedade anarquista ou socialista. Sou um anarquista, mas individual. E apenas procurei aqueles que possuíam as mesmas idéias que tenho, mas sem adotar as deles.

De resto, afirma que não liga à vida, e que o castigo pouco lhe importa, sendo quase que uma recompensa.

— Por que, então, procurou fugir, após o crime?

A pergunta do promotor o embarraça.

— Não tentei fugir — acaba por dizer. Quis correr em direção à Chefatura de Polícia...

— E porque matou uma Imperatriz que nunca lhe fizera nenhum dano?

— É a luta entre os grandes e os poderosos. Um Lucheni mata uma Imperatriz, nunca uma lavadeira.

Não prevendo a lei genebrina a pena de morte, o criminoso é condenado à prisão perpétua. Na prisão de Saint-Pierre, Lucheni é o primeiro a rebelar-se contra a sentença. Durante o processo, aliás, ele tentara por várias vezes ser julgado pelas leis de Lausane, onde a pena de morte existia. A idéia da morte nunca mais o abandona. No cárcere, busca várias vezes o suicídio, até que, finalmente, após inúmeras tentativas, obtém êxito. Seu cadáver é encontrado, tombado de uma corda, junto à estreita janela do presídio.

Sobre Schoenbrunn, brilha o mesmo sol dourado que tanto encantou os últimos dias de Elizabeth.

Se pudessem falar os raios solares que acariciam o velho rosto de Francisco José!... Se pudessem contar como brilhavam às margens do lago Léman!...

Francisco José, segundo seu costume, está sentado à sua mesa de trabalho. Passou a noite anterior em companhia de Catarina Schrat, alegre e despreocupado. Por volta das quatro da tarde, como na parte da manhã não tivesse podido fazê-lo, dá ordens para que se atele o seu cavalo: irá até à aldeia de Gloriettagasse. Está prestes a abandonar seu gabinete, quando seu ajudante de ordens, o conde Paar, penetra no aposento:

— O que aconteceu, meu caro Paar? diz Francisco José, intrigado por ver tão pálido o nobre.

— Majestade, venho dar-vos uma triste notícia.

— De Genebra? pergunta Francisco José.

O ajudante de campo abaixa a cabeça, e o Imperador lhe arranca das mãos o telegrama oficial:

«Sua Majestade a Imperatriz assassinada em segundos», lê.

Os dois soldados ficam silenciosos. Seus olhos estão cheios de lágrimas. Francisco José, em um supremo esforço, procura dissimular sua emoção, mas o golpe é por demais forte, e ele murmura, em voz sumida:

— Nada me foi poupado sobre a terra!

Como uma grande flor estranha, fina e longa, em suas roupagens negras, Elizabeth repousa em seu esquite branco. Seus traços recuperaram a delicadeza antiga, e o frescor da juventude. Sua cabeleira magnífica, embora já sem vida, cobre-lhe em ondas o ombro gelado. Sua alma vagabunda está livre, agora, para todo o sempre.

— F I M —

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Após uma vida desenrolada sob o signo do sofrimento, a já sexagenária Imperatriz de Áustria, Elizabeth, filha dos duques da Saxônia, atinge o limite de sua existência. Seus parentes e entes queridos morreram de maneira trágica; seus sonhos mais caros se estacelaram irremediavelmente; agora, apenas lhe resta o amor pela poesia de Heine, e pela Grécia clássica, o frenesi das viagens e a estima de alguns poucos amigos. Porém, quando, em companhia de sua amiga, a condessa Sztaray, passeia pela Suíça, a convite dos Rotschild, Elizabeth é vítima de um anarquista italiano, que lhe crava em pleno peito um aguçado punhal. Levada para bordo de um pequenino navio, dentro do qual pretendia dar um passeio mais longo, a Imperatriz sente que suas forças a abandonam para sempre.

Foi assim a V semaninha do Cinema Brasileiro



FESTIVAL



Anselmo Duarte (à esquerda), querendo soltar bolhinhas de sabão. Mas precisa aprender... Ai em cima, o ex-jogador de futebol Caxambu ameaça entrar no espêto de Mara Rúbia e Roberto Acácio. Lá em baixo, Catalano nem liga às gracinhas da sua fã! (Sim, que alguém acredita!)

PODE-SE dizer tudo desse pequeno festival de cinema em Caxambu, menos que houvesse sujeira. Águas não faltaram para limpar a turma por dentro e por fora... Água fresca, mineral, e muita sombra no parque. Houve dois filmes, um que se pode assistir sem susto, «Leonora dos Sete Mares», outro que se vê depois do fígado limpo, «Fuzileiros do Amor». Também houve corrida de touro (um só) e de sacos (quantos!), além do churrasco (2.500 espetos, coisa que só o cinema nacional pode agüentar). Dizemos lá em cima, no título, que foi uma «semaninha», por ter começado numa sexta-feira e terminado na segunda-feira seguin-

te. Muitos convidados gostaram e desejariam que fôsse uma «semanona» de 10 ou 15 dias... Se ainda compareceram os paraquedistas, que não são artistas nem jornalistas, deve dizer-se que êsses andaram em número menor. E muitos artistas conhecidos — Gilda e Vicente, Anselmo Duarte, Agnes Fontoura, Marlene e Luís Dellino, Rodolfo Mayer, por exemplo — prestigiaram a festa. Caxambu, um amor de cidade, com hotéis magníficos e o mais belo parque de estância mineral, divertiu-se com os artistas. Êstes, divertiram-se uns com os outros. No fim, foi um divertimento geral.

Texto de **CELESTINO SILVEIRA**

Fotos de **ALBERTO FERREIRA**

DE SOMBRA E ÁGUA FRESCA (MINERAL) EM CAXAMBU





Outra vez Catalano, agora quando saía da ducha e recebia festinhas de três simpáticas funcionárias do estabelecimento hidro-mineral. Muitos galãs ficaram arrependidos de não ter ido a Caxambu, quando souberam disso... E as funcionárias lamentaram a ausência dos galãs...



Junto à piscina do parque, um «sketch» improvisado por Anselmo, Marlene e Luís Delfino. O desfecho é fácil de imaginar: o marido caiu

OS ARTISTAS QUE COMPARECERAM AO FESTIVALZINHO DE CAXAMBU, NO ESTADO DE MINAS GE-



Um beijo nas trevas... O vaqueiro que acabava de pegar um boi à unha, ganhou de prêmio autorização para beijar a vedeta que foi quem mais se divertiu no Festival. O vaqueiro não teve dúvida, juntou os lábios — e tome disso!

n'ág
lene
E a

RA

Qu
40
enc
«Ist



n'água com sandálias e tudo... Enquanto Marlene simulava arrependimento. Como sempre... E as crianças que assistiram, acharam graça.



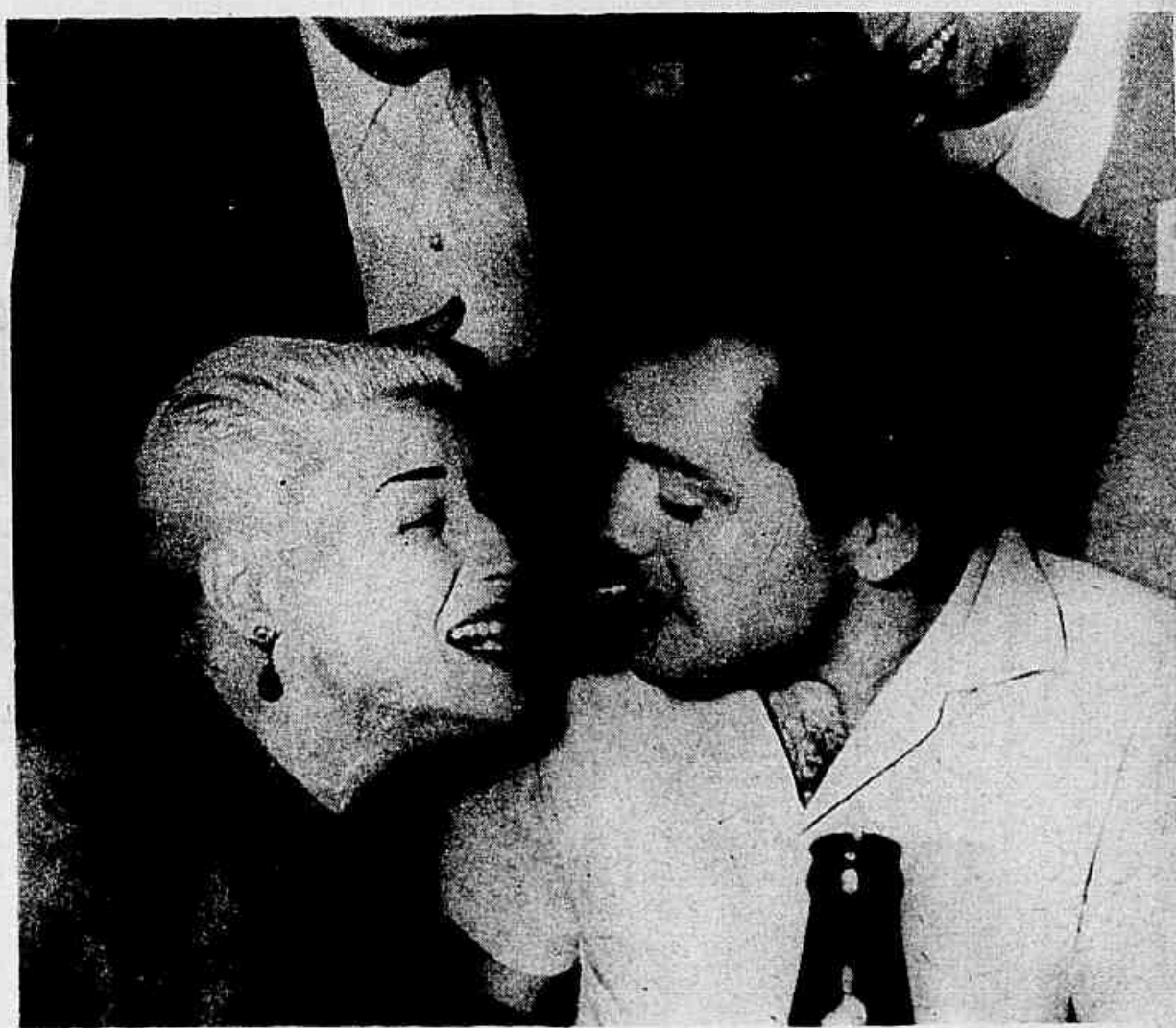
Que é isso? Um «pega» entre Mara Rúbia e Marlene? Não creiam. É verdade que Marlene apanhou Luís Delfino em flagrante, ao abraçar Mara Rúbia, mas José Carlos Burle garante que tudo foi ensaiado para bater esta chapa. Todos acabaram indo tomar sorvete no holandês.

RAIS, FIZERAM MUITO MELHOR PROPAGANDA DO NOSSO CINEMA QUE CERTOS FILMES NACIONAIS.

ALGUN ARTISTAS não puderam comparecer logo no primeiro dia, porque seus compromissos no teatro o impediam. Na segunda-feira, lá estiveram Luís Delfino e Marlene, um casal que deixou novos amigos e admiradores, mesmo ficando em Caxambu apenas vinte e quatro horas, porque no dia seguinte tiveram que voltar às suas atividades no Teatro Carlos Gomes, onde estão trabalhando. Também Rodolfo Mayer e Lourdes Mayer constituíram uma das atrações do último dia do Festival. A nota curiosa foi dada por Mara Rúbia, que de tal maneira se apaixonou pela cidade, a ponto de resolver comprar um lote de terreno e nele construir uma casa de campo. Futuramente, nas férias, Mara irá descansar no sul de Minas, e tendo agora deixado em cada habitante de Caxambu um jovial amigo, conclui-se que ela vai ser, ali, queridíssima. Também Anselmo Duarte manifestou vontade de fixar uma residência de veraneio nas alterosas, tudo dependendo de seus contratos próximos. E assim transcorreram os quatro dias da 5ª. Semaninha do Cinema Brasileiro, sem conflitos, sem desavenças, com alguns pára-quedistas (que não eram jornalistas nem pertenciam a qualquer atividade do cinema), sem nenhum contratempo. Nem sequer, houve as anunciadas mesas-redondas para discutir os problemas da indústria, e onde nada se aproveita. A turma foi para se divertir. E fazer propaganda do cinema brasileiro. Foi melhor a propaganda do Festival que a de muitos filmes nacionais...



Que o churrasco estava gostoso, não resta dúvida e Jesse Valadão (Rio, 40 graus) provou, gostou e repetiu. Avani Maura tirou o seu pedaço enquanto Francisco Pépe, que passava na ocasião, reclamou alto: — «Isto vai sair caro...» Até que saiu barato, com tanta propaganda.



Esse pedacinho de carne não sabe se deve ir para a frente ou para trás... Mara e Anselmo não querem deixá-lo e aí os vemos, atacadados com vontade. O gargalo da garrafa, em primeiro plano, é decorativo. Ninguém bebeu... (água). Mara esteve em tôdas e comprou um terreno.



Roberto Azeiteiro não quer outra vida! Uma ducha gostosa, sombra, água mineral fresquinha... Aquilo que pediu a Deus!



Opa! um banho de espuma depois da ducha e o galã sorri feliz... Pena que a massagem é dada por dois barbaços. Catalano e Wilson Viana dão conta da tarefa, mas parece que o



— Pequeninho aqui está desconsolado nas labutas da vida... (Catalano fecha os olhos e pensa em seu próximo filme).



O casal que sempre dá a nota de muito lirismo e distinção. Lúcia e Vicente. São raros em uma sequência de 12 filmes.



Hoje alguns romances esboçados durante as caminhadas e talvez algum deles continuasse depois. Esse, por exemplo...



A moda era dejetar mas dejetar sem malícia... Ai está Francisco Fogaça beijando Lourdes Menezes com licença de Rodolfo...

segunda
Parque

Outro
pelo v

POUCOS ROMANCES E MUITOS BEIJOS, ALGUNS PAGOS. O EXIBIDOR CARUSO DESEMBOLSOU SEIS MIL CRUZEIROS PARA BEIJAR MARA RÚBIA. O DINHEIRO FOI PARA FINS BENEFICENTES...

DOMINGO à noite, véspera do encerramento da festa, houve um «show» na boite do Hotel Glória, oferecido aos convidados e com a presença dos melhores elementos sociais da cidade. Em certa altura, o ex-jogador de futebol Caxambu (grande cartaz há vinte anos!) deu início a um «leilão americano», destinando-se a receita, a fins de caridade. E de início, foi pôsto em leilão um beijo de Mara Rúbia, «objeto» que alvoroçou a rapaziada... Entre os rapazes mais vivos e assanhados, estava o exibidor Domingos Vassalo Caruso, que, sem titubear, enfrentou os lances dos «borocochôs». Depois de certa cifra, não houve quem pudesse com o Caruso, que ficou dono da banca, ao atingir a seis mil cruzeiros. E foi desembolsando seis notas estalantes cor de abóbora, que o estimado cinegrafista beijou, no mais belo estilo valentinesco, os lábios trêmulos da vedeta Mara Rúbia... A cena foi presenciada por todos e uma calorosa salva de palmas estrugiu no recinto quando a atriz, completamente fora de forma, caiu quase desmaiada na cadeira... Enquanto o jovem Caruso, num sorriso de quem está no sétimo céu, oferecia outros seis mil, e mais seis mil, para os dois próximos beijos... Não vê que Mara Rúbia aceitou? Ela receava pelas consequências. E só por isso, foi que o exibidor Caruso passou a beijar outros brotos do Festival, sempre em benefício de obras de caridade.



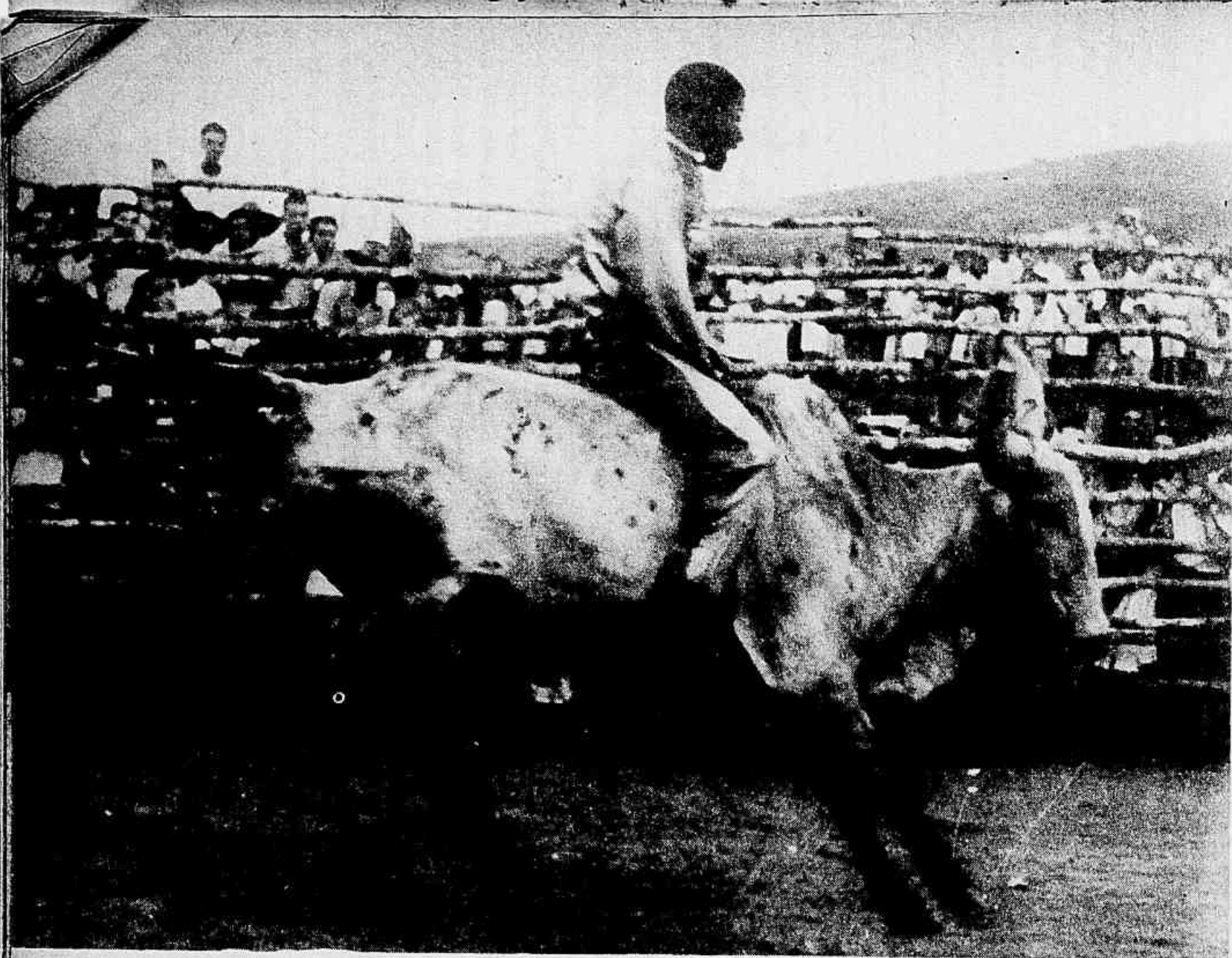
segundo quer dar um «caldo» em Anselmo. O Parque de Caxambu viveu horas muito alegres.



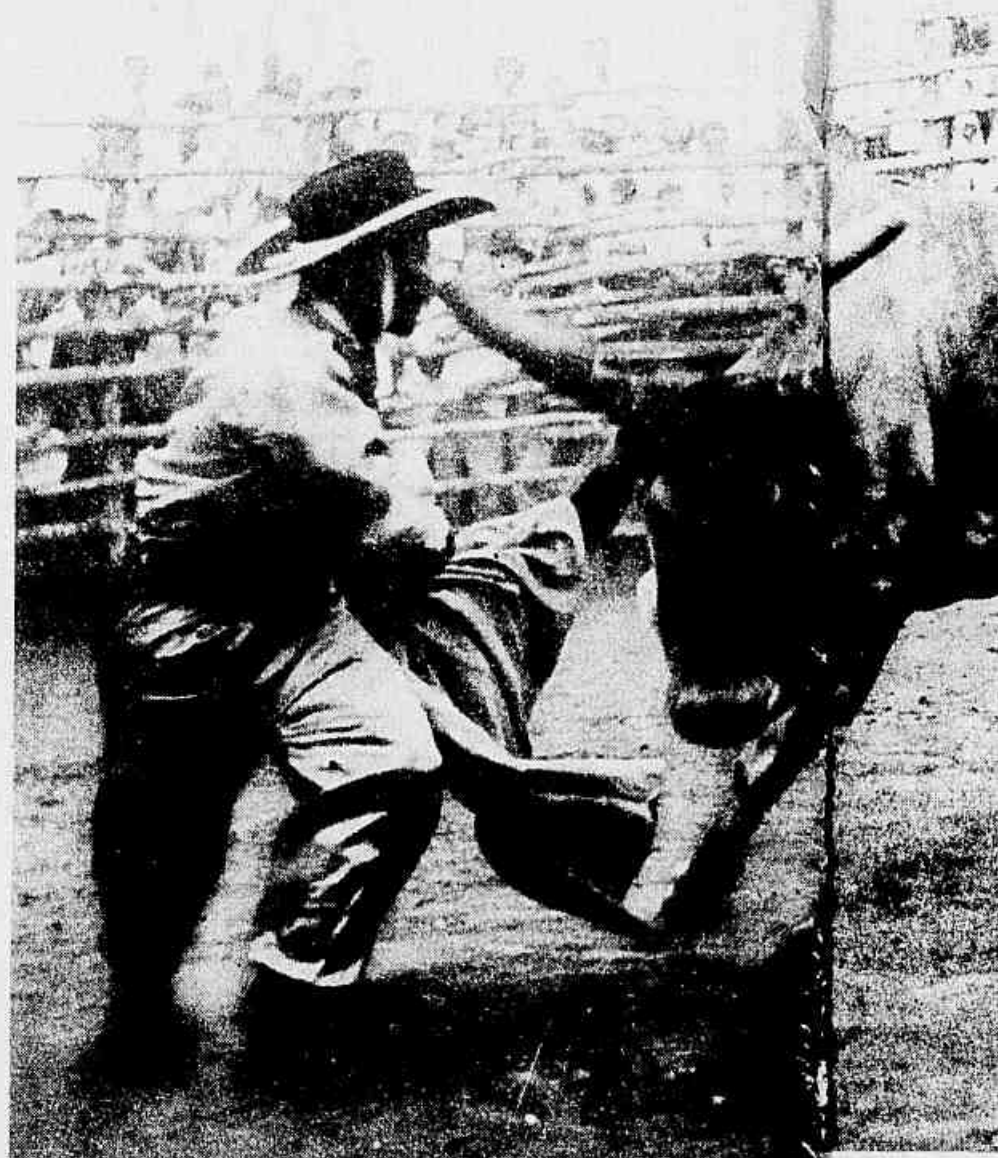
Outro beijo sonoro, em tela panorâmica, dado pelo veterano exibidor Domingos Vassalo Caruso, que foi dos mais vivos...



E o vaqueiro mostrou que Agnes Fontoura é peso pluma, levantando-a facilmente. Agnes acaba de filmar «A Estrada» que vai longe... Tão longe que até em Cannes ele deve ter chegado, e daí a Veneza é um passo. (O vaqueiro gostou).

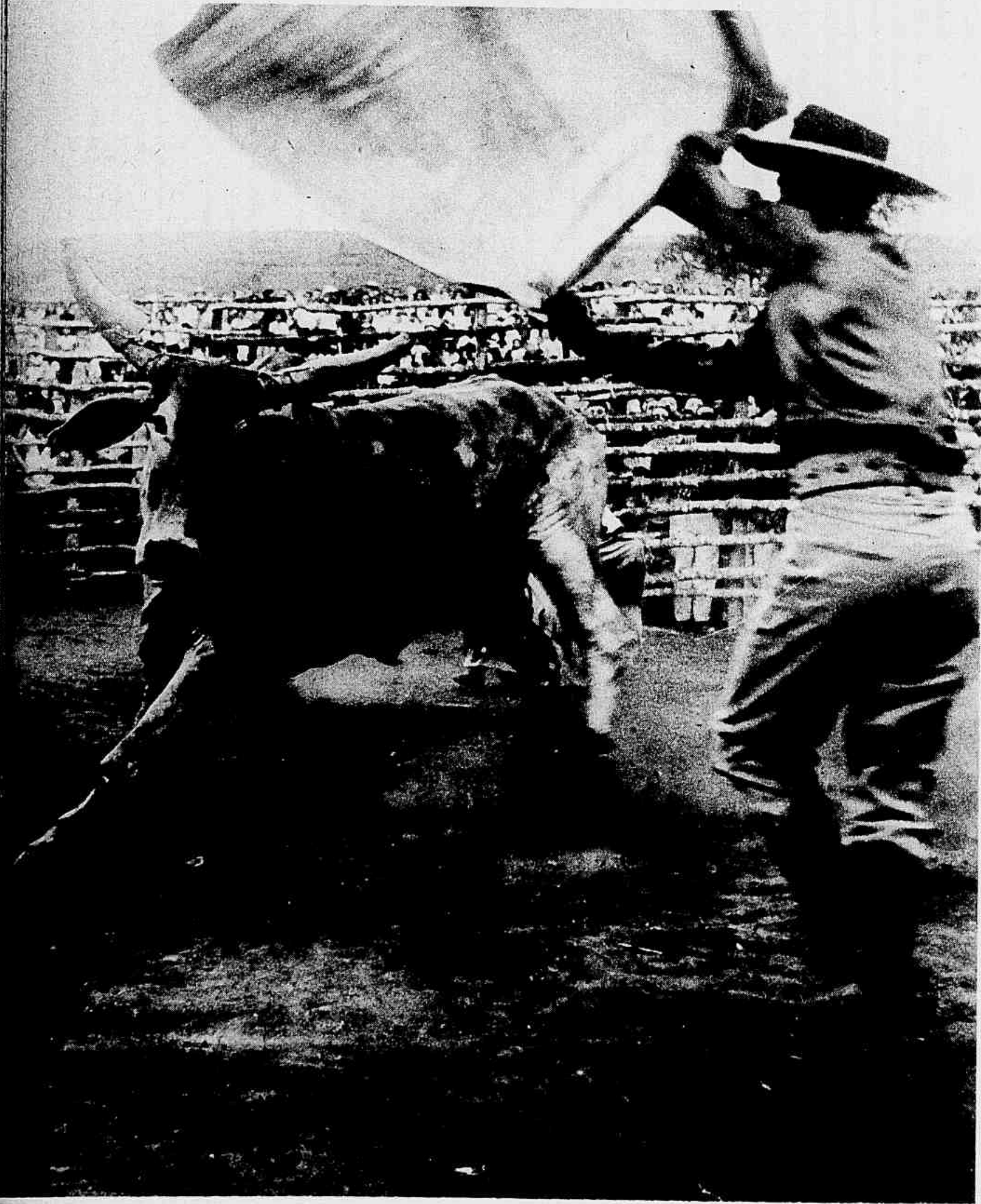


QUANDO foi anunciado um «rodeio», no Jardim Belvedere, muitos artistas, recearam que fôsem escalados para cavalgar os potros muito ariscos, ou os touros desembestados. Mas o susto passou quando viram que os promotores da festa, além dos animais, haviam escalado



os vaqueiros, magníficos artistas «colored», esplendidos na pega à unha e em outros pegadores. Aí na fotografia os vemos, desempe-

nados.
nal, qu
Foi un





d, es-
pega-
tempe-

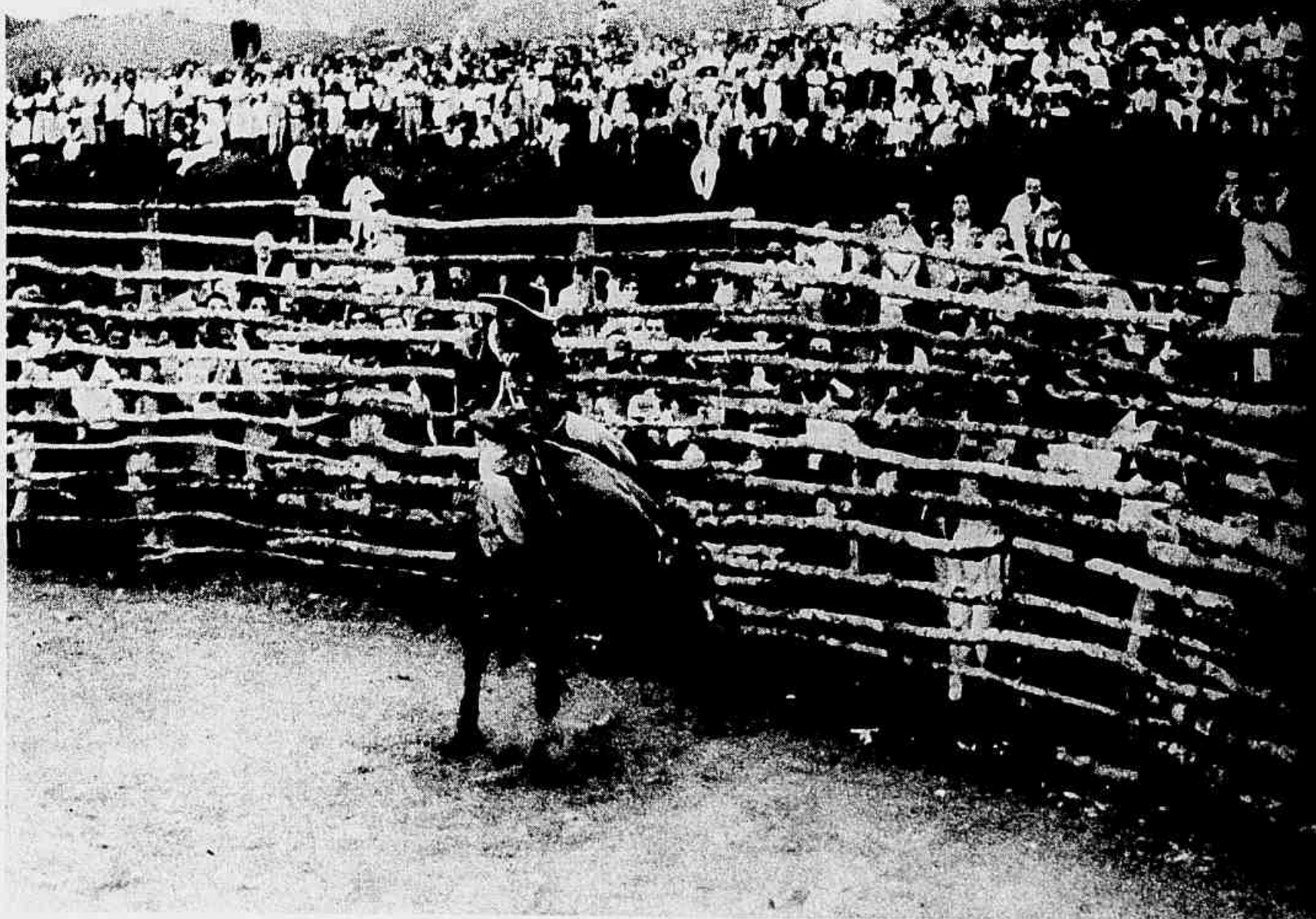
nados, mostrando aos galãs do cinema nacional, que com eles é assim, tudo sem «doublage». Foi um espetáculo de coragem e sangue frio.

Esperitinha Mara Rúbia! Fêz duas aberturas no saco, enfiou as pernas e quis ganhar a corrida.

E assim terminou a 5ª Semaninha do Cinema Brasileiro, sem maiores complicações, pois nem mesmo aquela do protesto da Coralina chegou a ser um «caso». Falando sério: Os organizadores do festival de Caxambu acertaram a mão porque deixaram de fora os clássicos atravancadores dessas festinhas e levaram o Festival com senso de humor. O tempo portou-se maravilhosamente, foi descoberto um holandês que faz sorvetes melhores que os do Bob de Copacabana e ainda mais gostosos por serem servidos a 10 graus — e os últimos veranistas, que ainda perambulavam por Caxambu de copinho na mão, ficaram muito curiosos em saber que papelzinho era aquele que os convidados ostentavam na lapela. Em um dos hotéis, os rapazes e moças plagiaram a idéia: e penduraram nas lapelas e vestidinhos um papel igual, que dava direito a repetir a sobremesa durante o Festival da Comidinha Melhor.

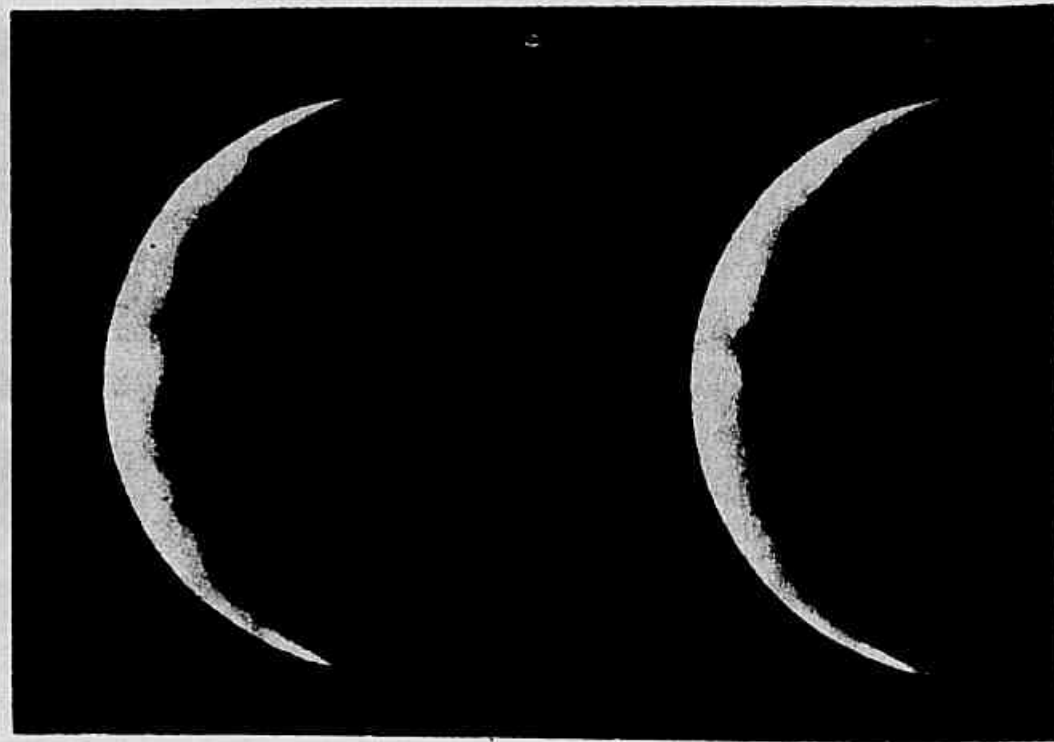


OS VAQUEIROS DE CAXAMBU DERAM UMA LIÇÃO AOS GALÃS DO CINEMA NACIONAL: COMO SE PEGA BOI À UNHA E SE DOMESTICA UM POTRO... SEM "DOUBLE"! (COMENTÁRIO DO CONHECIDO ASTRO BRASILEIRO ANSELMO DUARTE: — 'EU, HEIN?')



NÃO PENSE EM IR TÃO CEDO À LUA (II)

Potências militares



NEBULOSAS são as perspectivas de o homem atingir, nesses próximos vinte anos, a Lua, Vênus e outros astros e planetas. Os estudos estão apenas no começo: não pensem, pois, em ir já à Lua..

JÁ

PO

TEM

FOC

OCU

TER

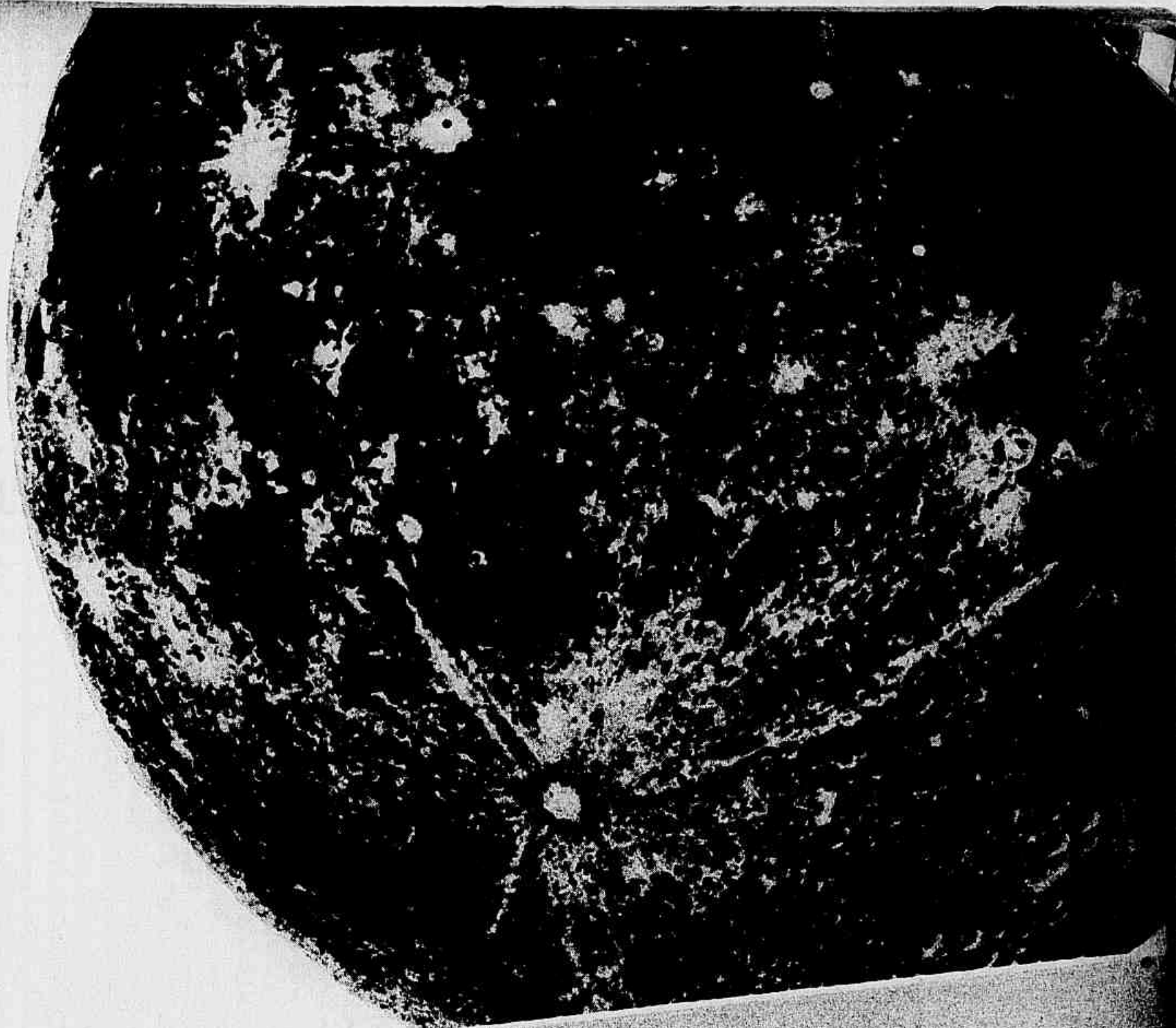
e

M

os
das
dom
lite
expl
çar
tele
proj
a un
paz.
lista
em
cust
além
acel

A
da,

JÁ SE PENSA EM CRIAR UMA
POLÍCIA ASTRAL. A ALTA
TEMPERATURA FUNDIRÁ OS
FOGUETES, CARBONIZANDO SEUS
OCUPANTES. SÔMENTE A
TERRA É HABITADA!



s em luta pela lua

Texto de ORVACIO SANTAMARINA

MEMBROS do Estado Maior das forças armadas norte-americanas entusiasmaram-se a tal ponto que, em sessão secreta, previram a criação da polícia astral, instalada em satélites, sobrevoando sem cessar os territórios inimigos, para espionar-lhes os preparativos militares. Os maiores sábios se acham a serviço das grandes potências e acreditam que o homem chegará a dominar o universo. Disse um deles, há pouco tempo que, num satélite habitado, utilizando-se telescópio de 254 cm. de abertura, poder-se-á explorar a Terra inteira e distinguir detalhes em 50 cm². Poder-se-á lançar sobre o globo terrestre, da plataforma do satélite, bombas atômicas teleguiadas que explodirão exatamente no lugar escolhido. Estas idéias, projetos e experiências foram oferecidos, há relativamente pouco tempo, a uma grande potência militar (E.U.A.), sob a justificativa de manter a paz... Mas essa potência tem a seu serviço talvez os maiores especialistas no assunto, que lhes contestaram o valor, assegurando que tinham em franca experiência projetos e aparelhagens muito mais simples, de custo viável e que na época oportuna seriam divulgados. Alegaram, além disso, que o organismo humano ainda suporta mal as excessivas acelerações.

A tripulação do foguete gigante seria submetida, logo após a partida, à aceleração nove vezes mais forte do que a da gravidade. No sa-

télite, à altitude indicada, essa aceleração perigosa tornar-se-ia nula, pois se eliminaria o peso. As bruscas mudanças podem não matar os homens se forem tomadas grandes precauções, porém os tornam inaptos para qualquer atividade física ou mental. O rigor das condições físicas e a fragilidade da carcaça humana estimulam o prosseguimento das pesquisas.

PARECE QUE SÓ A TERRA É HABITADA

Não há somente os inconvenientes descritos. Ao deixar a proteção da atmosfera, surgem outros perigos: falta de defesa contra os raios solares, principalmente os raios ultra-violetas; a violência dos raios cósmicos, que destroem as células vivas e contra os quais não se conhece nenhuma proteção; as chuvas de meteoros que bombardeiam a alta atmosfera — até mesmo os mais pequenos perfuram foguetes e estações intermediárias; o atrito do ar, na descida, arriscaria fundir o foguete que conseguisse escapar de todos esses perigos.

Os astronautas, contudo, esperam superá-los. Terão ainda de suportar a falta de água e de ar na Lua. Lá, possivelmente, não se encontra atmosfera. Mercúrio é uma desolação: o lado iluminado pelo Sol é cal-

NÃO PENSE TÃO CEDO EM IR À LUA



ESSA VISÃO belíssima poderá vir a ser um dia desfrutada pelo homem: ao longe, a Terra, ao centro de um grande clarão. Para chegar à Lua, porém, ainda são necessários imensos trabalhos de pesquisa. Como por exemplo atravessar a atmosfera incrivelmente quente da zona compreendida entre o Sol e a Lua?

cinado, sendo congelado o oposto. Os mundos mais distantes são mortos e estão envoltos em metano e amoníaco. O ambiente de Vênus é composto essencialmente de gás carbônico e envolto em nuvens. Os astrônomos pensam que ela é muito quente para permitir «o ciclo do carbono terrestre», que assegura o mecanismo de toda a vida vegetal e animal. Não há canais em Marte nem o magnífico sistema de irrigação construído por habitantes altamente inteligentes, como propalavam os velhos astrônomos... Daí supor-se que a Terra é o único território habitado do sistema solar.

Os mais ousados julgam poder instalar na Lua cúpulas de «plexi-glass» cheias de atmosfera controlada. Extrair-se-ão do solo metal e oxigênio. Afirmam que as colheitas serão esplêndidas sob um sol jamais empanado por nuvens. Ali se poderão instalar diversas indústrias... Alguns dos cientistas ouvidos esclareceram que já se «tocou» rádio-elêtricamente nesse astro, recebendo-se seu eco. Estabeleceu-se, dêsse modo, a primeira comunicação. Todos os problemas da astronáutica têm de ser estudados metódica e serenamente. A imprudência e a confusão são seus

maiores inimigos. Só assim se chegará a viajar no sistema solar e realizar explorações mais longínquas. Todos são de opinião que a energia nuclear resolverá os problemas de velocidade e combustível, permitindo, inclusive, ultrapassar o sistema solar em busca de planetas mais acolhedores. Para isso, porém, além do espaço é preciso dominar o tempo. A estrela mais próxima está a quatro anos-luz (um segundo-luz equivale a 300.000 kms.). Convém atentar em que, pelos estudos realizados até agora, em uma nave cósmica que se desloque a 80.000 kms. por hora, essa velocidade matará a tripulação logo no início da travessia... Este é um dos problemas que estão sendo solucionados com maior urgência. Verdadeiro exército de cientistas está a postos na batalha pelo domínio do espaço. É lícito crer nos seus esforços, pois já se exige acordo internacional para regular o espaço interplanetário. Alega a Organização de Aviação Civil Internacional, cuja assembléia se reunirá em junho próximo em Caracas, que existem bons motivos para se crer que haverá, em futuro não longínquo, meios para viagens além da atmosfera terrestre. Não obstante, por muito tempo ainda, as viagens cósmicas se limitarão a romances e filmes...

P
● A
o pú
meio
senve
atrau
Ra
às cá
dos
cil. C
coran
tados
o re
por
mom
que
semp
enca
e ter
En
simp
co a
plici
En
to f
conv
vras
conh
Os
tare
além
simp
find
gran

Nair

con
gran
feito
moc
gân
dáv
cen
e c

PROPAGANDA

SPECTATOR

● A TV é um dos melhores veículos de propaganda. Nada é mais interessante do que o público não só ouvir apregoar as boas qualidades de um produto mas também, por meio de filmagens ou demonstrações feitas no momento, comprovar a sua eficácia; desenvolvem-se, pois, entre nós, de maneira extraordinária, os processos de propaganda através da TV e cada vez são mais atraentes, de modo a cativar aos futuros clientes.

Rapazes e moças encarregados de dizer os anúncios ou demonstrar a publicidade ante às câmaras de TV, têm em suas mãos uma delicada tarefa. O processo de aprendizagem dos mais diversos textos, tratando de uma grande variedade de temas, não é nada fácil. Os encarregados da propaganda têm que apresentar uma boa capacidade para decorar e isso nem sempre é possível, devido ao acúmulo de assuntos que devem ser tratados. Para que os propagandistas não fiquem indecisos ante o público, costuma-se usar o recurso de colocar junto às câmaras, mas de maneira que não possam ser apanhados por elas, um quadro-negro onde são escritos os textos que serão lidos em determinado momento. A habilidade de quem faz a propaganda está justamente em não deixar que o espectador perceba o recurso que está sendo utilizado. Isso infelizmente nem sempre acontece e, com frequência aparecem no vídeo fisionomias embaraçadas que não encaram os espectadores, preocupados apenas em lançar olhares ansiosos para os lados e tentar ler, da melhor forma possível, o que lhes está sendo exibido.

Entre as nossas garotas de propaganda, destacam-se algumas pela maneira agradável e simpática porque dizem os textos que lhes competem, não só entusiasmando o público através das demonstrações que fazem como também cativando-o com a sua simplicidade.

Entre os rapazes, são apreciados os que sabem manter-se em posição correta enquanto falam, tendo sempre em mente que se dirigem para um grande número de pessoas, conversando naturalmente com os espectadores, sem procurar imitar, através de palavras rebuscadas e a altas vozes, alguns dos nossos locutores de rádio, demasiadamente conhecidos pela maneira pedante de falar.

Os rapazes e moças encarregados da propaganda em TV têm sob a sua reponsabilidade tarefa que, embora não pareça, é bastante difícil de ser desempenhada com êxito, pois, além da boa apresentação pessoal, esses jovens necessitam possuir muita simplicidade e simpatia para cativar o espectador que, em geral, aborrece-se muitíssimo com a série infundável de anúncios que lhes é apresentada no intervalo entre o término de um programa e o início de outro que ele aguarda com ansiedade.



Nair Amorim, uma das boas garotas: — propaganda da Televisão-Tupi.

GRAU DEZ:

Para as audições de Dóris Monteiro, que continua sendo das melhores atrações da programação da TV-Tupi. Tudo nesse programa é feito de maneira calculada, conseguindo desse modo o pleno agrado do público: desde a elegância com que se apresenta trajada e a agradável voz de Dóris, até a ótima composição dos cenários, criando um ambiente de bom gosto e distinção.

Para «Os melhores da semana», que, homenageando elementos que se destacaram durante a semana nos mais variados setores de atividade, dá ao público oportunidade de ver e manter contato com pessoas de valor e que de outro modo não poderiam conhecer. Interessante também a idéia de, quando se trata de homenagear cantores ou artistas, fazerem com que eles demonstrem alguma coisa do seu talento, exibindo-se para os espectadores; desse modo o programa se torna mais movimentado.

Para Osvaldo Borba e sua orquestra, que continuam alegrando com seus ritmos variadíssimos e suas belas execuções e arranjos, os «shows» e programas musicados da TV-Rio.

Para os «Calouros em desfile», uma das mais antigas apresentações de Ari Barroso no rádio e televisão. Elementos de valor têm se revelado nesses programas e conseguem mes-



O programa «Arca de Noé» dá oportunidade a que José Vasconcelos exiba para os espectadores as mais variadas facetas do seu humorismo.

mo obter alguns bons contratos, competindo nas eliminatórias, quando, após uma série de audições, Ari dedica uma delas somente à participação dos calouros premiados anteriormente, escolhendo então o que se destaca entre esses melhores.

Para o «Teatrinho Peteleco», sem dúvida uma das melhores atrações infantis apresentadas através da TV.

O sistema de manter palestra entre os bonecos de Madeleine Rosay, a animadora do teatrinho, é do melhor efeito e mantém as crianças interessadas e atentas, mesmo nos intervalos entre um número e outro. Desperta também o interesse da gurizada os movimentos perfeitamente sincronizados dos bonecos que são os mais variados e exibem-se vestindo lindas roupas.

Vamos melhorar?

Quando a TV-Tupi anunciou «O que os pais devem saber», programa dedicado aos pais e orientado e apresentado por um pediatra, fomos dos primeiros a louvar essa iniciativa, pois uma exibição dessa espécie fazia falta nas programações das nossas emissoras de TV.

O dr. De Lamare mantém com os espectadores agradáveis palestras e esclarece pontos de grande importância para a educação e conservação da saúde das crianças. Infelizmente, porém, em uma das suas últimas palestras, o pediatra iniciou a preleção dizendo que a educação das crianças é um problema SÚBIL. Essa distração soou muito mal aos ouvidos daqueles que têm acompanhado com interesse as úteis aulas do dr. De Lamare. Vamos melhorar?

★

Lourdes Mayer, juntamente com Carlos Frias, com muita vivacidade cumprimenta e homenageia os elementos que se destacam no programa «Os melhores da semana». Lourdes, no entanto, quase sempre ao referir-se aos atributos intelectuais ou artísticos da figura que dentro de momentos subirá ao palco, precisa recorrer à leitura e os espectadores percebem claramente que a atriz está se valendo desse recurso. Por que não passar os olhos com antecedência pelas referências elogiosas que serão feitas aos homenageados?



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS
E DEMAIS AFEÇÕES
DO COURO CABELUDO

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SAO PAULO — End. Teleg. «PRINCIPEHOTEL»



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Rítmicas». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 60.00 — Caixa Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE 12 E 18 DE MAIO DE 1958
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Suas atitudes serão positivas no curso da semana e alguns dos seus atuais objetivos serão alcançados, graças à coragem e ao desembaraço com que vai agir. Um forte conjunto de circunstâncias militará ao seu lado.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — Os dias 14, 15 e 17 serão muito bons para os seus negócios e para as iniciativas que tiver de tomar. De todas as atividades que exercer no curso da semana, apenas as sentimentais serão menos favorecidas.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — Não faça muita força para controlar a situação. Agirá em pura perda. O melhor, no caso, será um alheamento dos problemas mais complexos. Fique nas ocupações ordinárias e espere que a onda passe.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — O novo período será propício ao ajuste que houver de fazer, de suas contas, às reestruturações, às reconciliações e à recuperação das coisas ou das vantagens perdidas. As astralidades o favorecerão extraordinariamente.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — Aproveite a oportunidade para processar a liquidação dos créditos, mesmo dos que forem julgados perdidos. O meio astral favorecerá seus pedidos. Suas solicitações terão a melhor acolhida.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Os negócios novos, os empreendimentos ousados e as iniciativas de ordem sentimental estarão muito bem astralizados na vigência da semana entrante. O astro que lhe comanda o destino, receberá uma série de aspectos harmônicos.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — Não faça mudança nem empreenda viagem qualquer, nos quatro primeiros dias da semana em pauta. Todas as demais atividades, as profissionais inclusive, poderão ser exercidas sem qualquer receio.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — Os influxos reinantes durante a semana em pauta prejudicarão as atividades sociais e políticas. Dê o máximo do seu esforço ao trabalho profissional e ao estudo, certo de fazer algo proveitoso para o futuro.
- ★ SAGITÁRIO (21/5 — 23/6) — Não obstante as indisposições possíveis, no seu caso, durante a semana, o leitor conseguirá muito e será recompensado do seu trabalho. Os negócios extras darão ótimos resultados.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Exerça uma rigorosa ação de polícia sobre os seus próprios pensamentos. O influxo dos astros lhe inspirará idéias absurdas e o predisporão à prática das mesmas, o que agrava o perigo.
- ★ AQUÁRIO (23/7 — 21/8) — Não dê ouvidos às histórias contra terceiros, amigos ou parentes. O espírito de intriga estará derramado na sua «entourage». Reaja com inteligência e precisão para conjurar o perigo de rompimentos ruinosos.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — Não se exceda em libações, nos dias 13 e 16. Júpiter maleficará, em tais dias, sua «Parte da Saúde», podendo prejudicar-lhe o fígado. Os negócios correrão normalmente e não haverá falta de dinheiro.

OS NOMES DA SEMANA

Maio. 12	— Roberto	— Márcia.
" 13	— Emilio	— Antonieta.
" 14	— Flórida	— Ernestina.
" 15	— Diógenes	— Suzana.
" 16	— Jorge	— Dejanira.
" 17	— Eugênio	— Eugênia.
" 18	— Jônio	— Jandira.

EFEMERIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Maio. 12	21° 43' 18"	(Signo do Touro)
" 13	22° 41' 13"	" " "
" 14	23° 30' 7"	" " "
" 15	24° 38' 48"	" " "
" 16	25° 34' 48"	" " "
" 17	26° 32' 36"	" " "
" 18	27° 30' 22"	" " "

Não permita que "ÊLE" fique careca

— Se você vem notando que os cabelos "dêle" estão caindo pouco a pouco e que nenhuma providência foi tomada para deter essa queda, esteja certa de que, mais cedo ou mais tarde, "êle" ficará calvo.



Está em suas mãos, entretanto, evitar que isso aconteça.



Sugira—"lhe" o uso diário da Tricomicina e diga—"lhe" que você acredita na ação da Tricomicina



* **porque** algumas substâncias contidas em sua fórmula fortalecem as raízes capilares e asseguram aos cabelos perfeita fixação ao couro cabeludo;

* **porque** outros elementos, também contidos na Tricomicina, atacam e eliminam a caspa e a seborreia, evitando assim o enfraquecimento dos cabelos;

* **porque** desde o seu aparecimento até hoje a Tricomicina tem beneficiado a milhares de pessoas, conforme provam os atestados que periodicamente são publicados na imprensa e também

* **porque** a Tricomicina é um produto de qualidade, preparado cientificamente sob a orientação e fiscalização diretas do seu descobridor.

Loção Tricomicina

* Combate a calvície — * Detém a queda dos cabelos — * Elimina a caspa
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS DO BRASIL

OREMOS PELO HOMEM MORTO...

Fernando LÔBO

♦ A rua está lá fora e dentro dela a noite está. O Rio de Janeiro é essa eterna luz de promessa, esse mesmo perfume de boemia e de um mistério jamais revelado. Vamos por dentro dela, esquecendo as amarguras do dia, sem lembrar essas pequeninas coisas de todos os instantes em que lutamos, coisas que vão açoiar nossos fígados tropicais. E vamos assim. Ainda agora pensamos no crime, num crime imperfeito, bárbaro, brutal, com todos os requintes de perversidade proposital. Crime a vista de todos, diante do público que certamente baterá palmas fortes e quentes e pedirá bis pelo nosso gesto. Acabávamos de matar um «chauffeur» de táxi a hora sagrada da Ave Maria. Até a hora era cúmplice do atentado. Ele ali estava, com o seu carro polido, seu S. Jorge — mais por vaidade que por crença — pendurado no seu radiador, suavemente provando um cigarro. Tinha a blusa cáqui, a gravata preta, mas trazia óculos «ray-ban» que dão um certo colorido de prosperidade. Os motoristas de táxis gostam sempre de exibir essa prosperidade. Gentilmente pedimos a palavra e murmuramos, como numa declaração de amor, que nos levasse a Copacabana, ou a Tijuca, ou simplesmente e só até o Largo da Carioca. O silêncio enorme ficou toda a vida na boca enfumaçada do moço «chauffeur». Nem resposta. Nem motivo para dizer não. Catávamos um guarda, dois guardas, vários guardas, mas os guardas responderam cantando em coro depois de muitas vazes multiplicados que «com motorista de táxi ninguém pode, ninguém pode, ninguém pode». E voltamos tristes, humilhados, descrentes, pensando num outro país, numa outra bandeira, num outro povo que se juntasse a nós todos e formasse outro povo. Está lá ainda o moço da camisa cáqui e a gravata preta. Vejo a fumaça e o brilho dos seus óculos sem grau, só para exibir poder. Antigamente a gente conhecia a polícia pelos chapéus de longas abas. Aquilo queria dizer: força! Motorista — muitos policiais também — usam óculos escuros para fingir que não vêem, para que possam ver sem ser vistos, para que possam dizer que não escutam, não vêem e não têm movimentos. Por isso ficam imóveis na Praça Mauá, ou numa outra zona qualquer, parados, imóveis, mortos na hora da Ave Maria. Essa a última visão do homem da rua. Depois foi o crime, foi o sangue nas suas mãos, e aquele ruído enorme de palmas, de muitas palmas de todos os homens que carregavam pequenos embrulhos, que iam a caminho de casa, do jantar à espera, de um aniversário talvez, a espera também. Depois que badalaram as seis horas, a cidade morreu cá dentro do seu trabalho e foi viver lá pelas beiras de Copacabana, na porta do «Sacha's», na beira dos bares da avenida, em dezenas, centenas, milhares, de portas abertas a levar gente, a receber da mão de outra gente notas polpudas, mãos trêmulas de álcool falso, dinheiro sujo de suor, de jogo, daquele mistério que a noite envolve e que o Rio tem e que ninguém poderá desvendar. Rezemos pela alma do motorista morto em sonho na Praça Mauá. Vamos ir à vontade pelo mesmo que sempre vivo está, sem óculos, dentro das noites como um vigia perigoso das nossas conversas, menos agressivos quando a noite é inteira. Oremos por todos eles.

E CONTINUA...

Sabe-se que Stanislaw Ponte Preta não mais assinará as suas famosas crônicas na «Manchete». O motivo é o mesmo: Stanislaw não gosta de Carlos Machado e Carlos Machado gosta da «Manchete». Vai daí, a sobra. Aliás essa coisa de dono de «boite» botar jornalista para fora de seus postos já virou moda e de tal maneira a coisa tomou forma que hoje em dia a maioria dos nossos jornais e revistas tem seus cronistas «especializados» em elogios, apenas. O Barão também era botador de gente na rua, mas acabou ele mesmo sozinho, sem emprego também. Carlos Machado não vai querer outra vez brigar com a imprensa a não ser que ele tenha prazer, ache bonito, ou seja seu «hobby» estar sempre de pinimba com um. De minha parte que conheço de perto o Machado, vale avisar que Stanislaw além de ser muito vivo é muito forte e tem costas quentes.



LÉDA, AGOSTINHA E NAIR lá se vão com a «Brasiliã».

E LÁ VAI A «BRASILIANA»

O destino desse grupo é um destino cigano. Nasceram numa conversa de mesa de café mal sabendo que nunca mais teriam pouso certo. Ontem estavam na Europa, hoje vieram fazer o «Banzo Aiê», agora seguem novamente por outros mares, para novos rumos. Não têm pressa de volta: têm saudade dentro do peito que dói de quando em vez. E a «Brasiliã» que vai seguindo, cantando lamentos, repetindo macumbas, mostrando frevos, sambas e maracatus. Um punhado de artistas negros, sem ajuda de ninguém com a força de seus corpos, suas vozes, sua coragem grande. E depois os outros ficarão sabendo o que foi de seu trabalho.

MAGNÍFICO — Os artistas de trás das cortinas geralmente são esquecidos dos que escrevem. Faço dessas linhas o meu melhor elogio ao coro e a orquestra que acompanham Edith Piaf. Muito embora só apareçam no final, o seu trabalho magnífico é notado em todos os números onde estão presentes.



O RETRATO DE ONTEM

É do tempo do «Monte Carlo», aquela «boite» suspensa lá no cocoruto do morro. As vazes chegava a dar gente, outras fechava para que os garçons descansassem mais. Quando surgiram os pequeninos espetáculos ali a casa foi tomando forma e o Grande Otelo passou para as mãos de Carlos Machado. As vazes sumia da casa e ia procurar alegria num ponto distante dela. Saturação. Depois voltava e era perdoado. Aí está ele, girando num apêto de mão ao seu amigo, e assistido por Lili Marlene, Ronaldo Melo Pinto e Raimundo Magalhães.



O ÚLTIMO «SHOW»

Antes de fechar as suas portas, definitivamente, o «Casablanca» nos deu como adeus um «show» de reminiscências, feito por Zilco Ribeiro. Depois morreu e o governo resolveu tomar providências. Mas o prédio está lá e ninguém até hoje pôde saber o que há por trás das cortinas da Prefeitura quanto ao rumo que a casa tomará. Há quem diga que Carlos Machado é «liga» do Negrão de Lima e que está mexendo os paizinhos para ficar com mais aquele lugar. O que quer dizer que o Machado pretende ficar com uma série de «boites». Um instantâneo de «O Samba Nasce no Coração». César Tedin cumprimenta o velho «Donga».

"...Amo-o com tanto ardor
que até nas suas próprias
[asperezas
e nas caras zangadas que
[êle faz
— desprega-me isto — eu
[acho certo encanto".



Texto de **BOLIVAR COSTA**

O MONSTRO DE OLHOS VERDES FASCINA A PLATEIA

A Tragédia era tão grande, tão humano o seu conteúdo, tão contundentes eram os seus lances e tão sombrio o seu desenvolvimento, que o "Doce Cisne de Stratford-On-Avon" achou melhor afastá-la do continente europeu, deixando-a "alimentar-se de si mesma" no abandono

mortal da ilha mediterrânea de Chipre. E não poderia ter sido de outro modo, pois que o cruzamento das linhas dramáticas no seio mesmo do "desabrigo ante a maldade conscientemente articulada", nem de longe deveria ser perturbado pelo estoicismo continental. O lugar, excelente. O



O monstro de olhos verdes

sombrios, cuja efetivação significará para ele a afirmação. Emocionalmente é o Senhor da ação, sendo, além disso, possuidor de uma frieza, este semi-demônio, nem mesmo em seus momentos de maior paixão consegue explicar os motivos que o levaram a transvagar a alma e a carne de suas vítimas — massa da qual inocula a peçonha da desagregação. No sentido, Iago responde: "É excusado, ainda por mais, doravante não direi palavra."

Certo é que a sinceridade, a honestidade (e a pureza de Autran) ficam debilitadas ante os indícios de traição. Desdêmona (Tônia Carrero), cuja pureza é a sua maior característica. Fascinado por terríveis suspeitas, Iago, em dúvida, o guerreiro de vinte anos de combate, mais o pensamento constante do adultério filial, constrói em seu cérebro tresloucado plano onde a ignomínia da traição deveria ser perpetuada. Quanto maior o desvario, quanto mais o espírito compungido pelo último dos sinais, mais eles logram suas insinuações. O Mouro ganha em infâmia saída dos lábios do mensageiro do destino, da traição à dúvida que o consome inexoravelmente! Desgraçados daqueles que se entregam à lascívia! Morte a todos, porque nesse o ser humano possui contrafortes capazes de conter os caprichos.

— É o motivo, minha alma, é o motivo. É o motivo do comovente desespero, ao ver sua pátria Desdêmona vestida de noiva.

— É o motivo... — Repete, como se tolhido.

*"...Mas as palavras só palavras são.
E nunca ouvi dizer de um triste coração
Que pelo ouvido viesse a ser curado.
Se vos apraz, tornemos ao Estado".*

tempo, oportuno. E os caracteres, genialmente talhados dentro dos limites do contraste, da diversidade — do demasiado humano.

A tragédia "Otelo, o Mouro de Veneza", ainda em representação no Teatro Dulcina pela "Companhia Tônia-Celi-Autran", é a obra que conta a história completa do "ciúme, um monstro de olhos verdes, que escarnece do próprio pasto de que se alimenta". E mais do que isto: nela, o maior dramaturgo de todos os tempos despoja o "mal" de suas formas comuns — vingativa, utilitária, etc. — para apresentá-lo na nudez absoluta em que o vislumbrou em sua contemplação do universo. A maldade "pura", representando um fim em si mesma. É ao sabor dessas duas fórmulas que, com profunda mobilidade poética e grande intensidade dramática, flutuam as silhuetas que marcham inapelavelmente para a perdição.

O personagem central dessa história triste, Iago (Felipe Wagner) — o arquiteto da tragédia, o fiandeiro abominável da suspeita, da desconfiança, do desespero, e do crime, labora imperceptível, minuciosa e racionalmente os lances

*"...E tu, cão espartano! mais feroz
Do que a dor, do que a fome, do que o mar!
Olha a sinistra carga dêste leito:
É obra tua! Isto faz mal à vista!*



s verdes fascina a plateia

ará para ele um passo a mais rumo à auto-
Senhor da situação, circunstancialmente, o
o, possuidor de uma dialética insinuante e
mo em seus últimos momentos se digna de
am e transviar, com tamanha crueldade, a
s — massa de amor e inocência no cerne
de desagregação. E a uma pergunta nesse
usar, indagá-lo. O que sabeis, sabeis. E

honestidade e a bravura de Otelo (Paulo
os indícios contrafeitos da infidelidade de
sua pureza d'alma os próprios lírios man-
suseitas, martirizado até à angústia pela
os de combates e sacrifícios, já não suporta
o adultério físico, e desenfreado a imagina-
slouado pelo ciúme doentio, o leito espúrio
eria ser perpetuada. Porém Iago não oferece
ario, quanto mais agudo o torpor daquele
dosinales, mais expressividade e realismo
aro gita em delírio a cada palavra e a cada
nsa giro do mal; prefere mil vezes a certeza
ome inexoravelmente. Malditos os que amam
os daqueles que agonizam nos abismos da
nesses o sentimento de dignidade não mais
conte os caudais irreversíveis do destino!
é o motivo... — Diz Otelo, num passivo e
a pália Desdêmona adormecida sobre o leito

omo que tolhido por um sortilégio.



*“...Não me desperta o ciúme
Ver que minha mulher é bela e que a acham bela,
Que digam que ela tem prazer à mesa,
Que gosta de brincar, de rir, folgar,
Que sabe conversar, que canta e dança bem...”*

Isto significa a revelação de sua extrema decisão: lançar fora a Pérola que o encantara dez mil vezes mais que o conjunto de todas as belezas do universo. Mas é forçoso antes apagar a trêmula e esmaecida luz do candieiro, para só então comprimir o colo de alabastro e extinguir o brilho daquele olhar, cuja ternura faz tremer sua verdadeira natureza. Não obstante, ainda insiste no desejo insano de adquirir a certeza da traição, que seria o prêmio do sossego e da paz tão estupidamente afastados do seu espírito.

E como todas as cândidas respostas de Desdêmona não fazem mais que exasperá-lo, o Mouro deposita-lhe o beijo derradeiro, enquanto suas negras e gigantesas mãos arrancam a vida àquela para quem o amor forjou a morte.

Longe de representar uma vingança, o sacrifício de Desdêmona é antes uma purificação, uma penosa purificação do mundo ideal de Otelo. Impossível era suportar por mais tempo a visão torturante de sua Pérola em degradação: “Jamais, Iago, jamais!”

E o mesmo amor, que transmutado em ódio matou Desdêmona, comete o suicídio, mergulhando para sempre no doce sono do esquecimento. Dêsse modo, o honrado Mouro encontra a solução para a sua agonia!

E que nobre solução!...

Ah, Desdêmona, símbolo de ternura e de pureza, nem a conspiração negra de todas as magias do mundo reunidas, teria poder para transformar em um pêlo sequer de um asqueroso crocodilo, a menos cristalina das lágrimas que pelas tuas sedosas faces pudesse por acaso deslizar!



O monstro de olhos verdes

Na realidade, as linhas dramáticas se cruzaram. Todos os caracteres cumpriram o seu destino: o espectro da morte aniquilou indiferentemente o bem e o mal. E esta história foi honestamente contada ao povo de Veneza pelo nobre Ludovico (Cláudio Corrêa e Castro), que recebeu de Otelo esta recomendação final:

Um momento! Antes de irdes, escutai-me uma ou duas palavras. Bons serviços prestei eu a Veneza, e isto é sabido. Quanto a esta parte, é só. Mas quando relatares estes funestos acontecimentos descrevei-me qual sou, sem nada atenuar, nem tão pouco agravar, com maligno intuito. Assim fazendo, falareis de um homem que, sem saber amar, amou profundamente e que, apesar de infenso aos zelos amorosos, nas garras do ciúme enlouqueceu.

Escrevei isso... E acrescentai ainda que, uma vez, em Alepo, como um turco, entre insolências a um veneziano, ousasse dirigir ultrajes a Veneza, pela gola agarrei o cão circuncidado e o castiguei assim!

(E se apunhala com a própria cdagá)

"...Meu Senhor, Livrai-nos do ciúme! É um monstro de olhos verdes, que escarnece do próprio pasto de que se alimenta. Que felizardo é o corno que, cõscio de que o é, não ama a sua infiel!"

A inocência da jovem esposa, confiante que está em seu amor e no amor de Otelo, não a deixa perceber a venenosa trama em que se encontra envolvida. Sua espontaneidade para com todos, e especialmente para com Cássio (Sebastião Vasconcelos), estimula a malevolência de Iago e leva o ciúme do marido às suas últimas consequências. E é precisamente esta inconsciência, esta comovente inconsciência que torna mais patético o seu destino.

O pressentimento da morte, trazido pela ventania que geme na soleira, é seu último consolo. E a «Canção do Salgueiro», arrancada aos refulhos profundos da lama em transe, sua derradeira recordação da infância.

Os rogos por um adiamento do instante fatal se dissipam ante a firme determinação do ódio concentrado. E tal como o «sapo que vive do fartum de um esgôto», o Mouru críspa os dedos obscuros e perversos para lançar fora a preciosa Pérola.

E quando Emília (Margarida Rey), a equívoca esposa de Iago, torna-se humana pelo destemor e indignação demonstrados com tanta veemência, num só instante de gravidade empana toda a levandade de sua vida passada. Ferida de morte pela arma do marido, cai implorando que coloquem seu corpo junto ao cadáver da ama, e morre cantando a «Canção do Salgueiro», que há bem pouco ouvira dos lábios de Desdêmona.

"...E as horas da ausência, para quem ama, mostram-se mais enfadonhas e sete vezes vinte e quatro horas mais longas do que as do mostrador do relógio. Ah! contá-las, contá-las, como é triste!"



O Fato Literário

O POETA FERNANDO PESSOA

J.R. TEIXEIRA LEITE

♦ OS VINTE anos da morte de Fernando Pessoa, ocorridos a 30 de novembro de 1955, passaram, praticamente despercebidos no Brasil. Praticamente, dizemos, porque aqui e ali, sempre se ouviu alguma referência ao grande poeta lusitano, talvez o maior de quantos tenham cantado, em Portugal, desde a época de Camões. De modo geral, porém, os críticos preferiram dedicar-se a outros estudos, abandonando a incômoda personalidade de Fernando Pessoa, do multi-facetado poeta, que se assinou ora Alberto Caeiro, ora Ricardo Reis, ora Álvaro de Campos, agora os heterônimos ingleses da juventude, e o próprio nome recebido em batismo.

Talvez seja essa dificuldade em penetrar a obra fernandiana — dificuldade que, à primeira vista, não existe — que tem, até ao momento, privado o leitor de língua portuguesa de um bom ensaio sobre o autor da «Ode Marítima». Porque, quanto ao trabalho de João Gaspar Simões, em dois volumes, sobre Fernando Pessoa e a sua geração, não podemos dizer seja verdadeiramente um ensaio compreensivo e de alto valor, embora lhe reconheçamos uma infinita superioridade sobre os poucos outros que a ele foram até hoje dedicados.

Nós, que em Portugal estivemos há pouco mais de um ano, ali tivemos o ensejo de estranhar a quase total ignorância demonstrada pela juventude estudiosa portuguesa para com aquele que, a nosso ver, foi o maior poeta da língua, em todo o século XX — um dos maiores do século, aliás, em todas as literaturas. Essa ignorância não denotava, em verdade, desconhecimento da obra e da vida do poeta, porém hostilidade, e até menosprezo. Porque, em realidade, se as Edições Ática publicam livro sobre livro as obras completas de Fernando Pessoa, eles não conseguem entusiasmar as gerações mais moças, que nêles vêem sobretudo o dedo político inimigo do integralismo lusitano de décadas passadas, do autor de alguns versos de há muito considerados ofensivos ao próprio sentimento nacional.

E até que esse estado de coisas permaneça, será muito difícil, realmente, que surja um bom ensaio sobre o grande poeta português.

LIVROS

A. BARCELLOS SOBRAL estréia em livro com «Poema», obra que mereceu o «Prêmio Teixeira de Mello» da Prefeitura Municipal de Campos. O autor ainda se mostra muito preocupado com a metrificação, a ponto de ter inventado, para seu uso exclusivo, um sistema especial. Ora, o que geralmente vemos, nos poetas obsecados pela técnica, é que essa se aprimora, às custas justamente da essência poética, que se reduz a um filete tenuíssimo, quando não seca de todo. Não é propriamente o caso de Barcellos Sobral, autor de alguns belos versos («O ser que entre lágrimas estancou / repousará no convívio das flores?»). De maneira geral, porém, não nos agradam seus poemas, poemas já superados, do tipo: «Eu trouxe para o mundo / o apostolado da beleza / e a intuição estética do abismo...», etc. Porque não procura Barcellos seguir novos rumos poéticos, abandonando de vez velhas imagens e medidas?



Fernando Pessoa, por Almada
(óleo, 2m x 2m)

POESIA

DOIS POEMAS DE FERNANDO PESSOA

I

*Fito-me frente a frente
E conheço quem sou.
Estou louco, é evidente,
Mas que louco é que estou?*

*É por ser mais poeta
Que gente que sou louco?
Ou é por ter completa
A noção de ser pouco?*

*Não sei, mas sinto morto
O ser vivo que tenho.
Nasci como um abôrto,
Salvo a hora e o tamanho.*

II

*O amor é que é essencial.
O sexo é só um acidente.
Pode ser igual
Ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente.*

NOTAS

SALDANHA COELHO enviou-nos um recado, pela sua coluna «Prelo e Estante», diariamente publicada em «A Noite». Diz-nos que a novela «Desaparecimento da Aurora», de Joel Silveira, a ser publicada pela REVISTA BRANCA, ao lado da edição especial, para subscritores, terá outra, mais ampla, destinada ao leitor comum. Tanto melhor, pois, se não somos contra as edições de luxo, reconhecemos — como o próprio Saldanha — que tais iniciativas são inoperan-

tes, do ponto de vista literário. É raríssimo aquele que, após dar mil cruzeiros por um belo livro, ainda se dispõe a lê-lo.

TRÊS CANDIDATOS já se apresentaram para concorrer à vaga de Dom Aquino Correia na Academia Brasileira de Letras: Magalhães Júnior, Adolfo Moraes de los Rios e Pinheiro Chagas, esse último deputado. De todos, o que reúne maiores possibilidades é, merecidamente, Magalhães Júnior.

BREVEMENTE SERÁ publicada pelo Instituto Nacional do Livro a antologia «Contistas Brasileiros», organizada e apresentada por Saldanha Coelho. Essa antologia reunirá trabalhos de onze dos melhores contistas nacionais, em quatro idiomas: o original, inglês, francês e espanhol. Incumbiram-se das traduções, respectivamente: Rod Horton, Edouard Bailby e Luiza Johnson.

Entrevista Relâmpago

DANTE COSTA

— Pode a literatura ser uma profissão, no Brasil?

— Depende do nível educacional do povo. A proporção em que diminuir o número de analfabetos e aumentar o de educados, haverá mais leitores. E mais leitores é que fazem a profissão literária.

— Algum projeto literário para 1956?

— Nenhum. Aliás, nunca programei minha atividade literária, hoje, aliás, tão reduzida. É sempre possível fazer alguma coisa, quando o espírito acordar naquele dia de disponibilidade, que é dia de escrever. Disponibilidade que logo toma uns tons de ansiosa satisfação e angústia vaga.

— Considera feliz sua carreira literária?

— Sou autor de alguns livros de literatura cercados por um destino feliz. Todos foram bem recebidos pela crítica, e estão esgotados, o que considero promissor, apesar da generosidade. Mas a minha vida literária deu-me algumas grandes alegrias: a alegria permanente de ter sido filho de Angyone Costa e de ter assistido à elaboração de seus importantes livros... A alegria dos primeiros trabalhos publicados, bem recebidos por Álvaro Moreyra, festejado por amigos como Ribeiro Couto... O almôço em Nova York com Langston Hughes... A sessão da UNESCO, em Paris, em que a Espanha foi admitida, entre vaias e aplausos, e ruidosas manifestações dos estudantes anti-franquistas nas galerias do palácio da Avenue Kleber... Algumas páginas do «Itinerário de Paris»... A aceitação que as crianças deram às «Histórias de João Tajá»... A dedicatória de Colette no volume que me mandou... Alegrias que guardo com emoção. Elas é que dão aos livros que publiquei o feitiço de uma carreira literária, que não houve tempo de fazer melhor, ou maior. As preocupações científicas fornecem também, à imaginação criadora, seu saboroso alimento.

— Temos, no Brasil, uma literatura de fundo social?

— Por certo. Ela marca os romances mais importantes da geração modernista. E alguns deles perdurarão quanto perdure o Brasil.

— Está satisfeito com o sucesso de seu último livro?

— O último livro que publiquei foi «O Socialismo». Seu êxito decorre não do possível mérito, mas da atualidade do socialismo no mundo, da sedução que exerce sobre todos os que não são indiferentes aos destinos do homem e da sociedade por ele formada. P.M.

CINE-ROMANCE

HORAS DE DESESPÊRO

QUANDO Cindy penetrou em casa, após haver despachado sumariamente Chuck, todos, da família, já estavam ansiosos por sua vinda. O pai imediatamente levantou-se e correu para ela, porém Glenn, mais ligeiro, puxou-o pelo braço, fazendo-a jurar que nada tinha aito ao namorado. Só depois permitiu que Dan a levasse para o andar superior. Durante toda a cena, Hal, sem mover um músculo, deixou-se ficar à janela, observando a figura indecisa de Chuck, que, diante da casa, não sabia o que fazer ante a atitude da namorada. Afinal, após muito hesitar, Chuck atravessou rapidamente a rua estreita, penetrou no jardim e, pela cortina entreaberta, espiou para dentro da casa.

Alarmado com o que vira, Hal procurou o irmão, dizendo-lhe o que se passava. Primeiro, fôra o velho leiteiro; depois, a visita da jovem professorinha; agora, era aquele rapazinho rondando a casa, desconfiado. Aquilo não podia continuar. Alguma coisa de ruim estava para acontecer, e Hal não esperaria nem mais um minuto naquela casa. Dito o que, retirou-se para a cozinha, resolutamente.

Glenn foi encontrá-lo vestindo sua jaqueta, pronto para escapar. Começou por tentar demovê-lo de seu gesto, dizendo-lhe que cometeria um erro terrível se salsse agora. Hal, porém, não pensava de tal maneira, e disse:

— Estás muito enganado, Glenn. Não quero ir para a cadeira elétrica somente porque um macaco resolve acabar friamente com a vida de um homem!

— Mas o dinheiro chegará amanhã de manhã, no máximo!

(THE DESPERATE HOURS)

CAPITULO VII

Glenn Griffin	HUMPHREY BOGART
Hal Griffin	DEWEY MARTIN
Sam Kobish	ROBERT MIDDLETON
Dan Hilliard	FREDRIC MARCH
Eleanor	MARTHA SCOTT
Cindy	MARY MURPHY
Ralphie	RICHARD EYER
Chuck Wilson	GIG YOUNG
Jesse Bard	ARTHUR KENNEDY

«Screenplay» por JOSEPH HAYES — Novelização de GIULIO ANFUSO — Direção de WILLIAM WYLER — Produção da Paramount Pictures

— E de que me servirá o dinheiro, depois de morto?

Furioso, Glenn resolveu descarregar toda a sua ira em cima da pobre Cindy. Sim, fôra ela quem desencabeçara o irmão mais moço. Não lhe dissera acaso Glenn que evitasse ao máximo enfeitigar-se pela pequena?

De cima da sacada do segundo andar, de onde assistia, impresentido, a cena, Dan observou, dando a conhecer sua presença:

— Seu irmão é que tem razão, Glenn. Nin-

guém nasceu para terminar estupidamente numa cadeira elétrica os seus dias.

— Você aí, cale a boca! Quanto a você, Hal, vou ajudá-lo, se é isso que deseja.

— Não sei, Glenn, já não acredito mais em você e em suas intenções.

Indiferente às palavras do irmão, Glenn sacou do bolso o punhado de notas que Dan trouxe, havia pouco, para o bando, e estendeu-o para Hal, dizendo-lhe que tomasse o máximo cuidado com a própria pessoa.

Hal apenas pôde murmurar:

— Obrigado, Glenn.

Novamente, tentou o rapaz passar por Glenn e ir-se embora, mas Glenn o deteve mais uma vez, segurando-o pelo braço, e dizendo:

— Hal, aviso-o mais uma vez: cuidado. Não tenho esperanças de que você consiga escapar. E se alguma encrenca lhe aparecer, já sabe onde estou, não? Cuidado!

— Está bem, Glenn.

Glenn acompanhou emocionado a partida do irmão, e o seu desaparecimento, numa esquina. Depois, como pressentisse alguém a seu lado, virou-se rapidamente. Era Dan, que, de pé, a seu lado, observava em silêncio.

— O que é que você está aí espionando? — perguntou Glenn, em voz cortante como a lâmina de uma navalha.

Dito o que, retirou-se furioso para o aposento ao lado, onde se encontrava Kobish, preguiçosamente refestelado em uma bela cadeira. Sempre com raiva, Glenn deu violento pontapé numa banqueta que jazia ao lado do bruta-montes, virando-a ao chão e causando, a queda, grande barulho. Com o ruído imenso, Cindy e Eleanor desceram do quarto, a fim de verem



DAN SE DESPEDE de Eleanor, dizendo-lhe que, se não voltar dentro de quatro horas, a esposa deve chamar a polícia. Glenn e Kobish o esperam impacientes, sentados a um sofá.

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

◆ Prisioneiros em sua própria residência de três perigosos meliantes, egressos da Penitenciária Estadual, tudo fazem os Hilliard, sem êxito, para desvenilhar-se da incômoda companhia. Um erro de um dos bandidos, Kobish — que matou friamente um homem —, indicou porém à polícia o sítio em que se deve encontrar o grupo de fugitivos, e inúmeros policiais patrulham agora o local, em busca do bando. Jesse Bard, que tem no caso o maior interesse, comanda as operações.



HAL DECIDIDO a partir a qualquer custo, encontra oposição de parte do irmão, o qual lhe faz ver o perigo da sua aventura. Obstinado, porém, o jovem se despede de Glenn, e parte.

e que se tratava. Dan disse a Glenn, então, que se controlasse, o que só contribuiu para torná-lo mais raivoso ainda. Virou, então, seu ódio para a família inteira:

— Vão-se todos ao diabo, todos! Senhor Hilliard e excelentíssima família, estou farto de vocês todos! Do senhor principalmente, Dan Hilliard, com essa cara de santarrão, com esses olhos severos! Vão-se todos ao diabo!

Glenn completou sua cena de cólera arremessando ao chão o pequeno rádio portátil, que se espatifou em mil pedaços.

◆ Era já noite quando Hal, levando no peito em sobressalto a sua arma, saiu em seu automóvel. Escutava a música do rádio, quando essa subitamente interrompida, cedeu lugar ao novo Boletim Policial: dizia o locutor que a polícia achara elementos precisos no caso dos três prisioneiros fugidos da Penitenciária Estadual, elementos que apontavam uma zona pouco extensa entre Indianópolis e duas outras cidades vizinhas como o local provável onde se encontrariam eles agora. Hal deixou escapar uma exclamação. Era preciso avisar Glenn, custasse o que custasse! Virando violentamente a direção do carro, voltou pela mesma estrada que vinha seguindo, pronto a afrontar a polícia, se necessário fôsse, para avisar o irmão.

Diante de um pequenino bar, parou o carro. Saltou, e cautelosamente penetrou na casa. Não havia ninguém além do proprietário. Rapidamente, Hal pegou o catálogo de telenones, e começou a procurar o número dos Hilliard. Nem

notou quando dois policiais penetraram no estabelecimento, perguntando por um telefone. O policial que ia na frente, dirigindo-se para a cabine telefônica, deu a Hal a impressão de que tinha sido descoberto, e que iria ser preso se não tomasse logo uma resolução. Assim, logo que o avistou, já bem próximo do fone, sacou da arma, e atirou sobre o homem, que tombou de bruços. Depois, o bandido saiu correndo, ainda espantado com aquela aparição inesperada da polícia.

Quanto ao segundo policial, a princípio não entendeu bem o que se tinha desenrolado ante seus olhos atônitos. Porém, tão cedo recobrou a capacidade de raciocinar, saiu em perseguição do fugitivo, chegando ainda a tempo de vê-lo distanciar-se em largos passos. Ao mesmo tempo em que chamava por auxílio, ergueu o revólver que trazia no bolso, e por duas vezes puxou o gatilho. Como que paralisado por uma implacável mão, Hal deteve o seu impulso, depois de fazer um esforço sobrehumano para prosseguir correndo. A bala o atingira nas costas, deixando totalmente à mercê de um bonde que, em corrida veloz, dele se aproximou, sem divisar, seu condutor, o corpo que em vão tentava erguer-se na escuridão. Dois gritos sufocados por um barulho de ossos triturados, e dois pares de rodas tintas de sangue, selaram, de maneira horrível, o término da existência breve e infeliz de Hal.

◆ Na casa de Hilliard, Glenn parecia adivinhar que algo de muito grave estava acontecendo

Subitamente, o tilintar do telefone fez com que todos se erguessem, de um salto. Era Carl, o zelador do escritório de Dan, o qual avisava que a carta há tanto esperada pelo patrão acabara de chegar. Com um suspiro de alívio, Dan Hilliard lhe disse que passaria pelo escritório dentro de poucos minutos, para apanhá-la.

Antes de sair, porém, virou-se Dan para Cindy, aconselhando-a a ficar com Ralphie no seu quarto de dormir. Depois, falou com Eleanor, a sós, por alguns minutos. Quando Kobish e Glenn deixassem a casa, ele, Dan, teria que ir com eles durante certo espaço de tempo. Eleanor quis protestar, mas Dan a interrompeu. Devia ela fazer como ele lhe dizia. Esperaria por quatro horas a volta do marido. Se, terminado aquele prazo, ele não estivesse de volta, já sabia o que fazer: telefonar imediatamente para a polícia, e contar-lhe tudo. Antes que a esposa novamente o interrompesse com suas objeções, Dan subiu um instante ao quarto do filho, o qual, apenas o viu, disse-lhe que desejava falar a sós com ele. Dan ficou estarelecido quando ouviu o garoto dizer:

— Quando eles o levarem, papai, eu quero ir também.

Emocionado até às lágrimas pela devoção do filho, Dan tudo fez para dominar-se, e lhe falou com firmeza:

— Você há de fazer o que eu disser. Já estabeleci todos os planos a serem executados, rapaz!

(Continua no próximo número)

DOR NOS PÊS

Alívio rápido além do que esperava!



para CALOS DEDOS DOLORIDOS, PONTOS SENSÍVEIS

Não há necessidade de sofrer por causa de calos ou dedos sensíveis, doloridos, nem por mais um dia. Use os Zino-Pads Dr. Scholl, o tratamento científico aperfeiçoado pelo Dr. Wm. Scholl, autoridade mundialmente conhecida para conforto dos pés. A borda exterior da almofada de tripla espessura, patenteada, protege o lugar dolorido, amoldando-se perfeitamente à forma do dedo ou do pé. Alívio instantâneo, suavizante. Você ficará maravilhado e surpreendido. Caixas de 4 formatos, como se vê. Adquiras os remédios Dr. Scholl numa das nossas lojas.

Qualquer que seja o seu problema relativo aos pés, há sempre um remédio Dr. Scholl que custa pouco.



ARCOS DÉBEIS

Os Suportes de Arco Dr. Scholl, combinados com exercícios apropriados, aliviam o cansaço, pés doloridos, dores nas pernas e nos pés - causados por debilidade ou queda dos arcos.



PÉS CANSADOS, DOLORIDOS
Pó Dr. Scholl para os pés. Refresca e acalma. Alivia rapidamente a sensibilidade. Torna as meias de nylon mais confortáveis.



CALCANHARES DOLORIDOS
A Taloneta Heel Cushion Dr. Scholl proporciona um leito macio, para calcanhares doloridos. Remove o choque do andar.



Todas as lojas Dr. Scholl para o Conforto dos Pés oferecem demonstrações gratuitas, inclusive um teste completo do pé, sem qualquer compromisso. A causa do seu problema será explicada, e demonstrar-se-á o remédio ou aparelho convenientes. Serviço de pedicuro.



Calos



Calosidades



Calos entre dedos



UNHAS ENCRAVADAS - Algumas gotas do Onixol Dr. Scholl proporcionam no canto da unha pronto alívio, reduzem a inflamação, ajudam a cicatrizar.



JOANETES - O Redutor de Joanetes Dr. Scholl alivia a dor, protege a articulação dos ossos contra a pressão e fricção. De borracha cirúrgica, muito macio.



PROTEÇÃO - ALÍVIO - O Kurotex Dr. Scholl alivia a dor e protege contra a fricção e a pressão causadas pelo calçado. Fácil de aplicar.



PÉS DOLORIDOS, SENSÍVEIS
O Pedicreme Dr. Scholl alivia os pés sensíveis. Refresca, cicatriza, impede assaduras e bolhas. Evanescente, inodoro.



COCEIRAS NOS PÉS - O Solvex do Dr. Scholl alivia a coceira, mata o parasita e auxilia a cicatrização das feridas e rachaduras dolorosas e irritantes.

DEMONSTRAÇÕES GRATUITAS

Lojas Dr. Scholl

PARA CONFORTO DOS PÉS

RIO DE JANEIRO: ALFA 5, 114 - RUA BUENOS AIRES, 114

1A-583

FLASH PAULISTA

HÉLIO ABREU

DICK

♦ O feito deste cão policial merece que se lhe dê o devido destaque. DICK hoje não é apenas o cachorro-soldado e sim o herói da caçada rocambolesca ao menino Eduardo, raptado não se sabe ainda por quem ou por que. A mim não causou espanto fêsse esse tento marcado pelo «meganha» inteligente e bem adestrado, em detrimento dos esforços dos 800 policiais mobilizados pela energia do governador Jânio Quadros. DICK foi um verdadeiro Sherlock, e sua ação não se deu unicamente em virtude de seu aguçado faro. Não. O cão-policial realizou amplo trabalho de cobertura, atingindo um raio de ação superior a 20 quilômetros quadrados, antes de localizar o menor raptado. E quando o fêz (o menino estava num buraco, semelhante a uma trincheira) levantou com patas e dentes as folhas de zinco que cobriam o esconderijo. Neste trabalho de «engenharia» DICK levou cerca de 1 hora. Com as patas sangrando e o focinho escarlate, logo que seus olhos pousaram no corpinho encolhido no fundo da toca, o cão-detective ladrrou alto e contente. Os policiais, (homens) levaram cerca de meia hora a chegar ao local e, neste ínterim, DICK já havia pulado para dentro do buraco onde, ladrando sempre, abanava a causa enquanto o menino alizava seu pêlo macio. Guiados pelo ladrar do cão, fácil foi a tarefa dos investigadores da polícia paulistana identificar o local que servia de prisão ao menor. E tudo depois foi festa. O menino foi levado à presença do governador, onde já o esperava seu pai. Os fotógrafos fizeram espoucar lâmpadas e os retratos foram ter às primeiras páginas dos jornais. Lágrimas de alegria foram derramadas por muitos olhos e milhões de corações retomaram o ritmo normal de pulsações. E DICK? Dick é soldado. Está neste momento em seu canil esperando que o escalem para uma nova missão.

PODE FALAR. A propósito das declarações do ministro da Guerra, general Teixeira Lott, contra o parlamentarismo, declarações que de certo modo agitaram os meios políticos, disse o deputado Juvenal Rodrigues de Moraes: "Quer como soldado, quer como cidadão, pode falar o general Lott. É um direito que lhe assiste opinar sobre aquilo que julgar mais acertado para o regime. Não entendo tenha sua Excia. ferido o poder político nas suas declarações. Ninguém melhor que o democrata de 11 e 23 de novembro para defender o regime constitucional brasileiro. A ele, os meus aplausos". O

deputado Juvenal Rodrigues de Moraes foi "desligado" do PSD de São Paulo, há dias, através de um ato não muito simpático de sua comissão executiva.

VAIA. A maior vata que já sofreu um político no Estado de São Paulo foi a que levou pela frente o deputado Luís Carlos Pujol, em Franca, por ocasião da candidatura Jânio Quadros. Pujol discursou pelo espaço de duas horas debaixo de apupos de toda sorte. Mesmo assim (pasmem) no dia do pleito obteve ele setecentos votos para si e conseguiu eleger o prefeito da cidade...



Cabral



Emílio Carlos



Jânio



Lott



Meneguetti



Balbino

PELOURINHO. Não causaram boa impressão as novas instruções do Banco do Brasil relativas a importação de matérias básicas à indústria. Na marcha em que as coisas vão, espera-se para breve um pronunciamento da FIESP. Aliás, não é pequeno o número de homens de indústria dispostos a reclamar junto ao governo federal melhor tratamento ao parque industrial paulista. Entre estes, segundo consta, figura o conde Francisco Matarazzo.

NOIVADO. O PSD adesista acaba de marcar seu "goal" político, o primeiro do presente ano, ao conseguir uma secretaria de Estado para o sr. Paula Lima. Desta forma Jânio dispõe do PSD estadual, ao qual junta a UDN, mais o PTB anti-Newton Santos e assim, assegura para si completo domínio da Assembléia estadual.

DESMENTIDO. O jovem Wanderley Camargo, que se notabilizou por suas (duas) viagens à América do Norte como clandestino, ao contrário do que se noticiou, não é parente do deputado Paulo Teixeira de Camargo.

AEROMODELISMO. Dentro em breve terá lugar em São Paulo o IV Campeonato de aeromodelismo. Desportistas de todo o mundo estarão presentes à competição.

COLEGIADO. Em declarações a este repórter, disse o deputado Carlos Castilho Cabral, constituir o Colegiado a única forma de governo capaz de salvar o país. "Esta nação vai mal — disse o deputado — Tão mal que, se não abrímos os olhos acordaremos defuntos".

BILHETE. O governador Jânio Quadros parece inclinado a abandonar o sistema publicitário que instituiu, através de bilhetinhos. Assim, se tal acontecer, os brasileiros perderão um dos melhores desopiladores de fígado que se conhece. Esta informação nos foi trazida pelo deputado Luciano Nogueira Filho. (sic)

VOLTA. O engenheiro Dagoberto Sales está, novamente, de amores com o governador. Dizem que foi o próprio Jânio o responsável pela reaproximação. Muito bem.

PACTO. Correm rumores sobre um pacto político existente entre os governadores Antônio Balbino, da Bahia, Moisés Lupion, Paraná e Jânio Quadros. Consta que também o sr. Ildo Meneguetti não se acha ausente do assunto.

MÚSICA. Campinas assistirá, em breve, a um concerto ao ar livre. Trata-se de uma iniciativa do prefeito Rui Novais, em homenagem a Carlos Gomes. Aliás, será este o primeiro tento a ser assinalado pelo referido prefeito que, à frente daquela municipalidade, nada tem feito de útil.

GEMEOS. Falando a este repórter sobre o escândalo dos "cadillacs", assim se expressou o sr. Emílio Carlos: "Não vejo nada de mais neste negócio de importação. Ai de nós se não fôssem os contrabandistas. Estaríamos até hoje sem renovar a frota nacional de veículos. O contrabando só existe por culpa exclusiva do Banco do Brasil. Aliás, contrabando é irmão gêmeo da escassez".

"In memoriam"

Comemorando o primeiro ano de falecimento do 1º Tenente Aviador, Sydney Correia Reginato e oferecida à sua dedicada Avó, Viúva Coronel Frazão Correia:



SYDNEY

Por que foste tão cedo, quando tudo
Sorria em tua vida, bem feliz?
O pobre coração fica até mudo
Absorto em mistérios tão sutis.

Só pode soluçar: é quase mudo
Ao consolo terreno: — Deus o quis.
Moço e bom: tão querido: tanto estudo!
P'ra que foi tudo então? — Ele não diz.

Voaste para o infinito, a terra é triste
E curioso talvez, do que não viste,
Quiseste conhecer o céu também.

Os que te querem, choram tanto agora...
À tua sombra amiga, quem te adora
Guarda a esperança de te ver no além.

Tua tia Cynira Ferreira Espinola.

Rio, 15 de abril de 1956.

"GUIA DA MEDICINA HOMEOPÁTICA"

PELO DR. NILO CAIRO.

Agora novo e desenvolvido, completamente em dia com a evolução da Medicina Homeopática de nossos dias. Acaba de aparecer a 16ª edição deste utilíssimo livro, revista e aumentada com mais de 300 medicamentos novos, pelo dr. A. Brickmann. É o verdadeiro Médico da Família, sendo incalculável o número de curas maravilhosas que tem realizado. Todas as famílias e devem adquirir e guardar como objeto precioso. Onde não houver médico, ele o substituirá. Quem possuir um exemplar deste livro tem sempre ao seu dispor médico e farmácia.

Um grosso volume com mais de mil páginas, impresso em ótimo papel e solidamente encadernado Cr\$ 150,00

PEDIDOS A
LIVRARIA TEIXEIRA
Rua Marconi, 40 — Caixa Postal 258
SAO PAULO

Remetemos para todo o Brasil pelo reembolso postal, contra cheque, vale postal ou carta registrada com valor declarado.

"Mil" lhe oferece:

PARACHUVAS
Super Luxo

colocação imediata



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE
R. MEXICO - 98 A
52-1066 - 22-6194 RIO DE JANEIRO



BALBINO TRABALHA PELA RECUPERAÇÃO DA BAHIA

**ESTRADAS: 414 KMS NO PRIMEIRO ANO DE GOVERNO — OBRAS DE SANEAMENTO —
ASSISTÊNCIA SOCIAL — BALBINO, UM NOME QUERIDO DA GENTE POBRE DA BAHIA**

(Última de uma série de duas reportagens)

A ORIENTAÇÃO imprimida ao Departamento de Estradas de Rodagem, principalmente no último exercício da administração passada, criou situação das mais graves e das mais difíceis para o atual governo.

Foram atacados cerca de 1.000 kms. de estradas, muitas delas sem a aprovação prévia dos estudos, que, na maioria das vezes, eram confiados ao próprio tarefeiro. Além desse grave erro, foram concedidas tarefas numa mesma estrada em limite superior às dotações orçamentárias, ou, mesmo, sem que houvesse qualquer recurso, tudo isso obedecendo uma finalidade política em detrimento frontal dos reais interesses do Estado, dando origem a que fôsse encontrado um débito superior a Cr\$ 80.000.000,00.

Diante disso, foram adotadas medidas enérgicas de restrição de despesas evitando que se tornasse mais grave a situação financeira.

Inúmeras estradas, que apresentavam deficit ou não dispunham de qualquer cobertura orçamentária, tiveram seus serviços paralisados. Outras, cobrindo uma extensão de 414 kms., pela sua importância e razões de ordem técnica, obedecendo um programa cuidadosamente elaborado, tiveram seus trabalhos intensificados, a fim de que fôssem abertas ao tráfego no 1º aniversário do governo.

São elas:

Canavieiras - Vargito	31.000 km
Macarani - Itapetinga	48.000 "
Nilo Peçanha - Ituberá	17.000 "
Valença - Taperoá	19.000 "
Santo Antônio - Amargosa	48.000 "
Amargosa - BR - 4	34.000 "
Serrinha - Coité	32.000 "
Queimadas - Santaluz	41.000 "
Petrolina - Casa Nova - Ramal de Sobrado e Eclusa	94.500 "
Remanso - São Raimundo de Nonato	50.000 "

Total 414.500 "

OUTRAS ATIVIDADES NESTE PRIMEIRO ANO DE GOVERNO

Obras d'arte construídas	231
Reconhecimento	343 km
Exploração locada	57 "
Locação	183 "
Projetos de pontes	5 "

PLANO DE PAVIMENTAÇÃO

Nada mais justo e razoável que a melhoria das condições de trafegabilidade das estradas de rodagem, no sentido de dotá-las de revestimento que ofereça ao usuário o máximo de conforto, segurança, rapidez e economia. A necessidade de um plano se impunha, sobretudo porque faltava ao administrador orientação segura para um trabalho de grande porte no setor de pavimentação. Até então só se pensava em pavimentar duas estradas, que aos olhos do leigo clamavam por um revestimento melhor. Bahia-Feira e Ilhéus-Itabuna. Estas duas estradas só tiveram, no entanto, substancial volume de serviços executados, neste 1º ano de governo.

Foi então elaborado um plano de pavimentação, baseado na importância econômica de cada zona e nas atuais correntes de tráfego do Estado, reveladas através de levantamentos estatísticos. Estes levantamentos indicaram as estradas mais solicitadas e que, por isso mesmo, estão a exigir o melhoramento de suas pistas de rolamento. Uma equipe de técnicos, sob a orientação do eng. Josafá C. Borges, atual secretário de Viação, selecionou os trechos desse plano, traçou o programa de execução e, dando maior elasticidade ao trabalho, estudou e orçou cinco tipos de pavimentação. Ao lado disso uma atuação contínua e organizada se manifestou nas oficinas, tendo se conseguido como resultado a restauração de 40 veículos.

OBRAS DE SANEAMENTO

Dois problemas desafiavam os administradores: a falta de água que assolava toda a população, e o descrédito a que tinha baixado o serviço. Não se podia pensar em nenhuma realização antes de solucionar estes dois pontos cruciais.

No entanto, sabia o povo que novos rumos norteavam a nau do Estado, e as diretrizes recebidas do governador Antônio Balbino impunham um término ao regime de favoritismo, então reinante, para que todos os setores da vida pública pudessem receber um novo sopro que nada mais era do que o trabalho profícuo de que necessita a Bahia. Para este fim, foi solicitada a colaboração do funcionalismo, que deveria transformar o ambiente de comodismo e inércia em uma nova oficina de esforço e pertinácia. Os frutos desta ação não se fizeram esperar. A repartição readquiriu um novo conceito.



Trecho asfaltado da estrada de rodagem Salvador-Feira de Santana (Bahia-Feira), pavimentação efetuada no 1º ano do governo Balbino



Trecho dos serviços de ligação Ituberá-Nilo Peçanha. 414 kms. de novas estradas foram abertos no 1º ano na atual administração bahiana.

Os trabalhos de limpeza nas várias adutoras foram pouco a pouco concorrendo para um abastecimento regular ao povo. Dizer serviço de limpeza, não traduz para o leigo a série de providências exigidas e cumpridas com o esforço do operário bahiano. Entre elas citamos desde a construção de pontilhões de madeira até as novas conexões na linha adutora, obrigando-nos a interromper o fluxo de água à cidade, prejuízo este que todo o mundo suportou com ânimo forte, sabendo que era para benefício de todos. A imprensa já focalizou um aspecto interessante desse problema: há vinte e cinco anos que se aguardava esta operação, levada a bom termo agora por operários e engenheiros que trabalharam 27 horas consecutivas sem o mais leve descanso. O êxito da operação foi traduzido em números: **dez milhões de litros por dia foram aduzidos ao consumo. E com eles, foram vencidas três mil reclamações.**

AS LAVADEIRAS E O SEU TRABALHO

O governador Antônio Balbino percorre semanalmente todos os setores da administração. Nada lhe escapa. Sua visão de homem público vai desde o planejamento geral até os detalhes construtivos. Feriu-lhe a atenção o serviço cheio de dificuldades que as lavadeiras enfrentavam. Água e local eram dois grandes entraves na vida das humildes profissionais da lavagem de roupa. No Alto do Peru foi levantada, em estilo moderno de linhas simples, a Lavanderia de N.S. de Guadalupe. Com 36 unidades, torna-se possível atender por dia a 72 profissionais, considerando os dois turnos de trabalho. Ao lado do prédio, foi feito um parque de diversões para as crianças pobres. A afluência observada nesse recinto prova o acerto da medida e a satisfação que o povo demonstra.

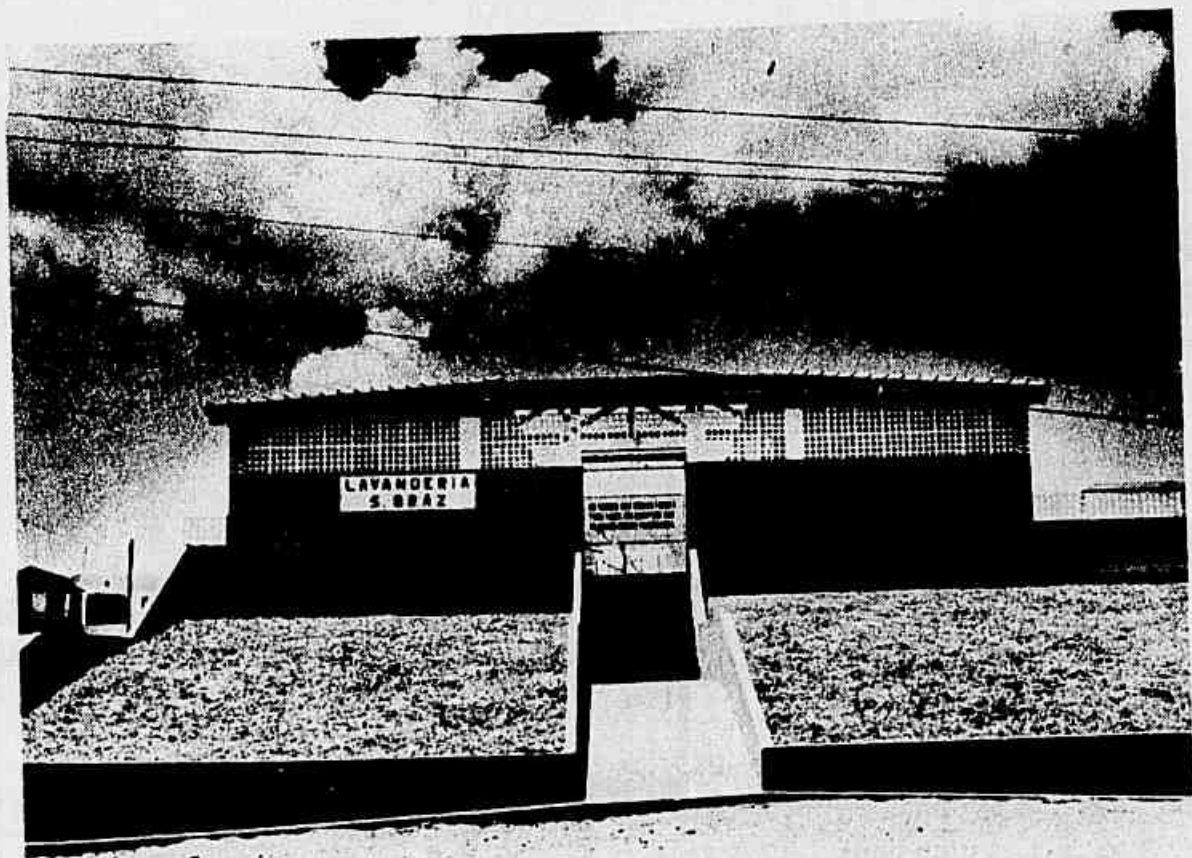
No bairro de Plataforma, uma lavanderia idêntica está servindo ao povo com a afluência integral a todas as unidades de lavagem. Existem 48 tanques. Outro «play-ground» ameniza a vida da infância desprovida de recursos.

Já foram inauguradas mais duas lavanderias, que vêm atender às necessidades urgentes de certos bairros. Em Brotas e Santa Terezinha estão localizadas essas construções. Ali os serviços assistenciais são maiores, porque os benefícios se estendem também ao setor educacional e sanitário, já agora com ambulatórios e salões de costura para aprendizagem das moças pobres.

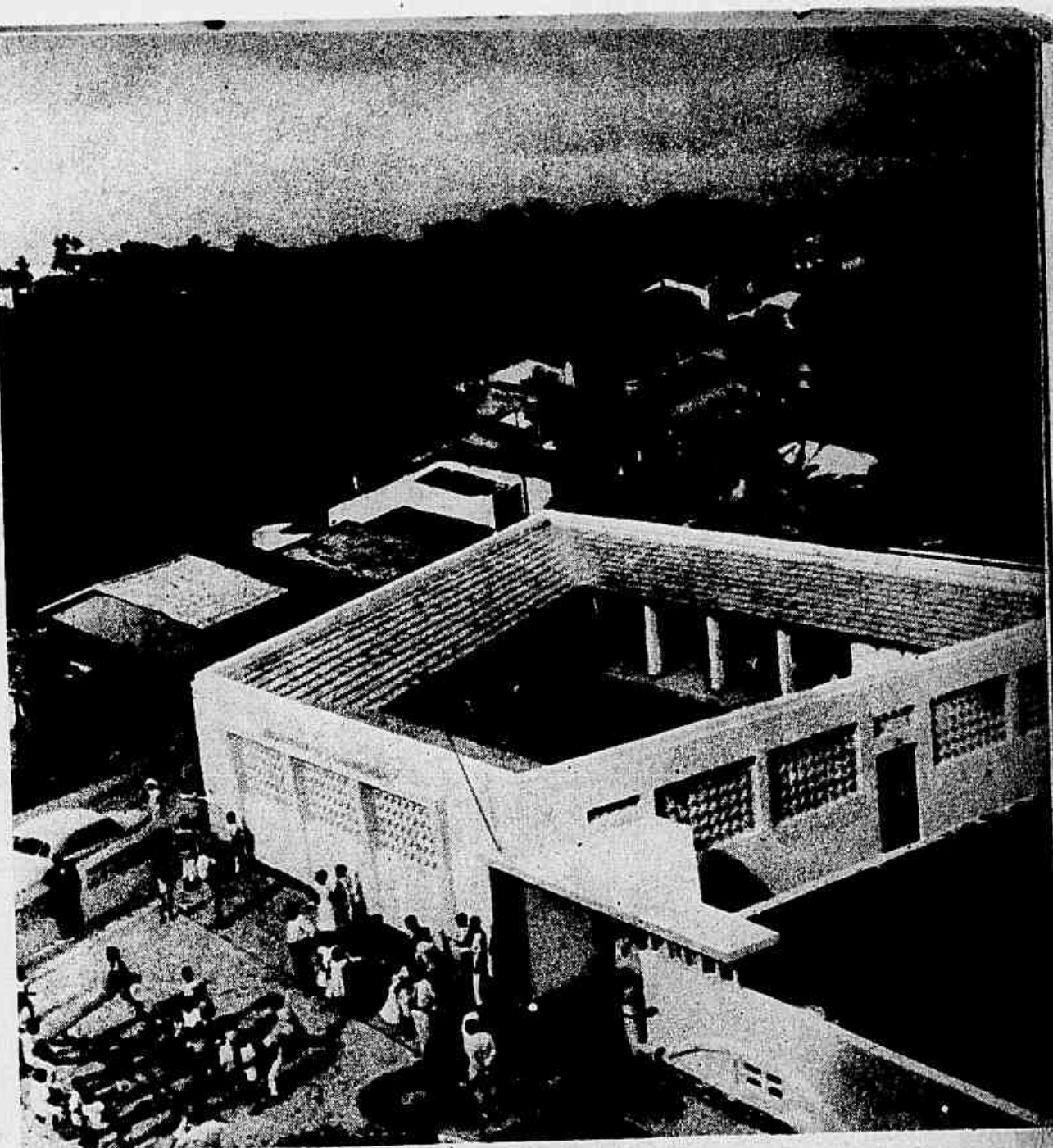
No bairro de Federação (Alto das Pombas) outra construção igual eleva-se com rapidez. Na zona de Cosme de Farias, na Capelinha de São Caetano, e na Federação (Zona do Seminário), os terrenos estão escolhidos para o novo fim. Brevemente, a população desses bairros sentirá o conforto que o governo lhes proporcionará, em cumprimento das promessas feitas pelo candidato ao mais alto posto da Administração Estadual.

ÁGUA GRATUITA E SANEAMENTO

Nunca antes um governador ou um secretário do Estado tinham percorrido a pé as ruas encharcadas de imundície do bairro Japão. Antônio Balbino e Josafá Borges viram de perto a promiscuidade em que viviam porcos e crianças na rua do Céu; viram mulheres grávidas subindo morros com latas à cabeça, e lá mesmo deram ordens para abertura de novos chafarizes e para o saneamento daquela via pública. A execução dessa tarefa foi lenta, pelas dificuldades topográficas, mas hoje temos mais de quilômetro e meio de linhas assentadas nas ruas, em que antigamente corriam, paralelas, com esgotos fecais e lixo. Quase um milhão de cruzeiros dispenseu o Departamento de Saneamento nesse trabalho. Três chafarizes novos foram abertos ao povo, que passou, por ordem do governador Balbino, a receber água gratuita em todos os 44 chafarizes que se espalham pela cidade.



Lavanderia S. Braz, localizada em Plataforma, outro bairro pobre de Salvador. Numerosos desses conjuntos assistenciais serão construídos.



Conjunto assistencial N. S. de Guadalupe, no Alto do Peru (lavanderia, sala de costura, posto de saúde, parque de brinquedos, etc.).

SERVIÇOS DO INTERIOR

O interior do Estado não foi esquecido no setor do saneamento. Duas perfuratrizes trabalham continuamente, se bem que poucos poços produtivos foi possível realizar. A razão é que remetemos as máquinas para as zonas mais necessitadas e estas são justamente as que repousam sobre o cristalino, onde dificilmente se encontra água.

Os estudos de abastecimento das cidades prosseguem em ritmo acelerado. Cachoeira e São Félix já têm seus projetos concluídos. Em execução está o de Caravelas.

REALIZAÇÕES IMPORTANTES DE 1956

I) — A cidade baixa ressaente-se ainda em alguns pontos de falta de água, e assim resolveu o D.S. trazer água da barragem Mata-Escura, construindo para isto uma estação de tratamento, moderna e eficiente. Serão mais sete milhões de litros para o povo de Salvador. Os trabalhos estão adiantados, e espera-se a conclusão, em junho.

II) — O abastecimento de Plataforma está em plena execução. A colaboração particular permitirá ao D.S. apresentar o serviço ao uso do povo também em junho. A tubulação já está instalada. Aguarda-se a chegada do aparelhamento (bombas, motores e caixas metálicas).

III) — Luta o D.S. atualmente para satisfazer a velha aspiração dos moradores de Pituba e Amaralina. As dificuldades são extraordinárias, mas o esforço que se dispense neste instante leva a crer que seja alcançada pelo menos uma solução parcial.

IV) — Várias cidades do interior terão o seu serviço de água iniciado no primeiro semestre deste ano. Entre elas, citam-se Amargosa e Barreiras, cujos contratos de construção estão inteiramente prontos, aguardando a assinatura.



Com os olhos voltados para as necessidades da gente pobre de sua terra, o governador Antônio Balbino está realizando uma administração ditada pelos mais nobres sentimentos de solidariedade humana. Que o digam aquelas lavadeiras que, antes, trabalhavam nas poças d'água infectas, em perigosa promiscuidade até com animais; que falem aquelas mulheres e crianças que subiam intermináveis ladeiras com latas d'água à cabeça, e que agora têm as suas lavanderias higiênicas, seus chafarizes com o precioso líquido em abundância, suas salas de costura, seus postos de saúde, seus parques de brinquedos, tudo isto inteiramente de graça. A reportagem pôde ver e sentir a grandiosidade desse amparo, dessa ajuda à heróica população dos bairros e arrabaldes sempre esquecidos. Com um programa assistencial ainda em início, Balbino levará a essa gente um lenitivo e um estímulo que dificilmente esquecerão. Os sentimentos de humanidade desse governador conduziram-no a uma ação de comovedora bondade, ao mesmo tempo que cuida dos maiores e mais complexos problemas. Balbino é hoje um nome que cresce em popularidade na Bahia, mercê do seu grande coração e do seu trabalho sem alardes, porém seguro e objetivo. Balbino — um nome pronunciado na Bahia, principalmente pelos menos favorecidos, com íntima simplicidade, porém com gratidão e respeito.



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS (ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO:

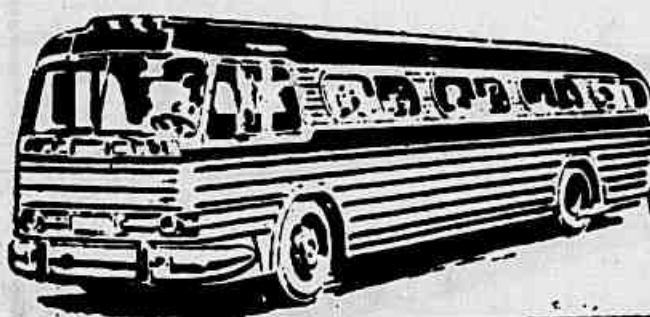
Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIAÇÃO Lida.

AZASO - EB-1

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

GULDA E KLEIN NO MUNICIPAL



Gulda



Klein

◆ Excelente a estréia da temporada da Associação Brasileira de Concertos e Pro-Arte. Estas duas conceituadas organizações apresentaram Friedrich Gulda e Jacques Klein num recital a dois pianos, cuja repercussão não podia ter sido melhor. A interpretação do primeiro número do programa — «Introdução (Adágio) e Fuga (Allegro) em Dó Menor K.V. 426», de Mozart — bem que representou uma demonstração do «virtuosismo sincronizado» de que são capazes os dois jovens e talentosos pianistas. E não foi outra coisa senão a convincente execução dessa peça que proporcionou ao público, uma certa tranquilidade de espírito, aumentando-lhe a receptividade para a belíssima «Sonata em Ré Maior K.V. 448», do mesmo autor. Mas, como sempre acontece nos recitais a dois pianos, a predominância alternada dos intérpretes, aguça a ansiedade geral, e (embora rejeitemos conscientemente tal ponto de vista, de caráter desportivo e não artístico) dá idéia de que assistimos a uma competição em que um dos supostos concorrentes busca constantemente superar o outro, numa corrida ascendente e, muitas vezes, problemática. Entretanto, acreditamos que foi isto o que sucedeu, pois tanto Gulda como Klein têm consciência do seu valor intrínseco.

O ponto alto do recital foi, sem sombra de dúvida, a «Fantasia em Fá Maior (a 4 mãos), Opus 103», de Schubert. A conjugação aqui apresentou maior saliência, provavelmente em função da expressividade da obra, da sua densidade sonora e da sua pujança melódica. A força interpretativa alcançou notável visibilidade emotiva, eletrizando pelo seu diapasão intermitente e, ao mesmo tempo, suave. Após o intervalo, tivemos a «Dança Negra» de Camargo Guarnieri, em cuja execução Jacques Klein destacou-se por uma maior evidência rítmica. «Ma Mère l'Oye» de Maurice Ravel, e «Variações sobre um tema de Haydn», de Brahms, concluíram o programa.

Discos

LARRY ADLER INTERPRETA UM RECITAL CLASSICO DE GAITA. — Gravação curiosa em disco de 10" (dez polegadas) constando de arranjos de obras clássicas e barrocas magistralmente adaptadas e interpretadas por Larry Adler. A primeira delas é o «Quarteto para Oboe, em Fá Maior K.370», de Mozart, com os componentes do Quarteto de Cordas de Winterthur (Dahinden - violino; Wigand - viola; Tusa - violoncelo). Depois o «Concerto para Violino, em

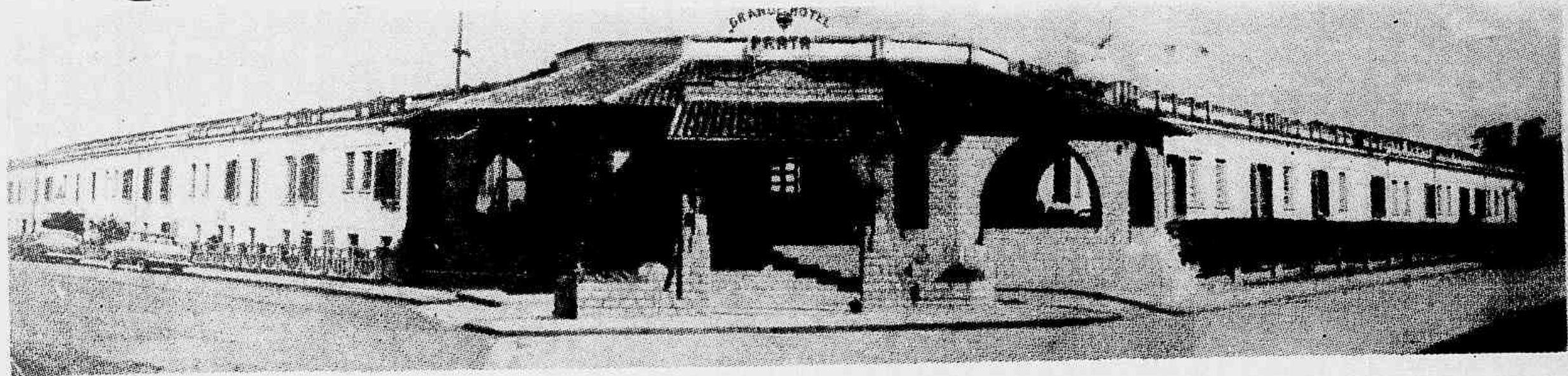
Lá Menor, Opus 3, n.º 6», de Vivaldi, com a Orquestra Sinfônica de Winterthur, sob a regência de Walter Goehr. A seguir vem a «Despedida de Dido», de Purcell, com Frank Pelleg ao cravo. E por último «Jesus, Alegria dos Homens» de J. S. Bach, coral da famosa cantata 147, ainda com o acompanhamento de Frank Pelleg. De modo algum o arranjo foge aos cânones que exigem sejam respeitadas as referidas composições. CLP — 4009 (Copacabana)

NOTAS

No concurso promovido pela Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, com o fim de preencher o seu quadro de violinistas, obteve mercedamente o primeiro lugar, o jovem violinista cearense Virgílio Arraes. Nascido na cidade de Crato em 1932, iniciou seus estudos musicais em Fortaleza. Após vários anos de aprendizagem na capital do seu Estado natal, resolveu se transferir para o Rio de Janeiro, tendo sido acolhido pela Orquestra Sinfônica Universitária que reconhecendo o seu valor, guiou-o ao posto de «Spala». Virgílio Arraes cursa, atualmente, o 8º ano de Violino na Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, sendo um dos melhores discípulos do internacionalmente conhecido violinista patricio, professor Oscar Borgerth.



Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, AGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

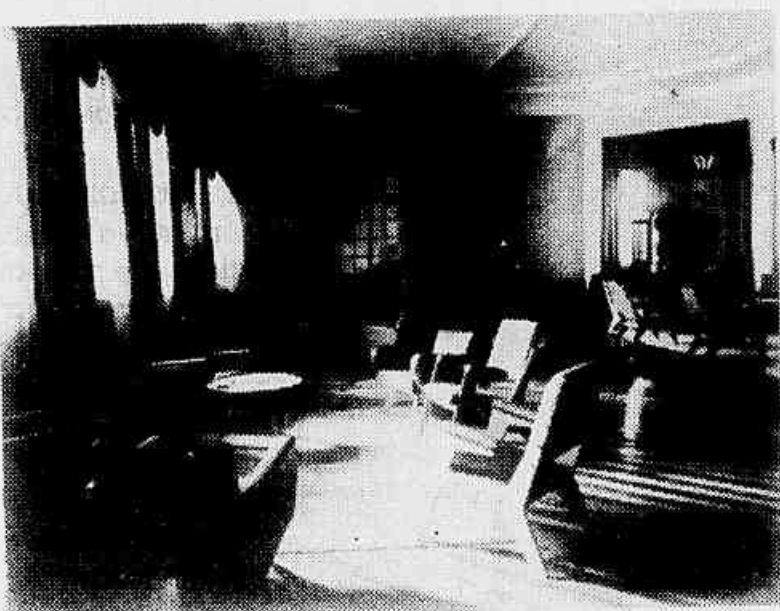
Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

descontos especiais durante os meses de maio a dezembro.
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel, telefones 20, 29 e 4 — Águas da Prata, Estado de São Paulo.

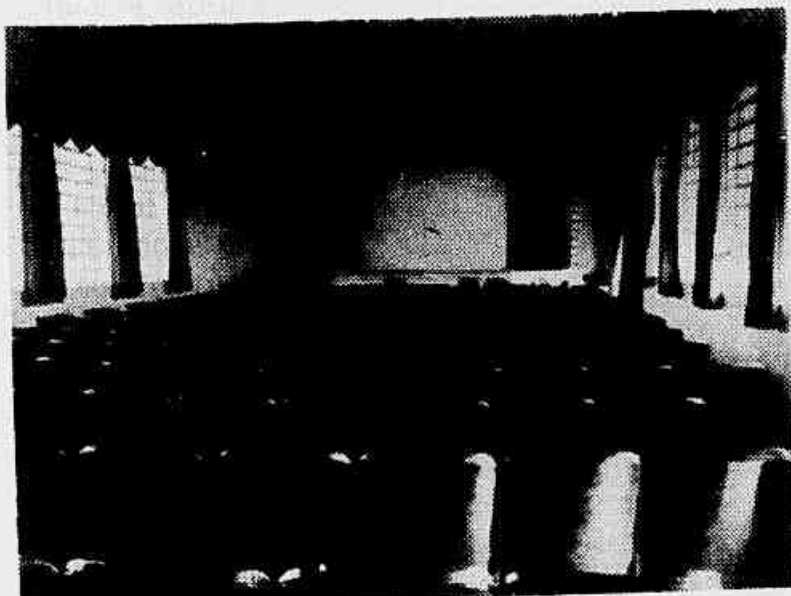
AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



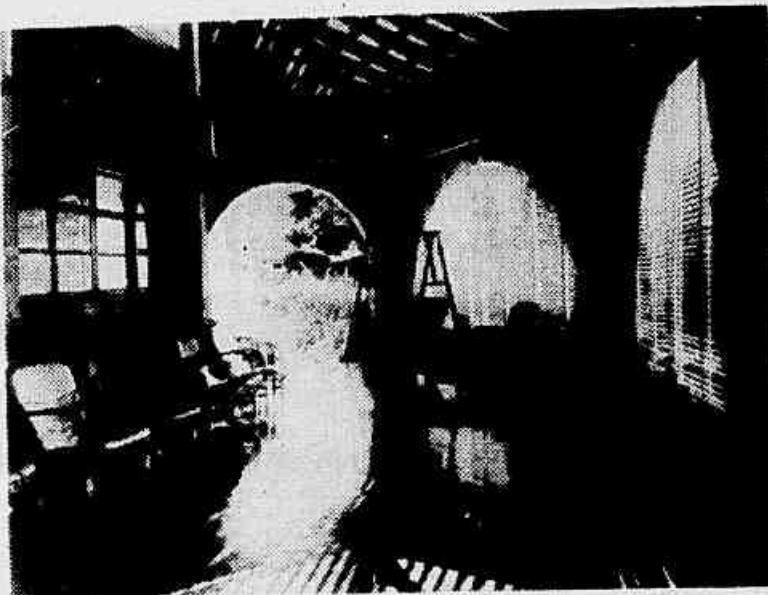
A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.



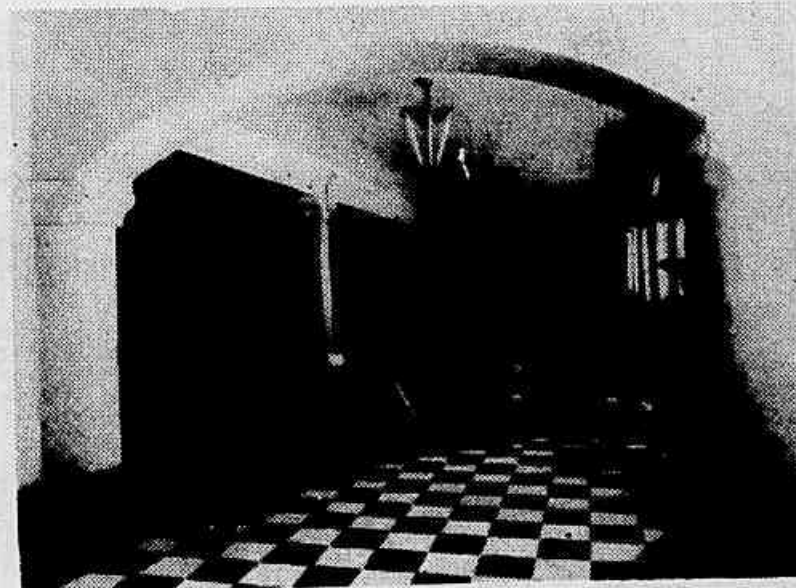
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.

Que é que sabemos das grandes religiões? (III)

QUE É UM CATOLÍCO?

Por JOHN COGLEY

Redator-Chefe de «The Commonweal», semanário católico.
Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press.



JOHN HOGLEY, autor dos presentes artigos sobre o Catolicismo, é o redator-chefe de um importante semanário católico dos Estados Unidos, «The Commonweal».



A CREDITAM ACASO os católicos que são os únicos homens a acreditarem na verdadeira religião?

SIM. E o fato de existirem outras crenças aparece, a seus olhos, como qualquer coisa de profundamente lamentável. Há inúmeras religiões, e cada uma cultua um Deus diferente. E a idéia de que são todas igualmente verdadeiras (isto é, tanto as que acreditam na divindade de Cristo como aquelas que a negam) parece-lhes incrivelmente absurda.

Os católicos acreditam que Cristo, o Filho de Deus, fundou a Igreja, e prometeu ficar unido a Ela, até à consumação dos séculos. Porém, quando afirmam que possuem a única religião verdadeira, não querem com isso significar que são os únicos bem-amados de Deus, seus filhos queridos e tementes. Muitos não-católicos são santos; e inúmeros católicos, ímpios.

Também não creem os católicos que somente eles conseguem ir para o céu. Escreveu o Papa Pio IX: «É um dos pontos essenciais de nossa fé que ninguém pode ser salvo fora da Igreja Apostólica Romana; todavia, também é certo que aqueles que desconhecem a verdadeira religião, sendo essa ignorância invencível, não serão culpados aos olhos do Senhor». Aham, pois os católicos que, aos olhos de Deus, todos aqueles que O amam, e que desejam fazer aquilo que Ele espera de Seus filhos, estão, de certo modo, ligados à Igreja fundada por Jesus Cristo, e, assim, bem podem ser salvos.

Quais as principais diferenças entre Catolicismo e Judaísmo? E entre Catolicismo e Protestantismo?

Possui a Igreja Católica quatro sinais distintivos: é Una, em doutrina, autoridade e culto, Santa, isto é, a obediência aos preceitos católicos conduz à santidade, Católica — pois não muda no que diz respeito aos seus ensinamentos essenciais, pregando o mesmo Evangelho, administrando os mesmos sacramentos a todos os homens, em todos os lugares —, e Apostólica, de vez que sua origem recua aos Apóstolos, e, tal como eles, procura levar a todos os povos.

OS CATÓLICOS obedecem aos ensinamentos de Cristo, que ao morrer na Cruz, possibilitou aos homens a reacquirição da graça, perdida pela desobediência de Adão e Eva.

NO SACRAMENTO da Eucaristia, o próprio Jesus Cristo se entrega em holocausto mais uma vez, pela salvação dos homens. O celebrante é Dom Jaime Câmara, Cardeal do Rio de Janeiro

sem distinção de raça, nacionalidade, classe ou posição, a Mensagem de Cristo.

CATOLICISMO E JUDAÍSMO

Disse o Papa Pio XI, durante a última guerra, quando ia mais forte a perseguição de Hitler aos judeus: «Espiritualmente, todos somos semitas». Durante a Missa, é feita uma referência a «nosso Pai Abraão».

Reconhecem os Católicos o importantíssimo desempenho do povo judaico no campo religioso, antes de Cristo. Baseiam sua crença em Deus Pai, na fraternidade de todos os homens e nos ensinamentos morais ministrados pelos Patriarcas e Profetas. O Cristianismo, como o encara um Católico, é a continuação do Judaísmo. «Não vim para destruir a Lei, porém para completá-la», disse o próprio Jesus Cristo.

A grande diferença entre católicos e judeus é que os católicos acreditam que Jesus é o Messias prometido, Verdadeiro Deus e Verdadeiro Homem. Acreditam que o gênero humano foi remido pelo sacrifício de Cristo, muito embora cada indivíduo deva, por seus próprios méritos, salvar sua Alma, pela fé e pelas boas obras.

Os católicos aceitam o Novo Testamento, que é a Nova Lei da Caridade, pela qual é traduzido o grande Amor de Deus por todos os seus filhos, mesmo aqueles que O não conhecem ou não O estimam, pois, afinal de contas, todos os homens são Filhos bem-amados do Senhor. Com a vinda de Cristo, todos os povos passaram a ser a «Nação Escolhida».

CATOLICISMO E PROTESTANTISMO

O Protestantismo abrange grande variedade de doutrinas diferentes. Algumas dessas doutrinas são mais, e outras menos, parecidas com o Catolicismo. Mas duas das principais diferenças, são, ao que parece:

1) a Bíblia. Os protestantes acreditam na interpretação particular da Sagrada Escritura. Já os católicos acham que a Igreja foi apontada por Deus para ser a Guardiã e a Intérprete da Bíblia, e que com ela está a última palavra, em tudo que diga respeito à interpretação quer do Antigo, quer do Novo Testamentos. É a Igreja quem zela pela ortodoxia (incluindo a interpretação das Escrituras), e quem transmite, de uma geração para outra, a tradição cristã.

2) o Clero Universal. Muitos protestantes acreditam naquilo que se costuma denominar de «clero universal», em oposição a um clero especialmente ordenado segundo um ritual católico. Também os católicos acham que, pelos sacramentos, os leigos se tornam uma espécie de clero do Senhor. Porém, esse paradoxal «clero leigo» está subordinado ao legítimo, que é também o único a receber o santo sacramento da Ordenação.

A Missa Católica não é o mesmo que o Culto Protestante — não só pelo cerimonial, como também naquilo que cada crente acha que está se desenrolando na cerimônia. O protestantismo deixa ao critério de cada qual problemas tão importantes como o divórcio e o controle do nascimento, que os católicos pensam estar resolvidos, seja pela lei natural, seja pela revelação divina, para todo o sempre.

O protestante típico fala na «Igreja» como uma larga entidade espiritual; ao usar a mesma palavra, o católico está pensando unicamente na Igreja Católica Romana.

Pode o sacerdote católico tomar parte em serviços de religião diversa da sua?

Não. O culto público dos católicos, e o exercício sacerdotal das funções religiosas estão subordinados inteiramente à autoridade da Igreja. Desde que a autoridade da Igreja Romana não seja reconhecida pelos demais partici-

pantes em uma cerimônia de culto de várias crenças ao mesmo tempo, os católicos aí presentes — sejam eles sacerdotes ou meros leigos — acham-se em posição insustentável.

Acreditam os católicos que o Papa possa errar? E devem eles aceitar tudo quanto diga o Papa?

Não crêem os católicos que o Papa possa ser sempre infalível. O próprio Papa não acreditaria nisso, pois que se confessa, diariamente, a um simples sacerdote, tal como o mais humilde dos camponeses católicos faz com seu pároco. Os católicos reconhecem, mesmo, que alguns Papas houve de reputação duvidosa, de comportamento simplesmente repugnante. Eu mesmo, quando estudante, ouvi falar deles, na Escola Paroquial. É verdade que o número desses Papas condenáveis, e a quantidade de seus pecados, vêm sendo exagerados no correr dos séculos, pelos inimigos do Catolicismo.

Acham porém os Católicos que o Papa, seja ele um santo ou um pecador inveterado, está preservado, por Deus, de se equivocar naquilo que diz respeito à doutrina da Igreja. Não há, destarte, Papa que induza a Igreja em erro dogmático. Duas são as condições pelas quais o pronunciamento do Papa é considerado infalível, pelos católicos: 1) é preciso que tal pronunciamento seja de acordo às regras da fé e da moral; 2) o Papa deve estar falando como cabeça da Comunidade Católica, e com intenção de obrigar seus membros a seguir suas instruções.

Tudo o que a Igreja ensina como pertencente à doutrina, e como tal infalível, deve ser aceito pelos católicos sem discussão. Em algumas questões sobre as quais ainda não se manifestou definitivamente a Igreja, tais como os milagres de Fátima, por exemplo, têm os católicos o direito de seguirem a sua própria opinião.

O que pensam os católicos sobre a Virgem Maria? A recente doutrina da Assunção de Nossa Senhora, o que representa?

Acreditam os católicos que, desde o momento de sua concepção no ventre materno, Maria esteve livre do pecado original. É a tal fato que se denomina de Imaculada Conceição, muitas vezes confundida com o próprio nascimento da Virgem. Maria permaneceu virgem durante

toda a sua vida. E logo após sua morte, seu corpo foi reunir-se à sua alma, no céu.

Por causa de sua vida exemplar, e por ter sido a própria Mãe de Jesus, acham os católicos que Maria é a maior das santas. E rezam a Deus por seu intermédio, porque acham que Maria é poderoso intercessor, e porque Cristo, ao dizer, no Calvário, «Eis aí tua Mãe!», tornou-a Mãe de toda a humanidade.

A Assunção (crença de que o corpo de Maria, preservado da putrefação, foi conduzido ao céu, para juntar-se à sua alma) foi agora proclamada. Mil e quinhentos anos atrás, sua festa fora proclamada. O que em 1950 aconteceu foi o seguinte: o Papa Pio XII declarou, solenemente, que a crença antiga era, já agora, uma doutrina formalizada, na qual todos os católicos deviam acreditar. O Papa prestou tais declarações a pedido de um grande número de católicos do mundo inteiro, leigos e sacerdotes.

A palavra «Céu» é usada em duplo sentido, não apenas designando um determinado lugar, como também um modo de ser. Quanto ao lugar, acham os católicos que o Céu consiste sobretudo na contemplação de Deus, «face a face», segundo 1 Cor. 13, 12. É claro que do lugar nada se sabe, além do simples fato de que existe. «Os olhos não viram, os ouvidos não escutaram, nem no coração humano penetrou a mínima noção do que Deus preparou para aqueles que O amam» (1 Cor. 2, 9).

Pensam os Católicos que as crianças não batizadas não conseguem entrar no reino dos céus?

Sim, por causa do pecado original. É da crença católica que ninguém possui direito ao céu. O fato de um ser humano poder divisar Deus face a face é, não um direito do homem, mas uma graça de Deus.

A perda da vida sobrenatural — geralmente chamado a Perda do Estado de Graça — por parte de Adão, ao tempo de sua rebelião contra o que lhe preceituara o Criador, implicou na conseqüente perda do estado de graça por toda a Humanidade, de vez que Adão é o Pai da Raça Humana, e rejeitou os dons que Deus lhe pusera ao alcance para a salvação.

‘Continua na pág. 48)





NO TRONO de Cambodge acaba de subir o rei Norodom Sumamarit, que aqui aparece ao lado da rainha Kossamak. O rei tem 60 anos e sucede no trono ao filho, que por sua vez virou Primeiro Ministro...



CORINNE CALVET com o filhinho de três meses, Robin John. O menino nasceu em Sta. Mônica, EE.UU., para onde a atriz francesa se transferiu há tempos. O marido de Corinne — que é o número 2 — chama-se Jeff Stone.

POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



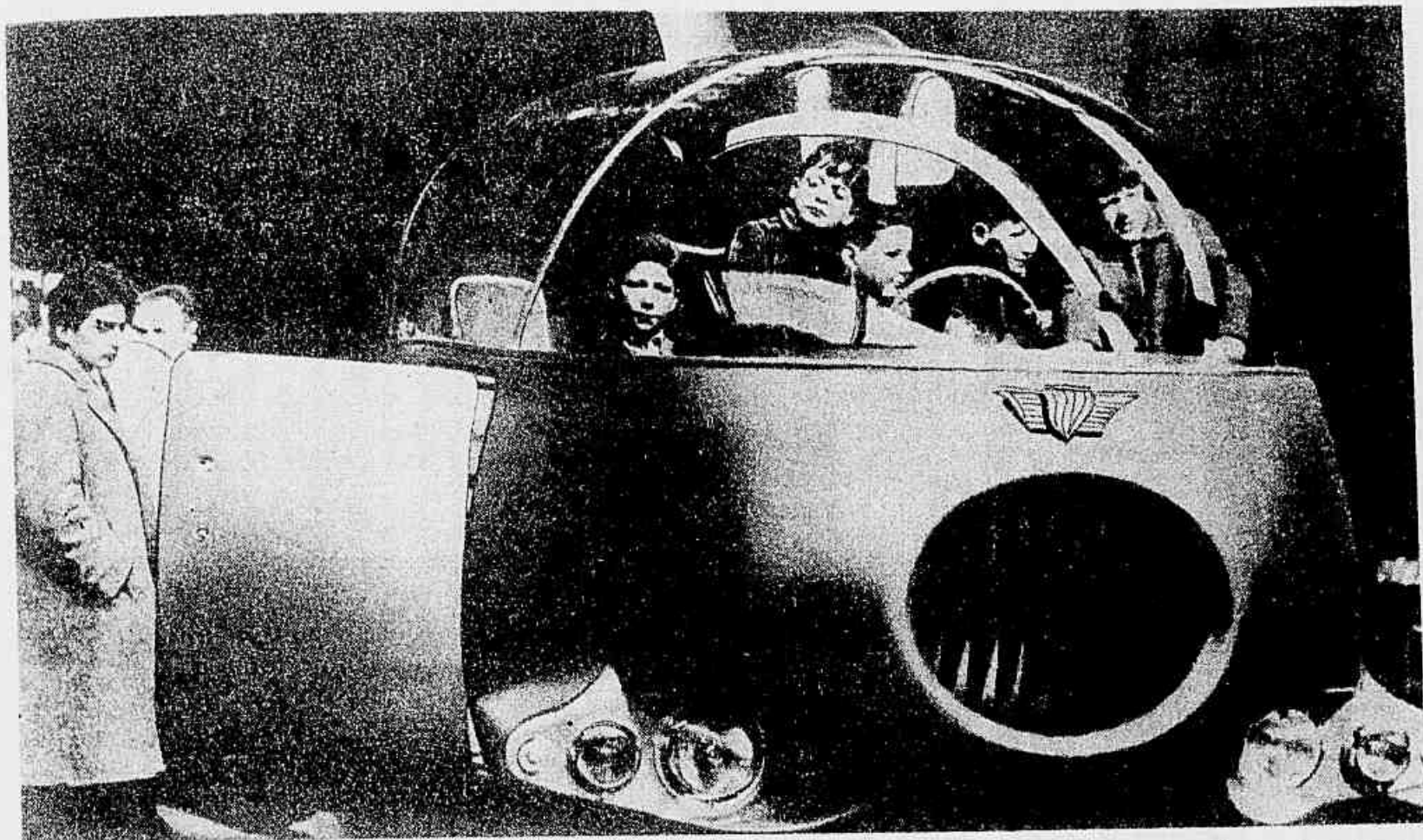
ESSA JOVEM que aí aparece na nacele de seu pequenino avião chama-se Touria Chaoui, e era a primeira aviadora de Marrocos. Foi assassinada há pouco tempo em Casablanca, em circunstâncias mais que misteriosas.



O **POLICIAL**, é claro, não está sustentando a casa, que ameaça desabar a cada momento — em consequência de um forte vendaval que assolou em princípios de abril a cidadezinha de Bronx, subúrbio de Nova Iorque.



PARA TOMAR parte em seu novo filme, onde terá de dançar um número oriental, o conhecido comediante Danny Kaye andou tomando lições de dança com bailarinas indianas como essa, que na fotografia aparece a seu lado.



EM GENEVRA, o Salão de Automóveis apresentou essa maravilha da indústria de automóveis. Trata-se de um pequenino mas espaçoso carro, de fabricação italiana, todo em matéria plástica, e capaz de correr a duzentos quilômetros horários. Possui ainda bar, telefone e televisão.



«IKE IN 56», é o lema da campanha para a reeleição de Eisenhower, nos Estados Unidos. Vejam só o retrato do Presidente americano como está cotado entre essas jovens ianques.



DIZEM QUE vai haver guerra entre Israel e o Egito, e na fronteira de Gazah, o Primeiro Ministro Ben Gurion trata, pessoalmente, de fortificar as instalações defensivas de seu país.



HÁ POUCO tempo aqui estampamos a foto de um trem que naufragou, na Itália. Agora, na Suíça, chega-nos essa, de um automóvel que teve idêntico destino, quando, próximo ao lago Constanza, o terreno cedeu ante seu peso. Seu proprietário, estarecido, tenta tirá-lo da encrenca.



TAMBÉM STEVENSON movimenta-se para as eleições presidenciais nos Estados Unidos. Eis reunidas, figuras de seu «Comité»: a esposa de Joe Louis, Shelley Winters com a filha, e Jayne Mansfield. Assim ele ganha.



ESTE BELO cão São Bernardo é dado ao vício da embriaguez, ora se é! Chama-se Bryn, mora na Inglaterra, e todas as tardes costuma frequentar uma estalagem, onde os donos lhe oferecem, de bom grado, vasto copo de cerveja, que o bicho bebe até ao último gole...

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

O pai amaldiçoou a Deus, espalhou aos quatro ventos que Deus o havia esquecido, que ele não era um Job para agüentar tamanha desgraça. E aposentaram-no aos 42 anos, deixaram-lhe de dar aquelas tarefas de medir terras, ninguém mais o viu com aquele chapéu de agrônomo, de botas, de culote, de blusão pardo, de trena na mão, subindo e descendo morros para determinar, em quilômetros quadrados, as superfícies de encostas, de planaltos, de vales.

O pai não podia mais desfrutar a paisagem que a janela do sótão lhe oferecia. O resto da vida passou-lo em cima de um colchão, em estado de uma semi-coma que jamais lhe permitisse raciocinar. Chegou a se esquecer do próprio nome, de que era pai, viúvo, de que tinha uma filha que, agora, se divertia desprendendo tábuas das caixas de charuto, despregando engradados de cerveja, chegando a desnudar o piano, deixá-lo a mostra os intestinos qual um corpo singular que tivesse cordas em vez de sangue, setenta e duas teclas em vez de dentes. Uma filha que, depois de fazer todo esse estrago, pudesse exercer o ofício de marceneiro; de um marceneiro que somente soubesse serrar, bater pregos, construir caixões: caixões de defunto. Caixõezinhos para os pequenos defuntos bonecos. Caixões um pouco maiores para os restos do urso que foi enterrado com o enferrujado bucho falador do coelhinho.

A retardada Cíntia, nesses momentos, parecia libertar-se do seu estático, quase nulo raciocínio, pois era com perfeição que os caixõezinhos ficavam construídos, sem que nenhum detalhe fôsse esquecido. Dois pedaços de esparadrapo se cruzavam para se pregarem em cruz sobre a tampa. E com folhas de estanho, de papel de embrulho de chocolate fino, Cíntia bordava os lados, como são bordados de ouro os esquivos dos reis. E antes de carregá-lo na palma da mão, ficava uma vela a bruxulear, a queimar o seu sebo a um palmo daquelas folhas de estanho que, gulosas, não refletiam nenhuma luz.

No galinheiro, defronte àquele canto do muro onde as galinhas, instintivamente, iam chocar, Cíntia, com os próprios dedos cavava aquele barro duro que, de tão vermelho, parecia ensangüentar-lhe as mãos.

E voltava (aquêles seu rosto de pedra empedernindo-lhe as pernas, qual um autômato) para carregar, sozinho, o caixão que era deposto a uma profundidade de vinte cen-

tímetros, depois coberto de flores; de flores que as galinhas iam cisgar, fazer porqueira sobre elas, pincicarem nas como se estivessem a comer milho.

Nane, a tia, não era uma desocupada. A direção da «Princesa Isabel» embranquecia-lhe os cabelos de trinta e um anos. E, em casa, o que podia fazer era descansar, refazer-se para, no dia seguinte, agüentar o rojão de ser diretora, professora, tia, mãe, avó daqueles órfãos que somente a ela possuíam.

Pra que cuidar de Cíntia, se a doença de Cíntia somente ficaria curada depois que o seu coração parasse? Ora! Cíntia fizesse o que bem entendesse, se divertisse a seu modo, pintasse o sete dentro de casa, dentro do quintal, sombreado por oitizeiros, por cabeleiras de árvores fruta-pão, majestosamente mais copadas que as gameleiras! Não permitiria que Cíntia transpusesse o portão. Isso não! Empregou até o Josias para ficar o tempo todo vigiando as grades. Mas se Cíntia quisesse ficar nua que ficasse, se quisesse tomar banho, que tomasse. Não iria forçá-la a se submeter a nenhuma dessas coisas. Como uma tatuagem descorada, muito antiga, ficou no lombo de sua perna esquerda a marca de uma dentada, abocanhada pelos dentes de Cíntia, um dia em que seu coração funcionava qual o de uma cadela. Não. Já lhe bastavam as ocupações do Orfanato para lhe consumir as energias, delinhá-la antes do tempo.

E o que se segue aconteceu no ano de mil novecentos e quarenta. Durante toda uma noite de setembro, dia 22, em pleno rebrantar da primavera, Cíntia ficou cavando um buraco. Ficou cavando-o com fúria, às pressas, como alguém que quisesse desenterrar um tesouro (sem que ninguém pudesse ver), para depois escondê-lo em outro lugar. Ficou cavando-o com umas unhas que se gastavam, deixavam de existir, sangravam as pontas dos dedos, qual biqueira. E cavando de sozinha, reuniu todas as forças de sua doença para descer, lá do sótão, um caixão. Um grande caixão. Descê-lo como se estivesse a descer uma mala, que apesar de grande, de pesada, ficasse equilibrado em sua cabeça. E depois de tê-lo em baixo, e empurrasse como um estivador empurra um volume, até debaixo da gameleira. E sem gretar aquela pedra que era seu rosto, Cíntia com um pé foi empurrando aquele caixão que guardava o corpo de seu pai. Foi empurrando devagar, de buraco a dentro que, ao se encher, apenas, devolveu um som distante, surdo, sem eco. Cavo.

O QUE É UM CATÓLICO

(Continuação da pág. 45)

Desde o sacrifício de Cristo — que é um Novo Adão — ficou sendo possível ao Homem readquirir a graça perdida. O batismo a restaura. Sem a vida sobrenatural, simplesmente o Homem não pode aspirar sequer à vida eterna, ao céu. No caso dos adultos, diz a Igreja, a graça pode ser readquirida por um ato de contrição perfeita, ou de puro amor a Deus (Batismo do Desejo). As crianças são incapazes de tais atos de vontade.

As crianças não batizadas (no limbo) não sofrem coisa alguma, pois dá-se, nelas, a perda da sensação. São Tomás de Aquino afirma que também elas têm conhecimento de Deus — porém seguindo uma capacidade «natural». Sua felicidade é maior do que a do mais feliz dos viventes, na terra, embora limitadíssima, se comparada à que aguarda aos sábios, no céu.

(Continua no próximo número)

(Domingo, 13 de maio de 1906)

CARTAS DE UM TABARÉU

● *Compadre.* — Mais um terremoto na America. Coube a vez á Africa em Chipelern (?). A que povo estará reservada a futura catastrophe, meu Deus?! Esse triste caso, segundo os telegrammas, não deu tantos prejuizos... porque a Africa não tinha a importancia de S. Francisco... mas não ficou pedra sobre pedra.

— De tempos a esta parte tenho notado, querido compadre, que as autoridades militares estão prestando mais atenção à instrução pratica do soldado. Exercícios varios, manobras, movimento, emfim, se tem feito no intuito de desentorpecer, desenferrujar o nosso principal machinismo de defeza. Soldado bisonho é exercito covarde. E é para que não se possa dizer isso do nosso que os que mandam tratam de dar-lhe vida, pratica, traquejo e, sobre tudo, consciencia de sua missão elevadissima.

— Viagens e mais viagens: a do sr. presidente da Republica (em exercicio); a do sr. dito idem (futuro); a do "Benjamin Constant"; a da herança do Lomba, tudo em viagem. O sr. Rodrigues Alves foi ver seu venerando pae, que enfermara. O sr. Affonso Penna vae ver em que param as modas pelos Estados, antes de empunhar o leme da canôa governamental. O "Benjamin" vae ver terras, levar o pavilhão da Republica pelos mares afóra, mostrando-o ás nações amigas e contribuindo para a educação dos nossos marinheiros, aos quaes o Brasil confia com segurança uma grande parte do seu progresso futuro.

— A Guarda Nacional mudou de uniforme. N'esta casa todos pertencem á briosa milicia (isto é pleonasmio, tratando-se de cidadãos brasileiros, porque todos o somos, mas deixa que vá); e não se diga que são todos officiaes, não, ha aqui de tudo, desde o commandante até... o commandado, ha todas as graduações. Pelos quarteis onde o serviço é uma realidade, vae uma azafama terrivel. Também a milicia cidadã vae fazer o seu bonito em 24 de maio. — E sem mais aquella,

Adeus. Teu,

Bermudes

PELO EXTERIOR

As ultimas eleições realizadas na França deram o triumpho aos candidatos partidarios do flamante governo do presidente Fallières. Nos paizes de raça latina, já se sabe, os governos vencem em todos os pleitos eleitoraes e isso a ninguem admira, prevendo-se, antecipadamente, a victoria dos candidatos ministeriaes. O eleitorado em Portugal, Hespanha, França e Italia, é pouco consequente em suas convicções politicas e a isso, certamente, se deve que, hoje seu voto aos conservadores, se estão no poder, e amanhã aos liberaes, se estes governam, são infalliveis.

Não acontece o mesmo na Grã Bretanha, onde o chefe do gabinete, Lord Balfour, foi derrotado no ultimo pleito eleitoral, originando esse facto a queda do gabinete.

A situação de alarmas e attentados prolonga-se, indefinidamente, na Russia. Na ultima semana, alem dos costumeiros conflictos no interior do Imperio, deram-se dous factos da maior importancia: as tentativas de assassinato do almirante Dubassoff, governador de Moscow, e do general Iestitenovsky, governador de Ekaterinoslaw.

BLOWITZ

ANNUNCIO

- A «Barra do Rio» está vendendo pelos seguintes preços:
- Terno de sarja ou cheviot para rapaz de pura lã, 35\$000.
 - Superior terno sob medida de sarjas, diagonaes, casemiras de cores, etc., 60\$000.
 - Um superior sobretudo de panno piloto, obra solida, 45\$000.
 - Um paletot de alpaca-lona, forrado, 14\$000.
 - Uma superior calça de sarja prata ou azul, pura lã, 15\$000.

THEATROS

Não fallando das differentes empresas já conhecidas do publico, podemos desde já annunciar para 15 do corrente a estreia da Companhia Portugueza de Operetas, que trabalhará no Theatro Recreio Dramatico, passando a Companhia Dias Braga para o Theatro São Pedro onde deverá reapparecer com a peça «O Homem sem Cabeça». A Companhia de Operetas, sob a direção de Alfredo Miranda, é uma das companhias portuguezas de credito firmado. Entre as differentes personagens podemos destacar a actriz Carmen Cardoso, de quem a critica portugueza tem feito francos elogios. Essa companhia deve estreiar com a apparatusa magica «A Filha do Feiticeiro», além dessa, teremos proximamente a companhia em que trabalha o notavel ator Brazão.

A Dias Braga realiza com «A Cabana do Pae Thomaz» um espectáculo de gala por occasião das festas de 13 de maio.

MARCIOLUS

QUE COISA!

◆ Segundo o «Berliner Tageblatt», o Rei Pedro da Servia tem um filho dotado dos peores sentimentos. Diz elle:

«O Rei Pedro não é somente um soberano fraco, mas tambem um pae a quem falta autoridade. Elle nem sabe educar o filho, nem attrahir para este as sympathias tão necessarias a um principe herdeiro do throno. Alem de passar o tempo em futilidades, o principe, que conta já 16 annos, é d'uma revoltante crueldade. Entretem-se em fazer correr os cavallos, até que os pobres animaes caem mortos, ou diverte-se fazendo com que touros bravos extirpem cães.

Sem pedir licença, entra nos gabinetes ministeriaes durante as audiencias, respondendo aos ministros de maneira arrogante e atrevida. Trata tambem o seu preceptor de modo inconcebivel. Em Belgrado prophetisam-lhe já um triste futuro. E a fraqueza do Rei Pedro é tal, que o preceptor teve um dia de ameaçal-o com a sua demissão, afim de obrigar o monarcha a confirmar uma pena de prisão infligida ao principe».

Que coisa!

N. da R. — Oito annos mais tarde, ocorria a tragédia de Sarajevo, que fêz deflagrar a primeira Grande Guerra. (Que coisa!)

HUMORISMO

— Sou tão caipora que quando como pão com manteiga e o pão cae no chão, é sempre com a manteiga para baixo. Puxa...

— Você nunca viu um burro voar?

— Já, sim. Quando você cahiu da escada, no outro dia.

— Você já viu uma coisa chamada Automovel, Cazuza?

— Já, mas não vi os burros...

— Não tem burros, Cazuza!

— Você pensa que me embrulha? Eles estão lá dentro...

● Grande resaca na bahia da Guanabara prolongou-se de 24 a 26 do preterito. Provocou muitos estragos e grandes prejuizos. Os pontos mais prejudicados foram o cais da Avenida Central, praias do Flamengo e Lapa, onde aos embates da maré, ruiu parte da muralha em construção. Também na praia do Russel houve muitos estragos. O povo foi espiar dos jardins do Passeio Publico.

Desenho de MARIUS

Mau, porque nunca mais a mãe daquela criança provaria do aconchego de um colchão, da alvura dos lençóis, nunca sentiria o cheiro de alfazema queimado nas Maternidades. Mau, porque, então morta, ficara a pobre mulher ainda por muito tempo à espera que a outra vida fôsse salva para que lhe dessem um com-

Havia uma hora que a mãe sentia aquelas dores, a princípio, vagas, toleráveis, depois violentas, cortantes; aqueles chutes que lhe pareciam rasgar o ventre; aqueles coices de bicho bravo, acuando numa fuma estreita, haviam desaparecido por completo. Já se encontra de peito gelado, as mãos cruzadas naquele gelo, enquanto uma vela, à cabeceira, mornamente amarelava-lhe a fronte.

Pesaroso deixou o pai aquella improvisada câmara ardente. Abatido lá se foi elle abafando os passos pelo corredor, de cabeça baixa; de corpo bambo. Mas, ao ver, pela primeira vez, aquêles gritos de carne nova, ao ouvir a sua filha chorar, esqueceu-se de que, em breve, a sua esposa iria embarcar numa singular condução que aceitava, apenas, uma passagem: a de ida. E ficou abobalhado, ansiando tomar a filha, estreita-la nos braços e beijar muitas vêzes aquêlê rosado corpinho, aquêles olhos que mal se abriam, aquella calva de ossos moles. Nem escutou a repreensão da enfermeira, nem sentiu que uma mão lhe batia no ombrô, convidando-o a afastar-se para não contaminar a pureza do berço. Apenas o pai via e escutava aquêlê bolozinho vagir, se urinando de mãozinhas trancadas, fazendo caretas. À beira do berço o pai enfiou as mãos nos bolsos para não evidenciar aquella nervosa alegria. Sem sorrir, mas com uma expressão de felicidade a lavar-lhe o rosto (a enfermeira o havia repreendido novamente), voltou para junto da esposa. Mas, desde então, ninguém mais o viu chorar, cobrir os olhos com o lenço amarratado. Apenas uma leve contração lhe puxava os lábios ao ver a mortella naquele corpo de vinte e um anos.

Consultou o calendário. Feio, muito vulgar o nome da santa daquelle dia. Dorotéia? Não. Lembrou-se de que a lavadeira se chamava Dorotéia. Por que não o nome da mãe? O nome da esposa que, aos vinte e um annos, ficara de feições ainda tranquillias, mais puras, mais lívidas — quando defunta?

E houve festa. Festa durante toda a tarde, até às tantas, regada por um bom vinho, cheirando a peru, adocicada de filhoses, excelente aos calíces de vinho do Porto, aos acri-doces sanduiches de presunto sabendo a molho inglês.

Cintia já podia ver Aquêles olhos, grudados às pestanas nos primeiros dias de vida, abriram-se obliquamente como se abrem obliquos os olhos das crianças da China. E, se a razão de Cintia não se conservasse tão inativa, ela poderia sentir a ternura de muitos braços que não se cansavam de nina-la. Poderia até mesmo escutar uma voz suave, e pedir-lhe sempre:

«Dorme, dorme, minha filhinha
que eu também quero dormir»

E Clotilde cresceu num corpo descorado, de alma lugidia, alheia aos coelhos que latavam — «Sem dia, minha querida» — quando se lhes apertava o bucho, sem ao menos devolver ao urso cinzento aquêllo olhar que tornava bondosa a sua cara. Cresceu quebrando tudo, numa fúria de raiva indomável, esmagilhando cabeças de bonecas que se transformavam num pózinho colorido debaixo de seus pés, ensopando de álcool as roupas das bonecas, para após ficar muda, inteiramente quieta, avermelhando sua visão nas crepitantes labaredas do quele fogo. A ver tudo isso impassível, como se o seu temperamento fôsse o de uma mulher da Inglaterra que assistisse à morte de um ente querido sem pestanejar.

Cintia nem parecia ser a filha da outra Cintia. Da outra Cintia que se sensibilizava ao ver as ondas, que se arrependimento por imaginários pecados molhava os olhos ao escutar as epístolas de S. Paulo, da outra Cintia que sonhava de dia, sonhava de noite, como se todas as horas de sua vida fossem as da madrugada. Nem parecia ter sido gestada

De nada valiam os cuidados da tia Nane. Depois da Nane ficar um tempão fabricando cachos, revirando, tornando a revirar o pente entre um punhado de cabelos, não demorava muito e os cachos se desfaziam, escorridos ficavam todos aqueles fios, sem nenhum brilho, como se tódas as brilhantinas, tódas as loções tivessem desmerecido em valor naquele penteado. E quando a empoavam, aos poucos o pó ia se gretando, se fendendo, deixando a impressão de que a face de Cintia fôsse um pântano que houvesse secado e, sêca, a lama se fendesse. A voz parecia sair de um quarto escuro onde um tísico, ao pedir um copo d'água, exteriorizasse a rouquidão de sua doença. Não se desenvolveu como uma menina. Aos doze anos nenhuma ondulação arrebitou-lhe a segura do peito. Magro, enxuto, mais pareciam os seus seios duas testas, dois pedaços de mármore, qualquer objeto que fôsse plano e frio. Muito pobres de carne escorregavam as ancas pelas coxas, as coxas, pelas pernas, como se tudo isso fôsse um único membro de compleição raquítica. O vestido como se ocultasse o pudor de uma vassoura, mas de uma vassoura enorme, de madeira de lei, que, de tão resistente, chegasse a varrer o lixo de três gerações. E nenhuma pulseira pudera embelezar-lhe os braços, nenhuma volta, no pescoço de Cintia, pudera reter dentro de si a frieza marinha das pérolas. Nenhum exagero nessas comparações. Quem escreve esta história não se encontra vestido de capa preta, não deixa crescer a barba, nem tampouco é um médico que fôsse capaz de abandonar a sua profissão para ficar com os olhos cheios de sonhos. Nada disso.

Pelas gengivas de Cíntia um dente se distanciava do outro, como se tais falhas fôsem janelas para a asfixia de seu coração. Depois das refeições lá estava a língua a deter-se em tais janelas, à maneira de quem limpasse porcas vidraças. Amigos? Colegas de escola? Duas perguntas que forçaram horríveis respostas, mais uma vez podendo comprovar a esquisitice daquela razão, o retardamento daquele instinto, empacado como um burro, que se recusava a compreender as necessidades da vida, impossibilitado de diferenciar as letras do alfabeto. Como aprender as 25 letras se Cíntia, às vezes, sentia-se cadela, depois girar, enfim, qualquer outro animal que apenas vivesse para comer e dormir? Como poderia Cíntia reconhecer as cores se, como égua, relinchava para depois correr desenfreada, roçando pelo rumo do quintal, de cabelos ao vento, à procura de um macho para o seu cio?

Mas (bem poucas foram essas vèzes) Cíntia também voltava a se sentir mulher. Uma mulher que tivesse a compreensão dos nove anos, apesar de ter completado dezoito. Uma mulher que retornasse à infância para brincar de bonecas, brincar sòzinha, apenas tendo como companheiro o seu mutilado anjo da guarda.

Semanas inteiras, Cintia, durante todo o dia, ficava sentada na sombra da gameleira, a beijar a boca cabeluda do urso cinzento, a apertar o bucho do coelhinho, sempre a responder-lhe afável:

— «Bom dia, minha querida».

E esses gestos de Cíntia pareciam abrir um clarão na tristeza do pai. Lá do sótão, abotoava os olhos em cima da filha, como se o imã que dêles partisse fôsse um poderoso ingrediente que completasse a manipulação de um derradeiro remédio. E o pai chegou a acreditar na cura daquela doença! Como milionário que precisasse gastar muito, muito, para que por uns tempos pudesse deixar de sentir o peso de uma abarrotada fortuna, como um louco lá se foi de comércio à fora, comprando tôdas as bonecas, todos os velocípedes, tudo, toda espécie de brinquedo. E veio de Nova Jersey um pônei de pêlo macio, para Cíntia aveludar as mãos quando lhe acariciasse as ancas.

Horrível surpresa! Tão funesta como se tragédia de Apocalipse surpreendesse, de repente, aquêlê pai! Surpreendesse-o como um raio que destruísse tudo, queimasse tôdas as tôlhas de um livro querido, único, que tivesse escrito na capa: Esperança! Como um raio que o queimasse para sempre, queimasse-o até às cinzas.

O pai derreou o corpo sobre o peitoril da janela, como se tivesse sido dividido em dois por um altão. Lá em baixo Cintia tocava fogo nas saias das bonecas que, amarradas umas às outras pela cintura, começavam a arder. Tocava fogo no urso, sacudia o coelhinho no meio daquelas brasas (certamente as molas daquela engrenagem, como o choque, assumiram a repetição das cordas dos relógios) e, mesmo depois de torrado, os ferros de seu bucho lembravam um estranho esqueleto que tivesse carne na boca e repetisse cada segundo.

— «Bom dia, minha querida»

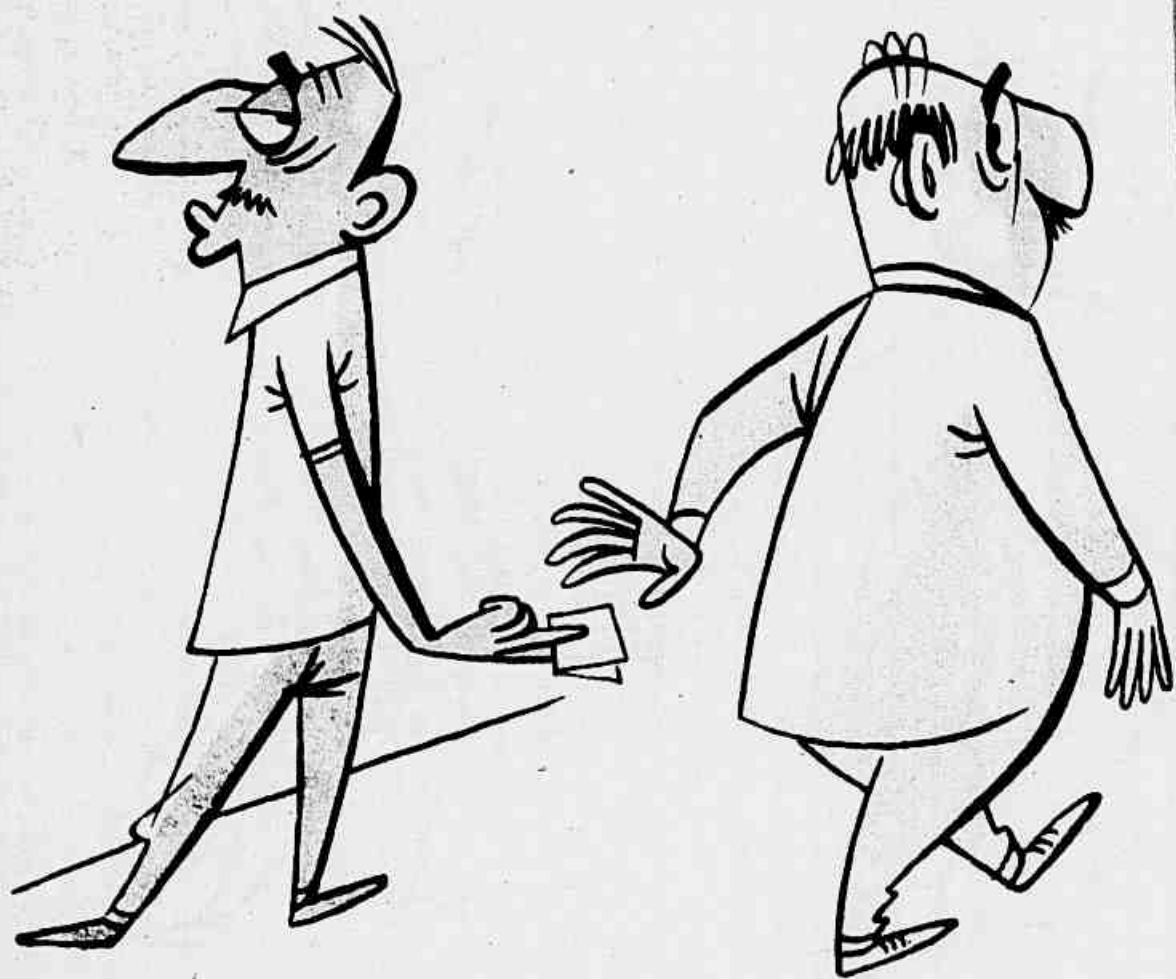
(Continued on page 48)

E cavando-o, reuniu tôdas as forças para descer, do sótão, um grande caixão...



FORTUNA (sempre em dúvida) **APRESENTA**

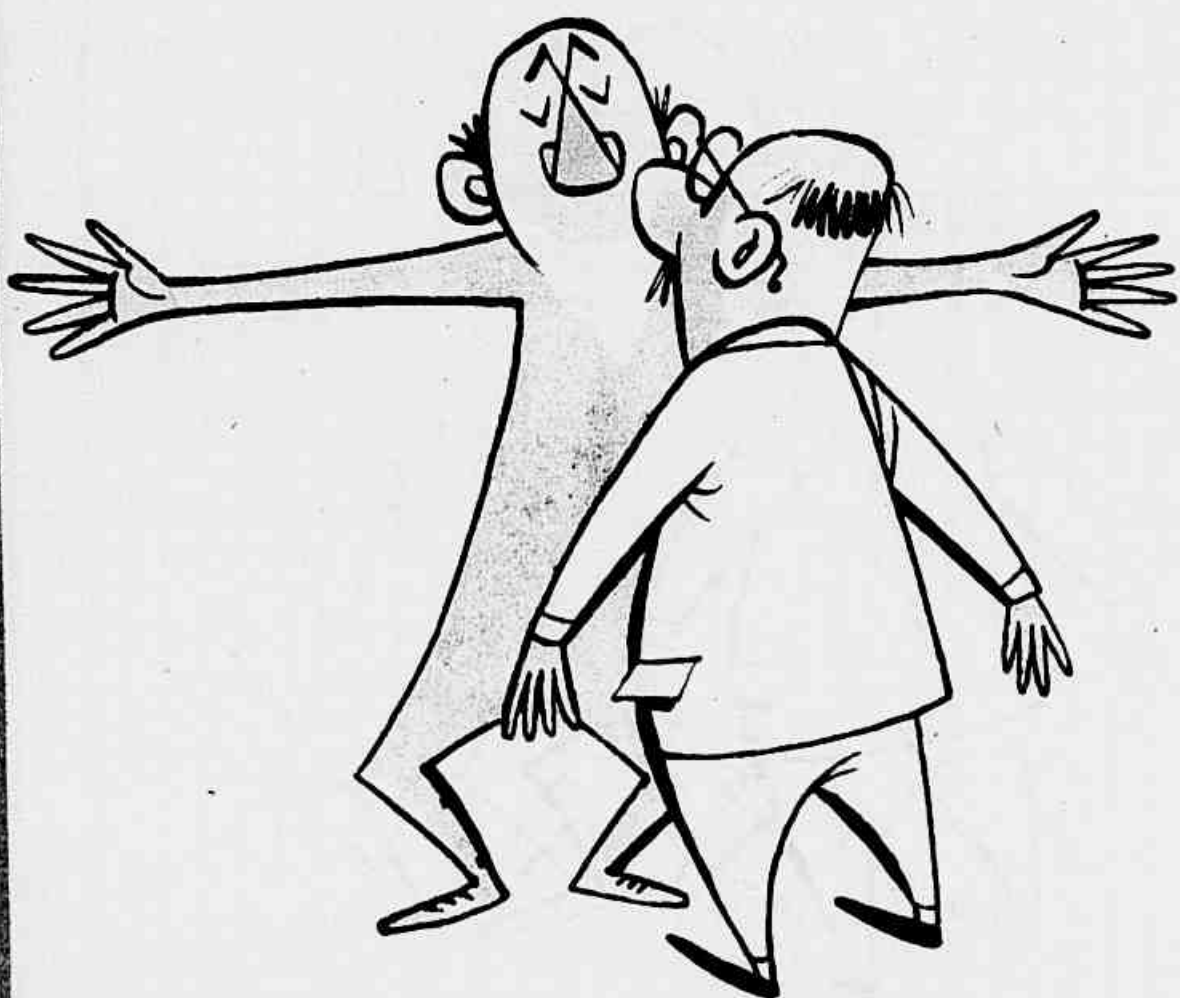
ATITUDES EQUÍVOCAS



PROPAGANDA SUBVERSIVA?
SUBÓRNO?
"BICHO"?



RUA?
AUDIÊNCIA COM MINISTRO?
TOALETE?



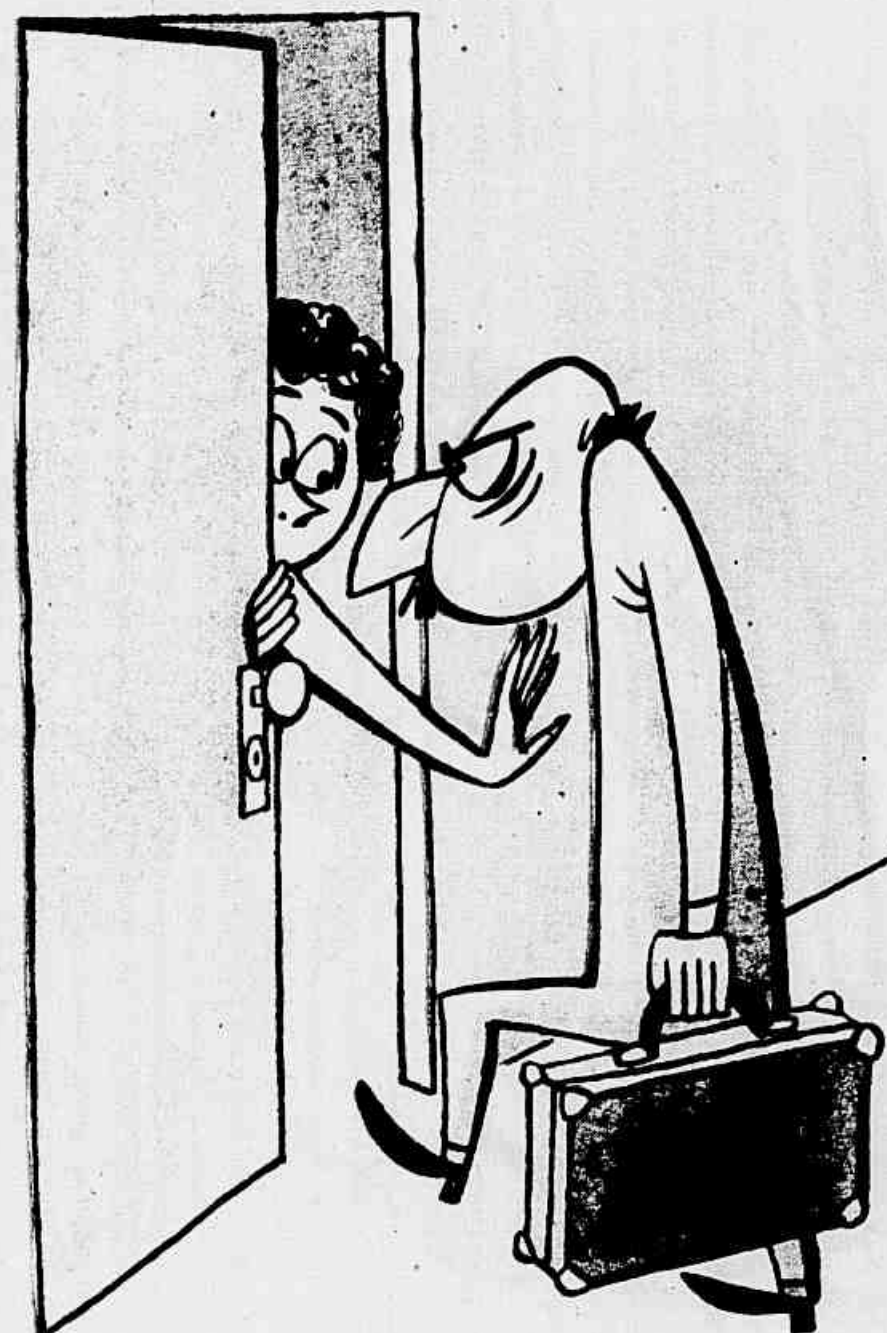
TRANSITO IMPEDIDO?
ENCONTRO DE AMIGOS?
HISTÓRIA DE PESCA?



CHAVE?
GAZUA?
ÓCULOS?



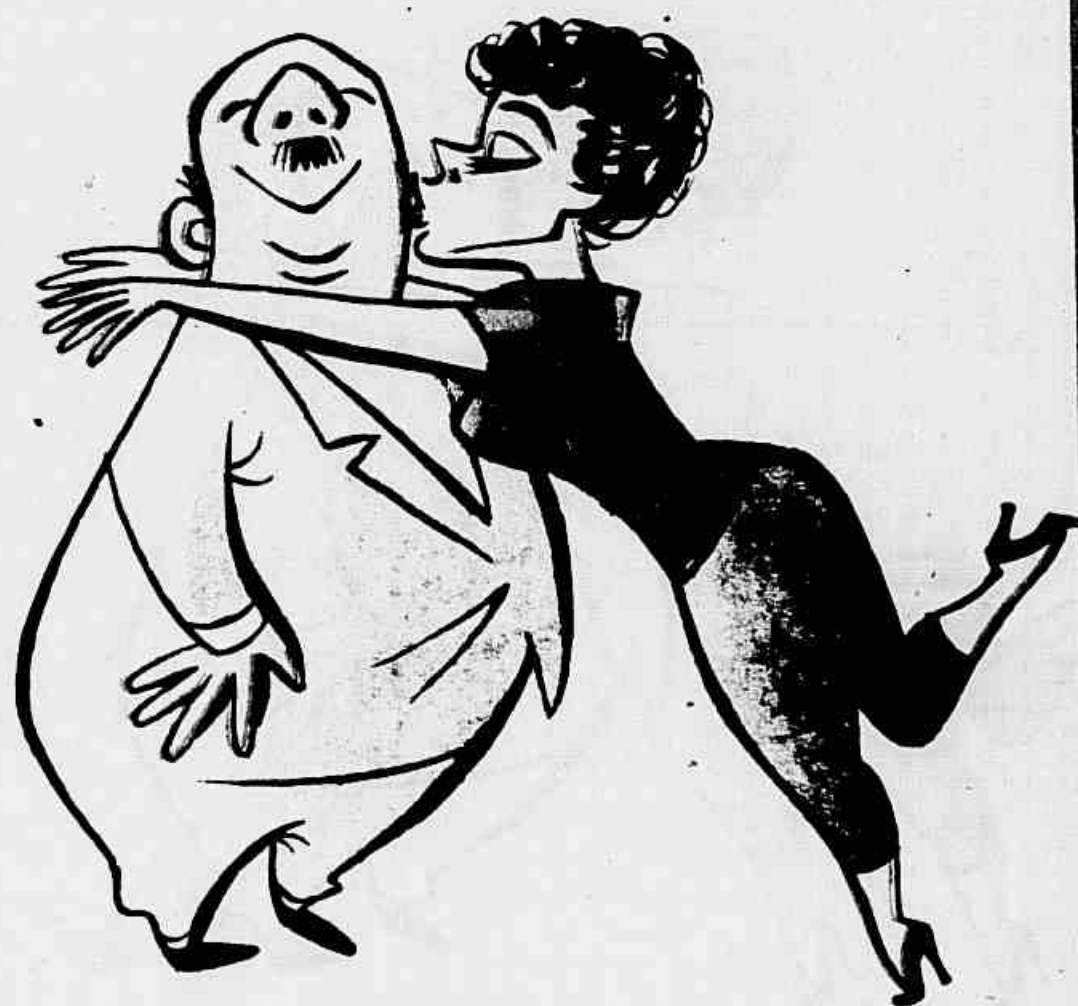
PARA O GAROTO?
PARA A GAROTA?
DOS GAROTOS?



HOMEM DA PRESTAÇÃO?
VENDEDOR AMBULANTE?
REGRESSO INESPERADO?



NAO?
PEDIDO DE PERDÃO?
LAÇO DE SAPATO?



CR\$ 500.00?
CR\$ 3.000.00?
CR\$ 10.000.00?

ALTIVA E ROMÂNTICA a silhueta 1956

◆ Fim de estação. A mulher elegante abre o seu guarda-roupa e se entrega a uma longa e demorada análise de seus trajes. Põe de lado os decotados e esportivos vestidos do verão que passou. Examina as roupas mais pesadas, algumas necessitarão apenas de uma pequena reforma para servirem ainda uma temporada. Depois, folheia os últimos figurinos, procurando inspiração para novas aquisições, estas no rigor da silhueta 1956: a linha Império, ditada por Paris e adotada por Roma, Florença, Londres e Nova York.

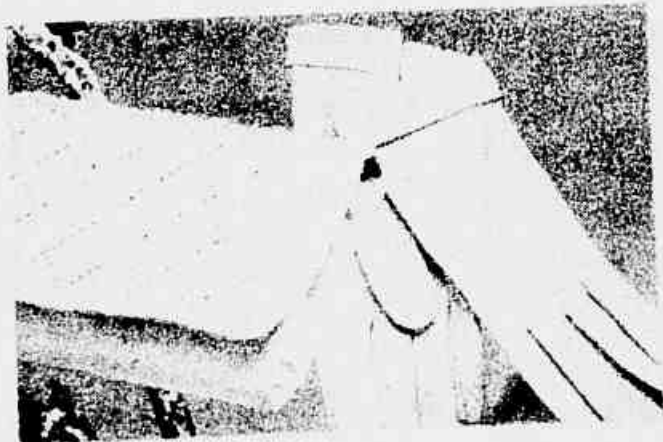
A nova linha é uma interpretação moderna da moda no tempo da Imperatriz Josefina, e da Imperatriz Maria Luísa, isto é, primeiro quartel do século dezenove. É uma silhueta altiva, que torna mais esguias as mulheres. A cintura alta termina sob o seio, que não deve ser volumoso. As saias se simplificam para realçar a parte superior do corpo: decote e cabeça — esta muito bem penteada. Outros elementos fundamentais são: saias ligeiramente franzidas, «tailleurs» com jaquetas curtas, efeitos de bolero e

falso bolero. As costas de blusas e casacos se suavizam em efeitos de blusados, por meio de franzidos ou pregas. Os mantôs são amplos, como a roda partindo quase dos ombros.

Para a tarde e a noite voltam os tecidos leves, as cores delicadas das flores, e o branco em toda sua pureza. Para amanhã e para esporte, lãs em tonalidades areia, tweeds, alpacas e quadriculados muito miudinhos. Para criações mais elegantes destinadas às últimas horas do dia, a sêda (estampada em motivos apenas delineados, ou em grandes florões) se une a lã. A espuma do mar, o reflexo dos lagos, as flores dos campos, os tons encantados do fundo marinho, os amarelos delicados dos bambus, o pistache, o azul miosótis e o vermelho escarlate, são algumas das tonalidades mais apropriadas à nova linha. Quanto aos tecidos, volta o crepe georgete, os organdis acetinados, o schantung-cetim, e a musseline, esta em vestidos vaporosos, jovens e deliciosos.

Os acessórios

Que se usará com os modelos na nova silhueta Império, 1956? A sugestão vem de Paris e da Itália: sombrinhos no mesmo estampado do vestido. Leques de renda e tecidos finos. Luvas e carteiras bordadas com linha brilhante e aplicadas com pequeninas pérolas. Para a noite, boleros de renda ou bordados, também com aplicações de pérolas e missangas. Muito elegante é sapato em tonalidade pastel combinando com o bolero.



MUITO interessante é este modelo «boutique» de Dior, na linha Império 1956.



Week-end na cozinha

Os brócolis são ricos em ferro e em cálcio, além de ter benéfico efeito sobre o funcionamento dos intestinos. Por isso não deve faltar em sua mesa ao menos uma vez na semana. Há várias maneiras de prepará-los.

★ Cozinhe os brócolis em água e sal (pouca água) depois de tirar os talos mais duros e lavar muito bem. Reaqueça em manteiga, alho e cebola.

★ Depois de cozidos em água e sal, os brócolis podem ser comidos como salada, temperados com azeite, vinagre e sal ou com um molho de salada de sua preferência.

★ Arrume os brócolis já cozidos e temperados numa forma de pirex. Cubra com molho branco e espalhe por cima abundantemente uma camada de queijo parmesão ralado. Ponha no forno até tostar ligeiramente.



Lembrete às noivas

Não é absolutamente necessário dar uma recepção por ocasião do casamento. É absurdo enfrentar despesas, se lhe irão sobrecarregar o orçamento. Não é descortesia nem para com os parentes, nem para com os amigos, mesmo que eles compareçam à cerimônia religiosa ou civil.

Vem dos países nórdicos o uso da noiva cortar o bolo. Depois de cortar a primeira fatia deve, porém, deixar a outrem prosseguir, e tratar de dar atenção aos convidados, aos parentes e ao esposo.

Quando chega ao altar a noiva tira a luva da mão esquerda, que receberá a aliança.

Entra na igreja de braço dado com o pai ou quem lhe faz as vezes. Sai de braço com o esposo. A tradição manda que na saída o pai da noiva dê o braço à mãe do noivo e vice-versa.

Pernas bonitas e saudáveis

◆ Provavelmente, durante o último verão — estação do ano em que mais facilmente se mostram as pernas — você teve oportunidade de observar como é difícil encontrar uma que seja realmente bonita e perfeita. Analisando a sua diante do espelho você estudou os seus defeitos, chegando à conclusão de que há alguma coisa que precisa ser corrigida. Para ajudá-la nesse empreendimento, selecionamos alguns exercícios ótimos e que não são de difícil execução. Com método e constância embelezarão as suas pernas.

— Caminhe nas pontas dos pés, encolhendo o ventre e erguendo o peito sempre que puder. Depois ande apoiada nos calcanhares, por alguns minutos.

— De pé, junte as pernas, apertando-as ligeiramente uma contra a outra. Depois vá levantando de vagar o calcanhar, esticando o corpo para cima o mais possível. Mantenha-se assim por alguns segundos. Depois, sempre lentamente, vá descendo o calcanhar até apoiar toda a planta dos pés no chão.

— Escolha na sua biblioteca um livro bem grosso — provavelmente um «best seller» ou um dicionário. Não

é para ler não! Fique de pé sobre ele, com os dedos para fora do livro. Abaixar os como se quisesse folhear as páginas. Depois torne a esticá-los. É um ótimo exercício para os dedos dos pés e os músculos das pernas.

— Sente-se no chão. Estique bem as pernas para a frente com os calcanhares juntos. Faça força para não dobrar os joelhos. Depois vá abaixando as pontas dos pés como se quisesse tocar o chão com os dedos. Permaneça assim por alguns segundos e depois descanse. Repita esse exercício 25 vezes, todas as manhãs.

— Sempre que caminhar com sapatos altos procure colocar no chão primeiro as pontas dos pés e a seguir os calcanhares. Encolha a barriga. Ponha os ombros para trás. Seu porte se tornará «altivo e romântico», como requer a silhueta 1956.

x x x

A depilação semanal, o uso de pedra-pomes nos lugares mais ásperos como calcanhares e plantas dos pés, são indispensáveis para a beleza de suas pernas.



Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O AVÔ ARKHIP

(Continuação da página 13)

A voz do avô transformou-se numa espécie de uivo agudo que gelou Lenka, de espanto.

Os trovões retumbaram na estepe e no céu, e rodaram pelos espaços apressadamente, como se cada um deles levasse uma mensagem das nuvens à terra, e alcançando-se uns aos outros, estalassem quase sem interrupção.

O céu vibrava, rasgado pelos relâmpagos; a estepe tremia, e ora se ascendia em roxa luz, ora ficava sumida nas trevas profundíssimas. Algumas vezes o relâmpago iluminava os horizontes e parecia então que o espaço retrocedia precipitadamente ante o estrondo e os rugidos dos elementos desencadeados.

A chuva continuava caindo em gotas que brilhavam como o aço dos relâmpagos, fazendo empalidecer as distantes luzes da vila.

O horror, o espanto e o remorso, pelo que tinha dito a seu avô embargaram o ânimo e o coração de Lenka. Apesar das gotas de água que em fios corriam da sua cabeça molhada pela chuva, até aos seus olhos, tinha estes escancaradamente abertos: sem atrever-se a fechá-los, escutava a voz de seu avô, perdida naquele oceano de terríveis e poderosas harmonias.

Lenka observou que o avô permanecia imóvel, e pareceu-lhe que ele devia ir para qualquer parte, desaparecer e deixar o velho só. Sem dar conta disso foi se aproximando pouco a pouco de Arkhip e quando lhe tocou com o cotovelo, estremeceu, como à espera de alguma coisa horrível.

O relâmpago, rasgando as nuvens, iluminou aqueles dois seres, sentados, um junto ao outro, os dois muito pequenos, com os músculos crispados e inchados pela água, que as torrentes

desprendiam sobre eles os raios das árvores. O avô agitou no vazio as suas mãos e murmurou palavras incompreensíveis. Parecia que se estava afogando. Lenka olhou-o de frente e lançou um grito de terror. A sinistra claridade do relâmpago, pareceu-lhe que o seu rosto era o de um cadáver, e viu, nos seus olhos já vidrados, a verdadeira expressão da loucura.

— Avô, vamos! — exclamou ocultando a sua cabeça entre os joelhos do velho. Este inclinou-se para ele. Rodeou-o com as suas mãos fracas e ossudas. Estreitou-o fortemente contra o seu peito, e começou a uivar de uma maneira queixosa, como poderia fazer o lobo colhido num laço.

Lenka, a quem aqueles uivos espantaram, até pô-lo fora de si, arrancou-se dos braços do avô, deu um salto, e partiu como uma seta, assustado pelos relâmpagos, caindo, levantando-se,

fugindo sempre, entre profundas trevas que umas vezes afugentavam o relâmpago, e outras o estreitavam e envolviam na densidade das suas sombras.

O trovão continuava rugindo, e os relâmpagos faziam-se cada vez mais frequentes e mais ameaçadores. A chuva produzia, ao cair, um ruído glacial, monótono, triste... Dir-se-ia que na estepe não se tinha conhecido jamais outra coisa que o ruído da chuva, o fulgor do relâmpago e o ribombar do trovão.

★

Na manhã seguinte, os rapazes que brincavam nos arredores da vila, voltaram a ela, correndo, e introduziram na vizinhança um grande alarme, assegurando que tinham visto o velho mendigo, de baixo de um álamo, onde provavelmente tinha sido degolado, atendendo a que, junto dele, se via um punhal. Quando os cossacos, porém, foram comprovar o fato, resultou que os detalhes não eram de todo exatos.

O velho vivia ainda.

Quando se aproximaram dele, fez vãos esforços para se levantar. As forças não o ajudaram. Observou-se que tinha um ataque de paralisia na língua. O seu olhar, ao partir dos seus afundados olhos, parecia perguntar por alguma coisa, ou por alguém, e procurá-lo entre os que se lhe aproximavam. Não encontrou nada, nem ninguém lhe deu resposta alguma.

Morreu na tarde do mesmo dia, e deu-se-lhe sepultura de baixo do álamo, no mesmo sítio em que o tinham encontrado, por se crer que não se devia enterrar no cemitério, visto ser um ladrão, que tinha morrido sem receber os santos sacramentos da igreja.

Dois ou três dias depois foi encontrado Lenka.

Uma porção de corvos voava dando voltas sobre um barranco nos arredores da vila, e quando se tratou de inquirir a causa, foi achado o cadáver do pequeno, estendido no chão, de boca para baixo, com os braços e as mãos também estendidos para a frente, na lama viscosa que a chuva tinha formado no fundo do barranco.

Pensou-se, a princípio, em dar-lhe sepultura no cemitério, visto que era uma criança, mas depois, refletindo melhor, enterraram-no ao lado de seu avô, de baixo do mesmo álamo. E marcou-se o sítio da sepultura com um grande montão de pedras, sobre as quais se colocou uma cruz também de pedra.

FIM

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembêlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME

RUA, Nº

CIDADE

ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

ITINERÁRIO DO BRASIL

As ásperas reintrâncias da costa do Paraná — «o que é semelhante ao mar» pelo volume de seus rios — não despertaram, após o descobrimento, a curiosidade dos colonizadores. Um exemplo está em Pero Lopes de Souza, que na viagem ao Prata — em 1532 — passou ao largo da angra de Paranaguá.

Em 1548, no entanto, Hans Staden viu-se forçado a procurar abrigo em Superagui. No século XVI, os quase duzentos mil quilômetros quadrados do Paraná de hoje eram habitados por numerosas tribos selvagens. Entre os rios Paranapanema, Tibagi e Iguaçu dominavam os Guaranis. De Cananéia à Lagoa dos Patos, os Carijós. Os Tingüins — «nariz afilado» — ocupavam os campos de Curitiba. Na Serra Apucarama ficavam os Guaianás.

Em 1541, D. Álvaro Nunez Cabeza de Vaca — como **adelantado** do rei da Espanha — tomou posse de Cananéia e da Ilha de Santa Catarina. Pelo sertão, em seguida, alcançou o Para-

Nos primeiros anos do século XVII, porém, ao sul do Paranapanema, do Tibagi e do rio Paraná iniciaram os jesuítas as **Reduções** indígenas. Desde 1554, em Guaíra já havia Ontiveros, Ciudad Real e Vila Rica do Espírito Santo. A pouco e pouco, estenderam-se as **Reduções**. Treze? Quinze? Mais, talvez. A de Nossa Senhora do Loreto — nas proximidades da foz do Pirapó — nasceu em 1610. Nela, três anos depois escreveu Montoya a preciosa ARTE Y VOCABULÁRIO DE LA LENGUA GUARANY. Aparentam-se duas **Reduções** no Paranapanema, oito no Tibagi, duas no Ivaí e três no Piquiri.

Eram, na maioria, habitadas por Guaranis. Abriavam, porém, silvícolas de outras nações, tal a de S. José — que tinha Camperos; a de Los Angeles — que tinha Caingangues e Cabeludos; a de Concepción — que tinha Guaiachos.

Esses modelares centros civilizadores tiveram origem na solicitação do bispo de Tucumán — D. Francisco Vitória — aos Provinciais dos inácianos no Brasil e no Peru. Daqui foram os padres Arminio, Juan Salonio, Tomás Filds, Manoel



O DESPONTAR DO PARANÁ

EDUARDO TOURINHO

guai. Entre 1555 e 1557 — submetidos os Guaranis — o governo paraguaio fundou Ontiveros, Vila Rica e Ciudad Real na larga faixa de terra da Província de Guaíra. Pelo Tratado de Tordesilhas, o extremo sul do Brasil português ficava em Paranaguá, cujas minas auríferas — em 1767 — tanta gente atraíram. Daí em diante toda a terra era da Espanha, embora Pero Lopes tivesse chantado Padrões de posse no Prata.

x x x

O território paranaense estava compreendido nas Capitânicas de Martim e de Pero Lopes de Souza. Só em 1873, suas lindes com o Paraguai ficaram definidas. Com a Argentina, só em 1894 através do laudo arbitral do presidente Goyer Cleveland que repartiu as cataratas do Iguaçu entre os dois países.

Não era seiscentista, a costa paranaense não tinha população branca, mas moradores de S. Vicente iam escambar utilidades com os Carijós de Superagui. O povoamento começou, em verdade, com a descoberta das minas de Paranaguá. Com Gabriel de Lara chegou, em 1640, a primeira leva de mineradores. Em 1668, no planalto desponta o povoado de Nossa Senhora dos Pinhais com o Pelourinho na praça principal e Mateus Martins Leme como capitão-mor povoador. De 1693, é a vila de Curitiba que — a 5 de fevereiro de 1848 — é cidade. Contava, então, cinco mil e oitocentos e dezenove habitantes e tinha pouco mais de trezentas casas.

Ortega e Estêvão de Grão. Do Peru, dois padres e um irmão leigo.

Em 1588, Ortega e Filds avaliavam em duzentos mil os índios que povoavam a Província de Guaíra. E' quando começaram a florescer as **Reduções** sob o mando de um cura, de um alcaide e de um corregedor. Os silvícolas lavravam a terra e criavam gado. Tiveram, depois, as **Reduções** templos mais imponentes e com mais preciosos ornatos do que Assunção. De todas, a mais bela dessas aldeias era a de Santo Inácio Mini. Quando nenhum núcleo de população branca havia no Paraná, as **Reduções** contavam com mais de cem mil aborígenes.

x x x

Quando Raposo Tavares e Manoel Prêto — alargando os limites meridionais do Brasil — ferozmente aniquilaram as **Reduções** de Guaíra, os padres Montoya, Dias Tanho e Simão Maceita concertaram o salvamento dos doze mil índios remanescentes. Em setecentas jangadas e guiados por sete inácianos, desceram eles o Paranapanema e — enfrentando terríveis óbices — estabeleceram-se em Tapes, no Rio Grande do Sul.

Era pelo antiquíssimo caminho de Peabiru — que da costa de S. Vicente alcançava o Pacífico — que os Bandeirantes avançavam. O de Cubatão unia Curitiba à costa. Ao tornar-se Província, três eram as estradas paranaenses que desciam do planalto para o litoral: a da Graciosa, a de Itupava e a do Araial.

Povoado por portugueses e espanhóis, recebeu o Paraná reduzido contingente de africanos. Em 1872 e numa população de 116.162 habitantes, os negros e mestiços não eram mais do que 10.560.

Foi Eleodoro Ebanos — do Rio saído numa expedição — que descobriu ouro em Paranaguá. Em 1648, pelos campos de Curitiba andou Baltasar Carrasco dos Reis. Em 1668, Gabriel de Lara funda Curitiba — que se torna vila em 1693. Em 1848, é cidade. Em 1854, capital do Estado, um ano antes constituído em província.

x x x

O primeiro presidente do Paraná tornado província, foi o notável Zacarias de Góis e Vasconcelos. Muito trabalhou pelo progresso da terra.

No decorrer do século passado, colonos alemães, franceses e suíços se estabeleceram no Paraná. A primitiva lavoura do mate e a criação de gado cederam lugar à extração de madeiras, às culturas de café e a indústrias que, hoje, garantem-lhe opulenta economia. Saint-Hilaire não reconheceria, agora, a Curitiba vista em 1820 com duzentas casas térreas, três igrejas e pouca gente abastada. O Contestado ensanguentou o solo paranaense entre 1912 e 1915, tal como antes outros movimentos armados.

Proclamada a República, seu 1º governador foi o coronel Francisco José Cardoso Júnior.

SÓ A INDUSTRIALIZAÇÃO RESOLVE

O LIXO TAMBÉM PODE



QUATROCENTOS CONTOS POR DIA, É O QUE PODE DAR O LIXO DO RIO
★ ENQUANTO A PREFEITURA GASTA UM MILHÃO PARA JOGÁ-LO FORA...
★ COMO SE PROCESSA A INDUSTRIALIZAÇÃO ★ «É UMA VERGONHA QUE O
RIO APRESENTE UM SERVIÇO DE COLETA TÃO PRECÁRIO» — AFIRMA
O DIRETOR DA LIMPEZA PÚBLICA ★ «O LIXO MAIS RICO DO MUNDO É O
NOSSO ★ DECLARA O VEREADOR MAIS ENTENDIDO NO ASSUNTO

Reportagem de W. GUARNIERI

● DIZEM QUE o Rio de Janeiro, até uns quinze anos atrás, era uma cidade mais ou menos limpa. Hoje em dia, porém, pode ser a Cidade que também já foi Maravilhosa considerada como a Capital Mundial da Sujeira. O lixo se acumula nas ruas, transborda das latas, esparrama-se por calçadas; imiscui-se nos terrenos baldios, agrupa-se em montes à beira das estradas, dificulta o trânsito de veículos. É uma cidade suja, mal cheirosa, pouco convidativa, pegajosa, irritante. Urge uma solução para o problema do lixo, que nos últimos

tempos atingiu proporções calamitosas, dantes desconhecidas. Urge uma solução, pois em caso contrário, ao lado do Pão de Açúcar, muito em breve verá o turista que chega ao Rio de Janeiro outro monte ainda maior — o do lixo —, erguido como um monumento à incúria das nossas autoridades municipais. A fim de sondar a situação atual do lixo no Distrito Federal, buscamos escutar a opinião do doutor Edgar Soutelo, diretor da Limpeza Urbana, e do senhor José Cândido Monteiro de Souza, vereador e estudioso da questão.

FAZER MILIONÁRIOS



O LIXO, QUE NO RIO CONSTITUI UM PROBLEMA, É NAS OUTRAS CAPITAIS UMA FONTE DE RIQUEZA. ATÉ QUANDO A PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL DEIXARÁ O SERVIÇO DE LIMPEZA ENTREGUE EXCLUSIVAMENTE AOS URUBUS?



TERI

Urge
mui-
nonte
cúria
atual
outor
ndido

O LIXO TAMBÉM...

Esforço sobrehumano exige o serviço de coleta do lixo na cidade. Um servidor do Departamento de Limpeza Urbana, carregando o lixo para o interior dos caminhões de coleta, levanta, no fim de seu dia de trabalho, cerca de 2.000 quilos. Por isso a frequência ao trabalho sofre uma baixa diária de 30%. Não há lixeiros, não há caminhões. Há lixo.

● Assim se expressa um dos maiores entendidos na matéria, o senhor José Cândido Monteiro de Souza, «double» de vereador e industrial:

— A verba de 10 milhões votada pela Câmara, em regime de urgência, para aluguel de caminhões particulares para coleta de lixo, nada mais é que um paliativo. É uma solução de emergência... mais uma emergência para o país das soluções provisórias...

Tendo viajado muito, e conhecendo de perto quase todas as usinas de beneficiamento de lixo da Europa e dos Estados Unidos, o vereador José Cândido está, como ele mesmo diz, «dentro do problema».

— O problema do lixo no Rio só poderá ser resolvido com a sua industrialização, como aliás já se faz nas grandes cidades do mundo. O tratamento do lixo está para as cidades civilizadas assim como a água encanada e a luz elétrica.

MUITO SIMPLES

— Somente a falta de previdência das nossas administrações — continua — nos deixou sem solução até hoje para um problema que é, diga-se de passagem, dos mais simples...



VEREADOR JOSÉ CANDIDO — «O lixo do Rio chega a ser «luxuoso» em comparação com o das demais cidades do mundo. Só de matéria celulósica recuperável possui mais de 40 por cento, quando Estocolmo a «capital do papel» não vai além de 35 por cento...»



O que, para nós, ainda representa um problema, em outras capitais é fonte de riqueza...

Depois de afirmar que pela sua composição média o lixo pode produzir vários e inúmeros sub-produtos mais ou menos valiosos, acentua o sr. José Cândido:

— A industrialização como é feita, por exemplo, em Paris, constitui-se, em rápidos traços, do seguinte: a matéria coletada é depositada em fossas especiais, e, de início, sofre a primeira triagem, através de peneiras que selecionam o material miúdo; esse material passa por um eletro-ímã que retira os metais pequenos que serão vendidos a quilo, e, do restante, é feito o adubo pulverizado.

COMO SE PROCESSA A TRANSFORMAÇÃO

— Com o material gráudo se procede da mesma forma quanto ao metal (já agora gráudo) composto de latas e peças maiores. Esse metal depois de prensado é vendido em fardos, de peso certo, e é excelente auxiliar de fusão para altos fornos. Em seguida, é o material selecionado (em sua maioria matéria celulósica) levado a um conjunto forno-caldeira, que graças ao poder calorífico produz a queima, e por consequência, vapor, que irá alimentar um grupo turbo-gerador para a produção de eletricidade. Por fim, a escória do forno é vendida ou, em natureza, ou em forma de brinquedos, excelente material para pavimentação de estádios, e até mesmo de certos tipos de estradas. Os brinquedos têm, também, características isotérmicas apreciáveis.

— E o nosso lixo presta-se para esse aproveitamento?

— O lixo do Rio é um dos mais ricos do mundo. Se se comparar aos lixos de Paris, Toulouse, Atlanta, Londres e vários outros,

chega-se facilmente a concluir pela grande riqueza do nosso lixo. Quer um exemplo? O nosso tem cerca de 40 por cento de matéria celulósica (papel, madeira, etc.), só inferior ao de Estocolmo, e, mesmo assim, por se tratar de um dos maiores produtores de papel do mundo. De metal ferroso tem o lixo do Rio cerca de 3 por cento. De matéria orgânica cerca de 35 por cento (adubo magnífico)...

— E a eletricidade?

— Disso então nem é bom falar. Com um poder calorífico de 1850 unidades, o nosso lixo chega a ser «luxuoso»... Assim é que, só na queima se poderá obter cerca de 15.000 kw/hora!... Isso significa que só com o lixo seria possível iluminar 3/4 da cidade (ruas, praças, etc.). A mesma energia que ora nos fornece a Usina Piraquê, flutuante.

BOM NEGÓCIO

Tomando por base, esclarece o sr. José Cândido, que o lixo atualmente produzido no Rio é de cerca de 2.000 toneladas diárias e calculando os sub-produtos vendidos, aos preços atuais, demonstra:

— Em cifras, o montante desse aproveitamento seria o seguinte:		
Aprox. 60 tons. de material a		
Cr\$ 1,00 p/quilo	60.000,00	
Aprox. 500 tons. de adubo a		
Cr\$ 3,00 p/ton.	150.000,00	
Aprox. 15 mil kw/hora (revenda) a 0,50 ctvs.	180.000,00	
Moinha, cinza e diversos achados	10.000,00	

TOTAL POR DIA 400.000,00

— isso significa — explica — que o lixo carioca nos daria a bagatela de 140 milhões de cruzeiros por ano... ou na pior das hipó-



O engenheiro Edgar Soutelo, atual diretor do Departamento de Limpeza Urbana, começou o seu depoimento perante a Comissão Parlamentar de Inquérito, na Câmara Municipal, onde fôra convidado a «explicar as razões da irregularidade na coleta do lixo no Distrito Federal».

— A crise na coleta do lixo na capital da República, que agora se manifesta mais aguda, começou exatamente em 17 de fevereiro de 1947 quando no relatório que fiz ao então prefeito Hildebrando de Góis, aconselhava a compra urgente de 130 caminhões transportadores.

Falando com extremo desembaraço, num vozeirão convincente, o dr. Soutelo proporcionou quase duas horas de surpreendentes revelações aos vereadores atônitos, inclusive a mais grave de todas — quando demonstrou aos edis cariocas **que o lixo não pode mais ser coletado por culpa da própria Câmara Municipal**, que aprovara uma verba extraordinária rejeitada, em seguida, pelo Tribunal de Contas, **por ter sido classificada erroneamente...**

DESVIO DE VERBA E ADIAMENTOS

Recebendo-nos, agora, em seu super polido e envernizado gabinete de trabalho, prestamos o dr. Soutelo novos esclarecimentos:

— O crédito de 17 milhões de cruzeiros pedido pelo prefeito Hildebrando não chegou sequer a ser utilizado pelo meu Departamento, pois na mesma época assumia a direção do Executivo Municipal o gal. Mendes de Moraes e criou-se, também, a Superintendência dos Transportes. A verba que deveria ter sido aplicada na compra de caminhões coletores foi desviada para a aquisição de camionetes para transporte de funcionários...

Revela-nos ainda o dr. Soutelo que a crise do lixo é permanente, desde aquela época, renovando-se, mais aguda, em outubro do ano passado, quando o prefeito Alim Pedro atenuou-a, em parte, pelo fornecimento de um adiantamento de 1,5 milhões de cruzeiros para o aluguel de caminhões particulares.

— Com esse adiantamento, o serviço de coleta pôde prosseguir satisfatoriamente até que nos últimos dias do ano passado o dinheiro acabou... Novo adiantamento, já então na administração Sá Lessa, foi concedido ao D.L.U., e determinei que os serviços fossem reencetados por conta da verba já aprovada pela Câmara.

«Mas, o dinheiro não chegou a sair, porque o Tribunal de Contas negou registro, e como consequência, até hoje devo aos proprietários de caminhões mais de 1 milhão e 400 mil cruzeiros...»

— Na emergência atual — continua — pede-me o prefeito Negrão de Lima urgência para iniciar a «blitz» do lixo. Sei que a Câmara já aprovou um novo crédito de 10 milhões... mas «gato escaldado»... Não vou contratar caminhão algum até que o Tribunal se manifeste a respeito do novo crédito!

FALTA DE GARIS

Depois de acentuar que o seu Departamento luta com a falta de pessoal, pois devido à própria natureza do serviço a baixa diária (lixeiros que não comparecem por doença, acidente no trabalho, licença, férias, etc.), é de 30 por cento, afirma o diretor da Limpeza Urbana:

— Um trabalhador que coleta o lixo, movimenta durante as oito horas de trabalho mais de 100 caçambas de 40 centímetros cúbicos

cada uma, ou seja, 4 metros cúbicos, ou ainda, aproximadamente 2 toneladas por dia...

COMPRA DE CAMINHÕES

— Muito se tem falado — prossegue — na compra de caminhões da Fábrica Nacional de Motores para os serviços do D.L.U. Examinei essa possibilidade, tendo visitado a referida fábrica, e cheguei à conclusão de que os caminhões da F.N.M. não servem para tal finalidade. Atendendo ao enorme esforço físico a que estão obrigados os garis, os caminhões de lixo não devem, de modo algum, possuir altura lateral superior a 1,60 metros, contado do solo. No entanto, os caminhões F.N.M. possuem aproximadamente 2,30 metros. Além disso, são mais caros que os importados, pois custam Cr\$ 700.000,00 mais, sem a carroceria...

SÓ A INDUSTRIALIZAÇÃO RESOLVE

Finalizando, declara:

— É uma vergonha que uma cidade como o Rio de Janeiro apresente um serviço de coleta de lixo tão precário, inferior ao de outras cidades brasileiras, como São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e Recife.

«A solução definitiva do problema do lixo está na sua industrialização, a exemplo do que já vem sendo feito em várias capitais e cidades da Europa e dos Estados Unidos. Na França, as usinas de incineração estão sendo transformadas para aproveitamento industrial. E é preciso não esquecer que o «Rio possui o lixo mais rico do mundo...»

«E isso não é ufanismo...» — arremata.



ENG. EDGAR SOUTELO — «O diretor da Limpeza Urbana não pode sequer dar ordens a um motorista de caminhão de lixo... A Superintendência de Transportes da P.D.F. atrapalha tudo, fornecendo 60 carros quando necessita de 150...»

teses, caso não se venda tudo, uns 100 milhões de cruzeiros...

O GASTO ATUAL

— Mas, o que acontece agora? Apenas isso: a Prefeitura do Distrito Federal para coletar (da forma precária que se conhece) o lixo e depois... jogá-lo fora, gasta cerca de **um milhão de cruzeiros por dia!**...

— E, no caso da industrialização, como seria resolvido o problema da coleta do lixo?

— Nesse caso, o problema não existiria. O lixo passaria já agora a ser a matéria prima de uma indústria e o interesse de coletá-lo seria enorme. Foi, aliás, o que aconteceu em todas as cidades onde se adotou o processo. Em Paris, uma firma que contratou a exploração de uma das usinas (e lá existem 4 delas) **chega a dar prêmios extras aos caminhões que mais lixo coletam...**

E qual o custo de uma usina dessas?

— Se fizerem hoje, cerca de 600 milhões de cruzeiros... Mas, se eternizarmos a solução, coisa aliás tão a gosto de nossas administrações, então o preço irá chegando aos limites do impossível...

SE O PREFEITO QUISER...

— A construção financiada, torna possível ao Poder Público resolver esse problema sem desembolsar quase nada. Isso, entretanto, dependerá, é claro, da concorrência a ser aberta e do seu certo e rigoroso julgamento. O fato é que **esse é um dos mais fáceis problemas do Rio**. Para resolvê-lo já estou de projeto pronto, recebendo, apenas, os retoques finais. O resto é com o prefeito... Se ele quiser, pode resolver o problema do lixo optando pela sua industrialização.

ÚLTIMO FLASH

O Dia das Mães (ENCARCERADAS)

♦ Qualquer que tenha sido o crime praticado por essa mulher, a ela também assiste o direito de participar — simbolicamente, embora — das comemorações que agora se fazem por todo o Brasil. Quem é essa criatura, a quem vemos, na gravura, dando o seio para alimentar o filho? Não importa seu nome; nem o que haja feito para se encontrar onde a fotografia se fez — a Penitenciária de Bangu. Se ela matou, está expiando o seu crime e dando uma satisfação à sociedade. Poderá, num amanhã mais ou menos próximo, sair daquela prisão sem grades, moralmente reabilitada e em perfeito reajustamento, capaz de se fazer uma criatura de bons sentimentos. Um, pelo menos, está revelando, nesse flagrante: o da maternidade. Pena que esse inocente tenha de viver — pelo menos neste primeiro ciclo — dentro de uma cela. Isso não impede que algum dia seja um cidadão brasileiro de nome limpo e dando à sua pátria o máximo de seu rendimento, como trabalhador ou chefe de família. E a esse tempo, quando uma vez por ano ainda for festejado o Dia das Mães, ele voltará o pensamento para aquela que o pôs no mundo e o amamentou mesmo à sombra da lei. O Dia das Mães, também o é, por direito cristão, das Mães Encarceradas.

(No próximo número, completa reportagem sobre a vida das ocupantes da Penitenciária de Bangu.

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratário & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGENCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 19 — Rio de Janeiro — 12-5-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna**
ENDERECO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

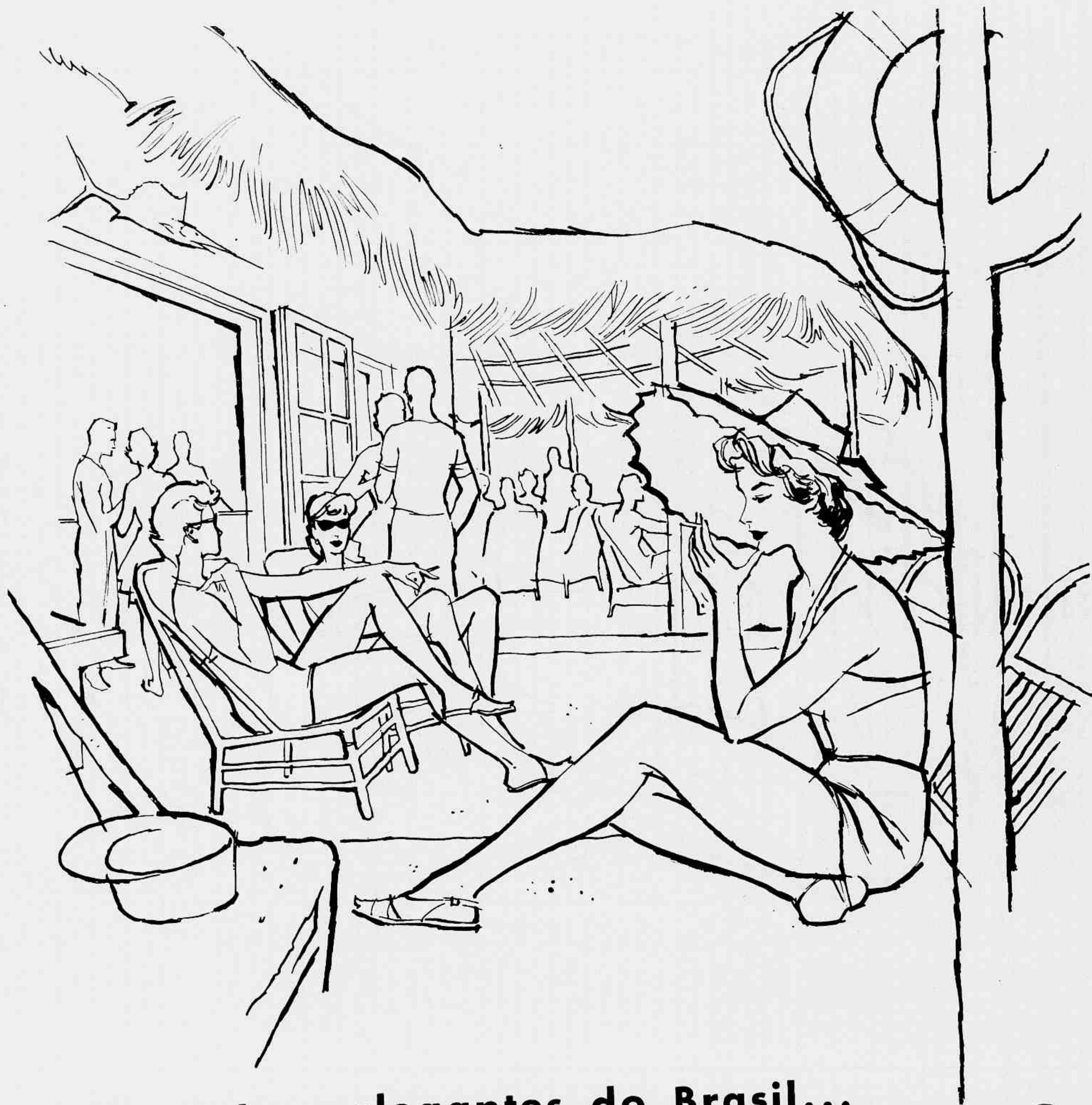
ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 380,00
Seis meses.....	Cr\$ 190,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 500,00
Seis meses.....	Cr\$ 250,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto



Dormir

BEM ***



É MUITA COISA

COLCHÃO DE MOLAS

Selo DE
OURO

PRAÇA ONZE DE JUNHO, 282 — Tel. 43-1787
RUA SETE DE SETEMBRO, 196 — Tel. 43-9125
RUA LUCÍDIO LAGO, 96-B (Meier)